

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

“SE ALGUÉM ESTÁ EM CRISTO, NOVA CRIATURA É”:

**A ESPIRITUALIDADE QUE BROTA DA
FORMAÇÃO BÍBLICA PARA JOVENS**

REZENDE BRUNO DE AVELAR

**GOIÂNIA
2004**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

“SE ALGUÉM ESTÁ EM CRISTO, NOVA CRIATURA É”:

A ESPIRITUALIDADE QUE BROTA DA
FORMAÇÃO BÍBLICA PARA JOVENS

REZENDE BRUNO DE AVELAR

ORIENTADORA

Prof^a Dr^a Ivoni Richter Reimer

Dissertação apresentada ao curso
de Mestrado em Ciências da
Religião como requisito para
obtenção do grau de Mestre.

GOIÂNIA
2004

Porque são especiais:

Walderes Brito.

Maria Avelar (In Memoriam), minha mãe.

Lindório Souza, meu pai.

Meus nove irmãos e irmãs.

A filha da antiga lei

Deus não me dá sossego. É meu agulhão.
Morde meu calcanhar como serpente,
faz-se verbo, carne, caco de vidro,
pedra contra a qual sangra a minha cabeça.
Eu não tenho descanso neste amor.
Eu não posso dormir sob a luz do seu olhar que me fixa.
Quero de novo o ventre de minha mãe,
sua mão espalmando contra o umbigo estufado,
me escondendo de Deus.

(Adélia Prado)

Agradecimentos

A todas as pessoas que me apoiaram, acreditaram em mim e facilitaram meus estudos. São tantos e tantas para agradecer.

- Da Casa da Juventude: Vanildes Gonçalves, Kelly Cristina, Edina Lima, Carmem Lúcia, Ana Trindade, Elmira Vicente, Lourival Rodrigues, Pe. Geraldo Labarrère, sj, Pe. José Garcia, sj, Pe. Itamar Gremon, sj.
- Aos amigos: Florisvaldo Saurin Orlando (*in memoriam*), Bortolo Valle, Willian Bonfin, Célio Garcia, Azézio Barreto, Ronei Maciel, Rayner Florêncio e Mirin Borges.
- À prima Sara Vicentini porque se encanta com as palavras.
- À direção do IFITEG: Frei Jaime Biazuz, Frei Odolir Dal Mago, Elza de Paula e Esmeralda Santos.
- À Prof^a. Dr^a. Ivoni Richter Reimer (orientadora) e ao Prof. Dr. Haroldo Reimer.
- Aos/às jovens da EBJ que com carinho e disponibilidade responderam ao questionário da pesquisa

ABREVIATURAS

CAJU	Casa da Juventude Pe. Burnier
CEBI	Centro de Estudos Bíblicos
CEDCA	Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente
CELAM	Conselho Episcopal Latino-americano
CF	Campanha da Fraternidade
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CUCA	Curso de Capacitação de Assessores
EBJ	Escola Bíblica para Jovens
IBRADES	Instituto Brasileiro de Desenvolvimento
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
PJ	Pastoral da Juventude
PJB	Pastoral da Juventude do Brasil
RCC	Renovação Carismática Católica
SEJ-CELAM	Setor Juventude – Conselho Episcopal Latino-americano

SUMÁRIO

RESUMO	09
ABSTRACT	10
INTRODUÇÃO	11

CAPÍTULO I - ENTRE A TRADIÇÃO E O MERCADO – EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO SOBRE A IDENTIDADE DA JUVENTUDE

14

1.1 - Globalização	16
1.1.1 - Globalização e massificação.....	20
1.1.2 - Influências da globalização sobre a religião	23
1.2 - Tradição e identidade religiosa	26
1.2.1 - A tradição cristã católica	27
1.2.2 - Identidade e sagrado na Igreja Católica Romana	31
1.2.3 - Catolicismo popular	33
1.2.4 - Religiosidade e fé	34
1.3 - Religiosidade da juventude no meio urbano	36
1.3.1- Efeitos da globalização na juventude	39
1.3.2 - Efeitos da propaganda religiosa sobre a juventude	41

1.3.3 - Resistência da juventude à globalização	42
1.3.4 - Pastoral da Juventude no Brasil	47
CAPÍTULO II - FORMAÇÃO BÍBLICA PARA JOVENS	51
2.1 - Casa da Juventude Pe. Burnier	52
2.1.1 - Organização	56
2.1.2 - Parcerias e serviços	57
2.1.3 - Mística	58
2.2 - Escola Bíblica para Jovens	60
2.2.1 - Objetivo	62
2.2.2 - Metodologia e hermenêutica	66
2.2.3 - Símbolos e mediação simbólica	74
2.2.4 - Corpo, liturgia e festa: Espiritualidade da EBJ	80
CAPÍTULO III - INDICATIVOS DA CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ SOLIDÁRIA	88
3.1 - Ampliação da rede de relações	89
3.2 - Nova maneira de cultivar relações	97
3.3 - Novo modo de contemplar a Bíblia e a Vida	102
CONCLUSÃO	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
ANEXO	123

RESUMO

AVELAR, Rezende Bruno de. *“Se alguém está em Cristo, nova criatura é”: a espiritualidade que brota da formação bíblica para jovens.* Goiânia: UCG, 2004.

Esta pesquisa evidencia a espiritualidade que nasce da formação bíblica sistemática, a partir da experiência da EBJ - Escola Bíblica para Jovens. No primeiro capítulo, caracterizamos o fenômeno da globalização e os seus efeitos sobre as tradições religiosas, bem como os movimentos de resistência frente à massificação neoliberal. No segundo capítulo descrevemos a EBJ, situando-a dentro desses movimentos de resistência, explicitando os objetivos, a metodologia e os mediadores simbólicos utilizados nesse projeto de formação. Finalmente, analisamos os desdobramentos da EBJ, a partir de depoimentos de ex-participantes, que atestam a viabilidade e a legitimidade do esforço pela elaboração de uma hermenêutica do jovem. Eles/as testemunham que o processo vivido ampliou sua rede de relações, forjou uma nova maneira de conduzi-las e possibilitou a experiência de um Deus próximo e amoroso, que os/as leva a assumirem suas próprias condições e ampliarem a solidariedade para com todas as criaturas.

Palavras-chave: Juventude, Bíblia, Espiritualidade, Hermenêutica, Religião, Gênero.

ABSTRACT

AVELAR, Rezende Bruno de. *"If anyone is in Christ, there is a new creation"* – the spirituality that comes from the youth bible formation. Goiânia: UCG, 2004.

This research establishes the spirituality that rises from a systematic bible formation based on the experience of the YBS - Youth Bible School. In the first chapter, we describe the globalization phenomenon and its effects on religious traditions as well as the resistance movements which fight against neoliberalism. In the second chapter we describe the YBS placing it within these resistance movements, revealing its aims, its methodology and the symbolic tools used in this bible formation process. Finally, we analyse the outcome of the YBS based on statements of ex-participants who confirm the viability and the legitimacy of the effort to produce a youngsters' hermeneutics. The participants testify that the process in which they took part has made their network relations ample and has developed a new way of dealing with this relations. Besides, it made it possible the joyful experience of a loving and close God which led them to take their conditions on and ample the solidarity with all God's creatures.

Key-words: Youth, Bible, Spirituality, Hermeneutics, Religion, Gender.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é fruto da investigação do universo religioso da juventude, a partir da experiência da Escola Bíblica para Jovens, da Casa da Juventude Pe. Burnier, em Goiânia, GO, no período de 1995 a 2002. Na pesquisa, verificamos a contribuição da formação bíblica sistemática no processo de amadurecimento na fé de jovens, identificando os desdobramentos que a metodologia usada provoca na vida desses/as jovens, particularmente, na relação consigo mesmo, com os/as outros/as e com Deus.

Num dos primeiros passos da pesquisa, confrontamos a experiência de formação bíblica para jovens dessa Escola com o referencial de pensadores que iluminam o campo das Ciências da Religião. Entre muitos autores e autoras, destacamos as contribuições de Enzo Pace, Octavio Ianni e Reginaldo Prandi para entendermos o fenômeno da globalização. No campo da religião e da espiritualidade, contamos com o pensamento de Mircea Eliade, Cristian Parker, Leonardo Boff, José Severino Croatto e Mary Douglas. A compreensão sobre as novas hermenêuticas foi-nos dada por Joan Scott, Ivoni Richter Reimer, Elza Tamez, Elaine Neunfeldt, Abner Cohen e Carlos Mesters.

Além desses/as cientistas também utilizamos documentos da Igreja Católica Romana e vários documentos do arquivo da Casa da Juventude Pe. Burnier:

relatórios de planejamento, calendário de atividades, planos de ação de projetos educativos das áreas de formação e o Informativo mensal da CAJU.

Neste estudo, optamos pelos procedimentos qualitativos de coleta de informação, realizando uma entrevista participante com jovens que fizeram a Escola Bíblica. Uma pergunta aberta foi enviada para jovens, selecionados aleatoriamente, sendo obtidas 16 respostas, o que corresponde a mais de 10% dos 151 ex-participantes da EBJ. Em anexo apresentamos o instrumento e as respostas na íntegra, preservando os textos tal como nos foram fornecidos, com a intenção de percebermos o perfil dos/as jovens que fizeram a Escola.

O presente texto está organizado em três capítulos, sendo que o primeiro discute a globalização, fenômeno que parecia uma realidade particular da esfera econômica, que ganhou abrangência e acabou influenciando outros setores da sociedade. De modo massificador, este fenômeno afeta as tradições religiosas, ora descaracterizando, ora anulando a identidade e o sagrado presentes em diferentes religiões. Frente às investidas da globalização, porém, parcelas da sociedade, entre as quais a juventude, reagem se organizando em grupos, aderindo e participando de movimentos, como, por exemplo, a Pastoral da Juventude do Brasil.

No segundo capítulo tratamos de uma dimensão particular da Pastoral de Juventude do Brasil, que é a teológico-pastoral, relatando a experiência da Escola Bíblica para Jovens da Casa da Juventude Pe. Burnier. Esse caminho processual de educação da fé de jovens que tem a Bíblia como porta para o encontro com as raízes da tradição cristã. A proposta metodológica da Escola se firma no tripé: Pessoa, Comunidade, Realidade. A metodologia desencadeia um movimento de desconstrução e reconstrução, utilizando os instrumentais do estudo de Gênero

como categoria de análise, dos símbolos, das liturgias e das festas como mediadores de novas aprendizagens e encontros com a Palavra.

No terceiro capítulo apresentamos os indicativos da construção de uma fé solidária, evidenciada nos depoimentos dos/as jovens sobre a experiência vivida na EBJ e sobre as interferências desencadeadas nos/as que fazem esse caminho de estudo. O amadurecimento da fé dos/as jovens se confirma na ampliação e nova forma de conduzir as relações e numa nova espiritualidade. Os/as jovens que passam pela EBJ solidificam vínculos com diferentes grupos, estabelecem nova rede de amigos e amigas, além de se abrirem para compreender e dialogar com as diferenças de onde germina o espírito ecumênico. Outro desdobramento do processo vivido na Escola é o novo modo de enxergar a vida e de fazer experiência de Deus, que nasce da leitura comunitária da Bíblia e leva a uma espiritualidade comprometida e solidária.

CAPÍTULO I – ENTRE A TRADIÇÃO E O MERCADO – EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO SOBRE A IDENTIDADE DA JUVENTUDE

Na passagem do segundo para o terceiro milênio temos ouvido falar de dois fenômenos aparentemente antagônicos no universo religioso: a negação da religiosidade e a volta ao sagrado. Estatísticas apontam que há uma redução das pessoas que se declaram crentes e de crentes que negam sua vinculação com as grandes religiões. Segundo dados do IBGE, aumentou de 2,2% para 7,7% o número de brasileiros/as sem religião ou vinculados a outras religiões que não as tradicionais. Enquanto isso, no mesmo período, caiu de 95,2% para 83,3% o número dos que se declaram católicos.

Por outro lado, mesmo no meio urbano, onde tudo parece racional e frio, onde as expressões de secularização estão muito presentes, a permanência do sagrado é sinalizada em tradições que insistem em existir. Muitos e diferentes eventos religiosos estão nas ruas e praças, nos templos e terreiros e, cada vez mais, também na mídia.

Secularização e nova religiosidade são fenômenos relacionados. Mesmo a pessoa que se declara “sem religião” é filha da pessoa “religiosa”, como explicita M. Eliade (2001, p. 165): “O homem a-religioso descende do *homo religiosus* e, queira

ou não, é também obra deste, constitui-se a partir das situações assumidas por seus antepassados”. A vinculação religiosa de mulheres e homens urbanos se revela em variados aspectos, que são desdobramentos de uma imensa rede de antecedentes ou estão relacionados com a realidade sócio-cultural dos grupos urbanos.

Difícilmente a expressão religiosa de uma pessoa ou grupo está desvinculada de uma tradição. Por mais recente que seja um grupo religioso, sua identidade está ligada a uma espiritualidade ou tradição mais antiga. No caso dos grupos ou igrejas novos, podem estar ligados a outras tradições, provavelmente fruto de um rompimento com uma raiz originária.

Nas cidades é comum nos depararmos com templos novos: mórmons, budistas, salas da Seicho-no-iê, mesquitas, terreiros de Candomblé ou Umbanda, templos gnósticos, centenas de experiências originárias ou baseadas em tradições do oriente. Abre-se um leque de caminhos e tradições ligados a raízes de religiões milenares. Observa-se, porém, que a maioria dessas novas expressões religiosas, sobretudo no Brasil, são denominações cristãs.

Para serem reconhecidas e ganharem a confiança dos fiéis, as novas igrejas procuram firmar suas doutrinas ou linha espiritual numa dessas tradições históricas. Para melhor compreender a relação que há entre uma tradição histórica e uma outra que surge, reportamo-nos a Cristian Parker (1991, p. 287) quando diz: “O passado incide de tal maneira sobre o presente que seu prolongamento fornece as chaves de interpretação da realidade social e cultural. Daí a importância da tradição na interpretação dos desafios que todo momento o presente coloca”. O desafio colocado na atualidade é compreender os grupos religiosos novos e a ligação que os mesmo têm com uma tradição religiosa mais antiga.

Esses novos grupos religiosos se estruturam nos alicerces de uma cultura tradicional e, a partir daí, constroem outros conjuntos culturais. Ao estruturar novos espaços de comunhão com o sagrado, novas espiritualidades, um conjunto doutrinal ou mesmo a institucionalização de uma nova religião, tem-se configurado diferentes experiências de cultura religiosa.

1.1- Globalização

Sob a globalização que caracteriza o terceiro milênio, mulheres e homens de todos os grupos sociais e etnias experimentam o quanto suas vidas são marcadas pela busca do transcendente. Num mundo onde a experiência religiosa parece diluída mas ainda é forte, a pessoa se vê influenciada pelas diferentes interferências que sofre no cotidiano.

Todos os dias tomamos consciência de quão pequeno tornou-se o mundo. Se ligamos a televisão ou o rádio, abrimos um jornal ou uma revista, informações do mundo inteiro chegam rapidamente até nós. Na mais recente guerra dos Estados Unidos contra o Iraque, por exemplo, a mídia nos fez ter acesso aos bombardeios, com intensidade e realismo. Em muitos aspectos, o distante fica próximo. Sobretudo os/as jovens que mais usam a internet acompanham todas as informações e recebem as imagens transmitidas via satélites. São eles e elas que têm mais acesso e gastam mais tempo utilizando esse veículo da comunicação.

Assim como nos assustamos, também nos comovemos e nos aproximamos de mundos, culturas e realidades tão distantes geograficamente e tão perto virtualmente. Ouvimos os ruídos dos mísseis que são lançados, vemos o clarão das bombas que explodem. Imagens tão nítidas. Tão reais!

A guerra que assistimos em nossas casas é uma ferida mundial. Afeta desde compromissos simples, como ir à igreja para um culto, até a definição de políticas econômicas do Banco Mundial. O pastor fala dela em sua mensagem religiosa. O correio nos traz a correspondência do banco, comunicando que subiram as taxas dos serviços e que os rendimentos bancários baixaram.

Nos últimos anos cada vez mais ouvimos falar de globalização e de seus efeitos nas culturas locais, regionais e mundial. Primordialmente mundial, já que globalização é a abrangência e integração comercial de tudo e de todas as coisas, a queda de todas as barreiras, sobretudo as comerciais. Surge o chamado “livre comércio” que, na verdade, é um grande mercado no qual se compra e se vende de tudo, obedecendo às regras que interessam aos países de economia dominante. O que se propaga como “um mundo sem fronteiras” é apenas uma referência à derrubada das barreiras comerciais dos países ricos para com os consumidores do mundo subdesenvolvido.

Há que se perguntar (no mínimo desconfiar) sobre a configuração de um mundo dessa forma. Que interesses reais há por trás desse novo jeito de organizar o mundo? Como ficam as relações entre os países? Entre as pessoas? Entre mulheres e homens? Quem perde e quem ganha nesse projeto? O que é mesmo essa tal globalização? Ianni (1996, p. 11) ajuda-nos a clarear nossa compreensão, quando diz:

“A globalização do mundo expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial. Um processo de amplas proporções envolvendo nações e nacionalidades, regimes políticos e projetos nacionais, grupos e classes sociais, economias e sociedades, culturas e civilizações. Assinala a emergência da sociedade global, como uma totalidade abrangente, complexa e contraditória”.

Mais do que elaborar um conceito de globalização, procuramos respostas e sentido frente aos processos desencadeados desde que essas realidades passaram a interferir na vida das mulheres e dos homens em sociedade. O que o fenômeno da globalização vem gerando em nossas vidas? Diferentes organizações sociais, movimentos populares, grupos de estudo, e até mesmo pessoas, individualmente, trilham diversos caminhos para o entendimento da grande teia que acabou se tornando o fenômeno da globalização e suas influências no cotidiano de pessoas e comunidades. Diante dessa complexidade, torna-se difícil ter uma definição de globalização, como adverte o professor Enzo Pace (1999, p. 27):

“Orientar-se nos labirintos do sentido que sucessivamente os cientistas sociais, os teólogos ou os economistas atribuem à noção de globalização não é uma tarefa fácil. Corre-se o risco de tornar-se uma das tantas redes de significado que nós mesmos criamos e na qual terminamos por enredar-nos se não conseguimos precisar os diferentes pontos que amarram a rede.”

O mundo globalizado perfaz jogos e redes de interesse, países integrados em blocos, empresas em holdings, bancos e hotéis em cadeias, sindicatos e associações em centrais, organismos como ONG's e instituições filantrópicas integrados em projetos e parcerias solidárias, e tantas outras redes. Parece-nos que esse mundo é resultado do desejo e da ação de alguns países que, a partir do fortalecimento do sistema capitalista, atingiram um padrão de vida que os qualifica e os classifica como “primeiro mundo”. E, nessa posição, estão todo o tempo se armando e planejando a manutenção desse status.

Com esta finalidade, os países ricos se articulam em poderosos blocos e grupos econômicos. Planejam e estruturam ações, como única resposta para o progresso e futuro do planeta, através de uma única estratégia: o “livre” mercado.

Tudo parece nos convencer que no mundo globalizado não há fronteiras. O transporte aéreo internacional, bem como o transporte comercial feito pelos grandes navios cargueiros, ferrovias e rodovias que agilizam cada vez mais o transporte de mercadorias dão-nos a impressão de que tudo está perto, mesmo sabendo que determinados produtos chegaram até nós depois de ter percorrido continentais distâncias. Isso leva-nos a reportar Pace (1999, p. 28) quando fala: “As mercadorias circulam rápida e livremente, transformando o mundo em uma espécie de megacentro comercial que pode estender-se, em teoria, sem limites, justamente porque não suporta bem os limites”. Interromper o movimento do lucro é matar o fluxo de uma ordem que jamais pode ser interrompida.

Para entender a falácia desse suposto livre mercado global, tomamos o pensamento do teólogo Bobsin (1999, p. 108) que diz: “As regras do mercado, que protegem os empregos nos países de capitalismo central, e o protecionismo fazem cair por terra a tão propagada idéia de que no mundo globalizado não há fronteiras”.

As fronteiras convencionais da divisão geo-política são enfraquecidas em favor de novas fronteiras, erguidas pela política de manutenção da separação de pobres e ricos do mundo. Recessão e desemprego tornaram-se realidades controladas pelos países mais ricos, pelas indústrias que possuem tecnologia de ponta e pelos poderosos bancos e bolsas que administram e especulam a partir de uma astuta política de juros e controle de moedas fortes no grande mercado que se tornou o mundo. O que se constata é a mundialização do capitalismo ou a queda de fronteiras para a expansão do capital, conforme escreve Ianni (1996, p. 19):

“Um dos signos principais dessa história, da globalização do capitalismo, é o desenvolvimento do capital em geral, transcendendo mercados e fronteiras, regimes políticos e projetos nacionais, regionalismos e geopolíticas, culturas e civilizações”.

O poder e a força do capital transnacional vai além do financeiro. Sua força invasiva provoca submissão e dependência, vulnerabiliza valores e culturas originários. Cientistas sociais refletem que uma das conseqüências da globalização é a fragilização dos indivíduos. Como diz Pace (1999, p. 32), “globalização é um processo de decomposição e recomposição da identidade individual e coletiva que fragiliza os limites simbólicos dos sistemas de crença e pertencimento”.

Percebemos, assim, que indivíduos e grupos, atingidos por mecanismos de massificação externa, experimentam a força que incide sobre seu universo simbólico e cultural. Os impactos dessa outra invasão têm o poder de anular mais uma vez a memória coletiva dos grupos. Talvez por isso alguns autores façam comparação entre a colonização do passado e a globalização de hoje.

Para compreender o impacto da globalização sobre a cultura, vale retomar o que afirma Latouche (apud Pace, 1999, p. 27): “O primeiro nó da rede conceitual que apertamos ao redor da palavra globalização pode ser especificado então na perda de identidade ou na tendência ao desenraizamento planetário implícitas na noção de globalização”.

A perda de identidade e de valores de um povo, torna-o vulnerável e sem rumo. Um povo sem raízes culturais, conseqüentemente, é um povo sem memória e sem cidadania.

1.1.1- Globalização e massificação

Para manter o controle das diversas realidades, os dirigentes da sociedade globalizada procuram impor uma lógica comum para todas as pessoas. Desconsideram a legitimidade das culturas próprias das nações. Invadem cada vez mais a privacidade dos indivíduos. E chegaram a invadir a fé.

Para atingir o universo religioso, os mecanismos do poder estabelecido manipulam ou instrumentalizam os símbolos estruturantes da fé. Embora constituída de ritos, de um conjunto doutrinal, de um código de valores, de arte e de elementos sagrados, qualquer tradição religiosa está sujeita a sofrer uma descaracterização de sua identidade, sob as influências da globalização.

O pensamento vigente das lideranças onde a globalização se impõe não atua de forma ostensiva, mas sutil e inteligentemente. Ao tomar para si componentes simbólicos de tantas tradições religiosas, a globalização o faz de maneira planejada e astuta, delegando-nos a responsabilidade pela franquia dos símbolos, cedendo-os a quem está no poder.

Na sociedade dita globalizada, quem está no poder reivindica para si toda autoridade. E se esse poder se confronta com a religião especificamente, ele dirá que a comunidade não precisa de Deus. Mas o que é a religião e o sagrado sem Deus? É outra coisa, mas não religião. É como diz Prandi (1999, p. 64) ao pensar a sociedade onde o mercado substitui o transcendente:

“Nossa sociedade não precisa de Deus ou de deuses no seu governo, nem para seu progresso, nem para a eficácia de suas políticas. Quando se invoca Deus, o gesto é meramente parte de uma etiqueta, não é uma interpelação de cuja resposta possamos depender”.

Neste contexto, a relação com Deus nada mais é que uma convenção. Os vínculos que identificam a relação com o sagrado acabam ficando fora de moda, caindo num simples desuso. Já se admite que a globalização tem provocado o descrédito de muitos valores religiosos, ou tem desautorizado a força do legado moral desses valores. O que era muito próprio da religião, como delinear atitudes e normas de comportamento, também vem paulatinamente ficando de lado.

Merece atenção notar a interferência da globalização no universo religioso como um todo. Vemos essa presença em todas as religiões. Um exemplo concreto nos traz Pace (1999, p. 37), falando a respeito da Igreja Católica:

“Se em uma organização complexa e piramidal como a Igreja Católica abre a idéia de que o pluralismo religioso é inevitável, porque nele se reflete o pluralismo das culturas e dos estilos de vida do mundo contemporâneo, quer dizer que a globalização, também no campo religioso mundial, produziu efeitos inesperados”.

Admitir as influências da globalização nem sempre é pacífico e tranqüilo para a Igreja Católica. Ela sabe das perdas que teve e vem tendo nas últimas décadas. Perdas não só de fiéis, mas também de identidade. A dominação de valores secularizantes, contrários aos preceitos religiosos e ao pensamento cristão, cresce à medida que crescem os valores da sociedade do ter e do vencer a qualquer custo.

Escandalosamente dividido em termos sociais, paradoxalmente o mundo global avança para uma uniformização, pondo ricos e pobres como consumidores dos mesmos produtos. A padronização do consumo às vezes esconde, outras vezes destrói as diferenças. Desconsidera a beleza da diversidade. É como escrevem Martin e Schumann (1999, p. 30):

“Os fatores que conduzem juntos a uma padronização do mundo levam esse processo cada vez mais à frente. O produto final que emergirá daí será um monótono e global tom único, norte-americano, um guincho ou grito estridente (screech), como bem profetizou o videomaker nova-iorquino Curt Royston”.

A padronização é a saída para os poderes que não sabem lidar com o diferente e com a criatividade que gera o novo. Neste contexto, deparamo-nos com algo paradoxal: a maioria das religiões pregam a igualdade e o neoliberalismo implanta a padronização. O que parece igualdade, na verdade, é a uniformização de comportamentos que fragiliza e enfraquece os corpos sociais.

Mesmo enfrentando tantas contradições, o fato é que as religiões crescem mais do que nunca. E por que razão? Conforme Prandi (1999, p. 64):

“(...) porque a sociedade desse mundo desencantado é uma sociedade problemática, descontínua, heterogênea e fragmentada e fragmentária. As vantagens das descobertas e políticas capazes de propiciarem o bem-estar não chegam a todos igualmente, quer por constrangimentos de classe social com seu modelo de acesso desigual às oportunidades diferenciadas, quer por diferenciações culturais de toda ordem”.

Compete às religiões mais do que um papel espiritual. Cabe-lhes também uma função social como corpo coletivo como, por exemplo, lutar em prol da paz. As religiões ainda têm muito por fazer, se quiserem continuar dando sentido à mensagem de seus fundadores e aos preceitos sagrados da sua fé. Estes são primordialmente os da justiça e da solidariedade, cujo valor é o que dá identidade à existência de seus membros. Há que se retomar constantemente os fundamentos centrais de suas filosofias, de suas teologias. Buscar a essência para fortalecer os desejos de transformação. Fortalecer a esperança que promove as transformações, que gera o verdadeiro bem-estar de uma vida feliz.

1.1.2 - Influências da globalização sobre a religião

Ao longo do tempo, onde a história vai se tecendo, as grandes e pequenas religiões vão se estruturando. Para poder traduzir seu verdadeiro significado, elas procuram formar valores que constituirão a identidade de sua membresia.

O que torna a religião um bem é a formação de sua identidade, constituída de ética e moral, de um conjunto de princípios e valores que buscam humanizar os indivíduos. São esses valores que dão sentido e razão de ser ao trabalho de construção da identidade religiosa. É nesse aspecto que a religião se torna autoridade moral e ganha alteridade.

A esse respeito Prandi (1999, p. 67) escreve: “Religiões são fontes de sentido, nos dizem o que é o mundo, como devemos nos colocar nele, aceitando-o, rejeitando-o, procurando sua transformação etc”. Assim, quase sempre as religiões têm sua marca revolucionária ao propor valores altruístas e construtivos que são, no caso, totalmente contrários aos propagados pela sociedade neoliberal e globalizada.

O fenômeno da globalização favorece o aparecimento de novas formas de religiosidade. Muitas vezes, grupos religiosos vão se constituindo de maneira fragmentada, com interesses e objetivos nem sempre transparentes. Há superficialidade nas doutrinas e nos princípios éticos que orientam certos grupos. Lembramos, a propósito, que um conjunto de princípios e valores são primordiais na estruturação identitária de um grupo religioso.

Uma outra característica da religiosidade dos tempos globalizados é a sua ligação com diversos campos, antes tidos como profanos, como nos fala Bobsin (1999, p. 114):

“Na reconfiguração das fronteiras, a oposição entre o sagrado e profano, tão defendida por Émile Durkheim e Mircea Eliade, parece se diluir. A “nova religiosidade” que decorre dessa remoção ou diluição de fronteiras não evidencia ritos e não se proclama como tal, mas se impregna de forma abrangente em diversas áreas, como na arte, comunicação, reflexão científica, novelas”.

Assim como está presente em diversos campos, essa nova religiosidade importa elementos, principalmente do campo da arte, indiscutivelmente muito interessantes e atrativos, sobretudo para a juventude. Evidentemente, alguns desses novos movimentos apenas instrumentalizam os recursos da arte e da comunicação, usando-os com o fim de cooptar, manipular e seduzir as massas. A integração de arte e beleza é um chamariz que congrega pessoas, sobretudo as mais empobrecidas, que não têm outras oportunidades de acesso ao lazer.

Interessadas em compreender o efeito da globalização sobre as religiões, as Igrejas cristãs históricas estudam o crescimento do pentecostalismo e o neopentecostalismo. Ao estudar, perguntam-se sobre a sua própria prática: o que fazemos ou deixamos de realizar que não corresponde aos desejos dos fiéis?

Prandi (1999, p. 67) classifica o neopentecostalismo como religião “socialmente mais atrasada”, refletindo sobre a repercussão dessa manifestação religiosa com a questão sócio-política como um todo:

“Religiões socialmente mais atrasadas, como o neopentecostalismo que se alastra na América Latina e mais além, tenderão a ver e experimentar a política unicamente como meio de acesso a privilégios e obtenção de favores pelo fisiologismo partidário, reforçando o ideal tradicional da cultura da dádiva de que padecem muitas de nossas sociedades histórica e culturalmente fundadas no patriacalismo e na escravidão”.

A análise de Prandi é dura e direta. Pontua características que vemos em novas Igrejas e novos movimentos dentro das Igrejas históricas, por exemplo na Renovação Carismática Católica: uma infinidade de fiéis subservientes e omissos política e socialmente. Esse tipo de religiosidade parece responder aos anseios das massas sofredoras, enquanto suas lideranças religiosas deixam-se controlar por interesses econômicos e ideológicos de outros, particularmente de políticos. Conseqüentemente, esses líderes controlam os grupos de fiéis para que estejam a serviço de suas igrejas.

Evidentemente, as influências da globalização não são absorvidas passiva e integralmente por todas as pessoas e grupos religiosos. Diante dessas influências, há muita resistência nascida, em grande medida, da revisitação às fontes e do reassumir da essência de ritos, costumes e propósitos que identificam uma tradição.

1.2 - Tradição e identidade religiosa

Conforme lemos em Schlesinger e Porto (1982, p. 269), “o termo tradição deriva do latim “tradere”, que significa “transmitir” ou “passar adiante”. Geralmente, ela se refere a crenças, doutrinas, costumes, padrões morais e éticos e valores culturais e atitudes que são transmitidas oralmente ou por exemplo pessoal”. Uma tradição possui ou adquire força no movimento que vai estruturando sua identidade, que brota da credibilidade e do dinamismo para se sustentar ao longo do tempo. Também é sinal de força de uma tradição quando ela se institucionaliza num lugar, junto a um grupo humano. É forte a tradição que consegue ser transmitida de geração em geração, preservando as características próprias que constituem a sua identidade. Assim, a tradição ajuda a assumir sua história.

Uma tradição se sustenta em princípios e valores morais, éticos e culturais que as pessoas traduzem na vida. A materialização desses valores se dá no cotidiano e no processo que as gerações realizam para transformarem princípios em verdades, de modo que essas verdades sejam referenciais de identificação no meio do povo que vive costumes que, no passado, viveram seus ancestrais e que, no futuro, poderão viver seus descendentes. Foi pela memória oral e escrita que os grupos humanos mantiveram costumes que chegaram até as gerações presentes.

As religiões universais, o Budismo, Cristianismo, Islamismo, citando algumas das mais antigas e maiores em número de seguidores, foram construindo identidades próprias ao longo dos séculos. O legado espiritual dos fundadores destes caminhos de espiritualidade tornou-se uma grande referência moral para milhares de seguidores/as. Constituída de vários componentes simbólicos, ritualísticos e doutrinários, essa força tem sido gênese de identificação para seus membros e, por conseguinte, elemento de diferenciação em relação a outros cultos.

As tradições religiosas incorporam diferentes valores e verdades, ora criados no seu próprio meio, ora importados de outras tradições, o que vai constituindo, desde esse sincretismo, uma nova identidade. A tradição religiosa tem como eixo de sua identidade a convergência para o sagrado, para o lugar ou realidade onde residem os valores que conduzem para a comunhão com o transcendente. A força do sagrado é o elemento de coesão que mantém o conjunto de ritos, festas, símbolos etc. que integram uma tradição religiosa.

1.2.1 - A tradição cristã católica

Dentre as diferentes tradições religiosas, mais próxima de nós está a tradição cristã, surgida com as comunidades originadas no seguimento ao “rabi” judeu Jesus de Nazaré. Apenas nos anos 80-90 no primeiro século da Era Cristã, essas comunidades foram se constituindo como uma religião distinta do Judaísmo. Desses pequenos grupos que procuraram perpetuar os ensinamentos do Mestre da Galiléia, surgiu e se consolidou a milenar tradição cristã ou Cristianismo.

Originados do Judaísmo, o que marca e dá identidade aos cristãos e cristãs é o fato de possuírem uma verdade revelada, que se encontra na Bíblia. Desse livro sagrado nascem e vão criando identidade as tradições cristãs. A partir dele, compõem seus valores morais, cultos, símbolos, ritos, regras, fidelidade, enfim, as normas que dão a razão e as características de fé das pessoas cristãs na relação com Deus.

A tradição cristã se configura desde os elementos da tradição oral, ensinamentos contados de mães e pais para filhos e filhas, até a estruturação organizacional do catolicismo romano, por volta do ano 1054, quando se separou da Igreja Ortodoxa, e do século XVI, quando ocorreu a reforma protestante.

Segundo Schlesinger e Porto (1982, p. 269):

“A tradição católica abrange na sua compreensão a tradição apostólica que diz respeito a tudo que além dos textos a Igreja recebeu dos apóstolos, e a tradição eclesiástica constituída pelo ensino dos Padres e pelo Magistério oficial, em caráter explicativo e normativo da revelação bíblica e evangélica”.

Diferente das demais tradições cristãs, que têm a centralidade do culto na palavra da Bíblia, os/as católicos/as romanos/as identificaram esse centro no rito eucarístico, memorial pascal nascido da Ceia Judaica, da qual Jesus de Nazaré tantas vezes participou e que a liturgia católica romana tornou um memorial de identificação de fé. A partir do Vaticano II, entretanto, o magistério da Igreja Católica postula um equilíbrio entre o “Rito da Palavra” e o “Rito Eucarístico”, dando aos dois o mesmo valor e a mesma dignidade (Vat. II, *Dei Verbum* nº 21):

“A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, da mesma forma como o próprio Corpo do Senhor, já que, principalmente na Sagrada Liturgia, sem cessar toma da mesa tanto da palavra de Deus quanto do Corpo do Cristo o pão da vida, e o distribui aos fiéis. Sempre as teve e tem, juntamente com a Tradição, como suprema regra de sua fé”.

Além do memorial pascal da ceia, a tradição católica romana trouxe do Judaísmo outros costumes tanto sociais, como morais, hábitos, canções, festas e valores, que foram incorporados, ressignificados e estruturaram esse segmento religioso.

Com o passar dos séculos, o catolicismo absorveu outras tradições e costumes, próprios das regiões e culturas onde ia se fixando, principalmente dos povos mediterrâneos. Constituído, certamente, nesse sincretismo de tradições, o catolicismo romano estruturou-se numa organização enquanto Igreja no mundo, com

um governo absoluto do papa (bispo de Roma) e do colégio de bispos, nas centenas de dioceses presentes nos cinco continentes. Isso nos reporta a Schlesinger e Porto (1982, p. 131): “Como em Israel, a hierarquia sacerdotal tinha como chefe o sumo sacerdote. As Igrejas em geral possuem estrutura hierárquica, que tem por finalidade manter a ordem e a subordinação dos poderes, com ênfase na função pastoral”.

Assim, surgiu uma tradição religiosa que tem uma forte estrutura hierárquica, dirigindo e orientando os caminhos dos seus fiéis, com uma ortodoxia de doutrinas que lhe são específicas, questionáveis, mas que são elemento integrador e diretor para todos/as que fazem parte dela: a comunidade dos/as batizados/as.

Nas antigas tradições dos cristianismos primitivos, presente nos escritos bíblicos neotestamentários, há textos que revelam opção por uma organização hierarquizada, expressa na visão de uma hierarquia celeste: “...Jesus Cristo, que, tendo subido ao céu, está sentado a direita de Deus, estando-lhe sujeitos os anjos, as dominações e as potestades” (1Pd 3,22). Esses textos falam também das hierarquias terrenas, fixadas a partir das lideranças de patriarcas e de reis do antigo Israel. Também dentro de outras religiões, percebemos uma estruturação hierárquica, fundamentada no sagrado. Essas tradições conferem a suas lideranças religiosas o poder e a autoridade de zelar e garantir o respeito e a manutenção da hierarquia que as estruturam.

A tradição hierárquica na Igreja Católica Romana se configura por uma forma piramidal que é muito forte e detém grande poder. Os graus e ordens dentro dessa estrutura garantem e controlam o respeito e a obediência ao líder maior na hierarquia, o papa. Esse líder zela pela fidelidade às doutrinas que regem os ritos, os estudos, as pesquisas teológicas, com suas linhas ideológicas e tendências contra e a favor do magistério estabelecido e garante um modelo político e teológico

de Igreja. Como sinal de unidade, a tradição mantém firme o vitalício posto e a figura do sumo pontífice. O papa é símbolo de autoridade, em torno do qual a unidade dos bispos é garantida e, segundo a tradição católica romana, ocupa a cátedra que foi de Pedro Apóstolo. É tido, ainda, como o pastor dos pastores, que está todo o tempo zelando para que a Igreja continue sendo a legítima e primeira educadora da fé dos cristãos e cristãs do rito romano.

Por sua vez, os bispos, à frente das igrejas particulares (dioceses), e os presbíteros (padres), à frente das paróquias ou redes de comunidades, fiéis à autoridade do papa, coordenam e acompanham diversos serviços de evangelização. Exercendo seus ministérios, como pastores em ordens inferiores, mas numa escala hierárquica que sempre converge para fazer acontecer a missão da Igreja no mundo, que é evangelizar: razão e essência dessa tradição. Como ministros do sagrado, o papa, os bispos e os padres, nesta ordem hierárquica, ainda possuem grande poder de argumentação e ensino na transmissão da tradição e dos valores que ela propõe. Cabe também à hierarquia a missão de “levar a boa-nova a todos os povos”, o que se realiza no trabalho de evangelização.

Essa hierarquia marcada pela presença exclusivamente masculina faz gerar, em nossos dias, muitas perguntas e críticas, não só da parte das mulheres, mas também de membros da própria hierarquia, de membros das outras tradições cristãs e do meio intelectual. É o que reivindicam, por exemplo, os/as jovens do Primeiro Congresso Latino-americano aos seus pastores (CELAM nº 25, 1997, p. 65): “Uma Igreja que priorize a formação de pequenas comunidades encarnadas no ambiente cultural dos povos (...), onde a mulher seja valorizada como dinamizadora do corpo eclesial”. Essas pessoas e grupos reivindicam maior participação e igualdade nos direitos e decisões dos rumos e das normas que essa tradição religiosa apresenta.

Além de reivindicar um outro modelo de Igreja, os/as jovens também criticam o estilo hierárquico vigente, como o fizeram os/as participantes do IX^o Encontro latino-americano de Responsáveis Nacionais pela Pastoral da Juventude (CELAM, 1997, p. 66):

“A mentalidade clerical ainda existente; o medo e a insegurança de muitos pastores, seu desconhecimento e conflito com as novas gerações e seu freqüente afã de controle (...) fazem com que se experimente uma falta de valorização e de aceitação afetiva e efetiva da pastoral da juventude por parte de diferentes setores da Igreja, pastores e leigos adultos”.

A juventude reage e enfrenta criticamente essas mesmas posturas da hierarquia e, outras vezes, afasta-se da participação e freqüência religiosa, quando os conselhos e normas lhes parecem por demais intransigentes.

1.2.2 - Identidade e sagrado na Igreja Católica Romana

Desde seus primórdios, à medida que se constituía como corpo religioso, a Igreja Católica Romana foi criando espaços de estudo e preservação do sagrado, primeiro com o surgimento das ordens e congregações religiosas e, depois, com as escolas e paróquias. Mosteiros, conventos, colégios... vão se tornando espaços de formação, construção e manutenção da identidade dessa confissão religiosa.

Entre os grupos religiosos cristãos, o catolicismo foi historicamente criando e organizando a sua identidade, composta de um conjunto de ritos, símbolos e linguagens sagrados. Começando pelo estilo e arquitetura de seus templos, até a estruturação do Direito Canônico (conjunto de leis que regem toda a ação e existir da Igreja Católica Romana), tudo converge para a manutenção desse caminho religioso.

Tanto nas artes como nos ritos, as tradições da Igreja Católica Romana ora foram recriadas do Judaísmo, ora de outras culturas e tradições. Assim como aconteceu no passado, na atualidade os bispos latino-americanos constatam e recomendam que continue sendo feito no processo de inculturação como fala Puebla nº 400 (1979, p.188):

“A Igreja, Povo de Deus, quando anuncia o Evangelho e os povos acolhem a fé, neles se encarna e assume suas culturas. Instaura assim não uma identificação, mas uma estreita vinculação com ela. Por um lado, efetivamente, a fé transmitida pela Igreja é vivida a partir de uma cultura pressuposta, isto é, por fiéis “vinculados profundamente a uma cultura, e a construção do Reino não pode deixar de servir-se de elementos da cultura e das culturas humanas”.

Na inculturação da fé católica, muitas outras expressões foram inventadas com intuito de tornar mais presente e compreensível o sagrado e novos elementos foram incorporados para facilitar a aproximação com diferentes culturas e grupos humanos.

Forçada pelo tempo e pela cultura dos países onde está, a tradição católica inventa ou reinventa novas tradições no campo da comunicação, para poder veicular sua mensagem, anunciar os valores que prega e denunciar a violência dos ricos sobre os pobres, a imoralidade da desigualdade social e outras formas de injustiça. No campo da liturgia, traz de outras fontes cantos, ritos, danças sagradas que se juntam à sua tradição. Novas formas de celebrar, estruturas arquitetônicas modernas para seus templos também são influências absorvidas no conjunto da tradição católica. A fé no Deus Trinitário, a fidelidade ao papa e à doutrina católica, contida no Catecismo Universal, mantêm viva a identidade da tradição. Ao lado desses componentes da ortodoxia, também configuram a identidade da Igreja uma infinidade de manifestações da fé e da piedade popular.

1.2.3 - Catolicismo popular

Tem muita força no catolicismo a beleza e singeleza das tradições populares, mesmo com a forte influência da tradição clássica européia. Nascidas e forjadas nas comunidades populares rurais, essas tradições foram agregadas a partir de manifestações folclóricas sagradas e profanas e, hoje, também estão presentes nas periferias das grandes cidades. O catolicismo popular continua gerando alegria para o povo e dando a ele autonomia frente à hierarquia. Parece que o segredo disso reside na sua beleza simples e na liberdade de se manifestar, sinal de sua resistência e autonomia, independendo da hierarquia para poder se expressar.

Certamente, algumas ou muitas tradições morreram. Outras, porém, se mantêm vivas, muitas vezes graças ao povo das comunidades. Outras vezes isto acontece através da ousadia e afeição de intelectuais, ONGs ou programas de governo que ainda cuidam de manter vivos costumes que formam a identidade e a memória de um povo.

Diferente de certas manifestações artísticas, as tradições religiosas populares subsistem graças ao profundo respeito do povo ao sagrado. As comunidades as mantêm vivas, não somente para preservá-las, mas porque acreditam que essas tradições as unem, as põem em comunicação com o transcendente e expressam sua crença de que Deus caminha e é presença junto a elas.

Uma folia de reis, uma cavalhada, uma procissão... de modo geral o conhecimento e a cultura que as tradições religiosas veiculam têm o poder de arrebatam as pessoas e as colocar em comunhão com o transcendente. M. Eliade (2001, p. 100) nos diz: “É preciso não esquecer que, para o homem religioso, o

“sobrenatural”; está indissolivelmente ligado ao “natural”; que a natureza sempre exprime algo que a transcende. Uma pedra sagrada é venerada porque é *sagrada* e não porque é *pedra*; é a sacralidade *manifestada pelo modo de ser da pedra* que revela sua verdadeira essência”. O sagrado, que diferentes grupos reconhecem nas tradições religiosas, aproxima a pessoa humana a santos, à natureza e a Deus e, dessa forma, gera uma comunhão holística e espontânea.

E é a crença nessa comunhão que alimenta a esperança de muita gente que vive em condições de isolamento e abandono por parte das diferentes autoridades que compõem a hierarquia de igrejas, cidades e estados.

1.2.4 - Religiosidade e fé

Olhando para grupos de fiéis que buscam o sagrado, nos perguntamos: O que os leva a optarem por esse ou aquele grupo religioso? As respostas são várias. Desde conseguir a cura de uma doença, até vencer na vida, ficando rico, ganhando na loteria. Todas as respostas são fundadas num sentimento de entrega e confiança numa força maior. A esse sentimento chamamos “fé”. E esse sentimento-valor passa a ser componente constitutivo e reorienta o sentido da vida da maioria das pessoas, como Parker (1991, p. 293) analisa: “Para além de soluções escapistas, não há como não reconhecer que, nesta busca de saída pela via simbólica, a fé e a religião cumprem uma função insubstituível pelo fato de outorgar significado e possibilitar a re-significação da vida”.

No meio urbano, onde o contexto social é composto de realidades completamente adversas, como nas favelas, por exemplo, centenas de pessoas alimentam sua esperança no cotidiano da participação em cultos, em reuniões na sua pequena Igreja ou através dos conselhos que recebem da Mãe de Santo, no

terreiro que freqüentam e participam. Isso é perceptível sobretudo nas classes populares, entre os/as trabalhadores/as, e nos lugares de mais extrema pobreza. É pela fé que esses milhares de homens e mulheres empobrecidos/as resistem e levam adiante suas vidas. Onde tudo parece concorrer ao contrário, essa gente confia que o dia seguinte será melhor. Como diz Parker (1991, p. 283): “Para o operário ou o homem da cidade, é o contexto social de incerteza em relação a seu trabalho ou a suas condições de vida que pode constituir uma situação problemática, diante da qual Deus e os poderes sobrenaturais se apresentam com um recurso que está aí, à mão”.

A fé é o único argumento da comunhão da pessoa que sofre com seu Deus. Através da fé, as massas empobrecidas que ainda crêem enxergam a possibilidade de respostas satisfatórias às suas necessidades.

Nas periferias dos grandes centros urbanos, em realidades de violência e descaso político, constata-se a luta constante pela vida. Quando tudo falta e falha, para uma multidão de empobrecidos, Deus está presente. “No rosto oculto de nossa sociedade urbana se perfilam os milhões de lúgubres e miseráveis barracos e favelas; com efeito, nesta outra face se constata uma forte e vigorosa religiosidade, que a igreja denominou de piedade popular” (Parker, 1991, p. 292). Os pobres se apegam em Deus na busca de soluções. Essa confiança, lida por muitos como fatalismo religioso e pouco compreendida, é a fé.

A piedade popular nada mais é do que a fé simples e gratuita do povo pobre. Ao que chamam crença, fé, para uns pode ser fuga ou alienação. Para outros isso é realidade substancial de equilíbrio e de integração numa sociedade que se dividiu escandalosamente entre poucos ricos e milhões de pessoas empobrecidas.

1.3 - Religiosidade da juventude no meio urbano

Os números do Censo 2000 (IBGE) apontam uma população de quase 170 milhões de brasileiros; destes, 20,07% estão na faixa dos 15 – 24 anos, o que corresponde a 34.081,330 de jovens. Ampliando um pouco mais os referenciais de idade da população jovem no Brasil revela a pesquisa que dos 10 – 24 anos eles/as são 51.429.397 pessoas o que corresponde a 30,28% da população brasileira.

Essa matematização em faixas etárias é uma forma para caracterizar um conceito de juventude que é a do critério etário. Podemos também nos pautar por um outro conceito que nos parece mais abrangente que é o de juventude como categoria social como nos apresenta Groppo (2000, p. 7-8):

“Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social. Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos.”

Mesmo com as quedas nas taxas de natalidade em todo o Brasil, o contingente populacional juvenil ainda é bastante expressivo. A juventude brasileira é um grupo numeroso e bastante plural, mais sujeito a transformações e influências do que outros grupos, como crianças, adultos e idosos.

As influências dos meios de comunicação são ainda maiores sobre os/as jovens das cidades, submetidos a uma nova ordem cultural globalizada. De um lado está tudo que a mídia veicula, de outro a educação da família, da escola e da religião, tanto das Igrejas tradicionais quanto das novas expressões religiosas. Sobre esse aspecto o texto base da CF 1992 da CNBB, cujo tema foi “Juventude”, diz no nº 83: “Há uns poucos jovens que se mostram sensíveis ao fenômeno religioso mas

não ultrapassam a religiosidade superficial, emotiva, milagreira, com curas e ameaças de castigo divino”.

Embora tantas forças concorram para tirar dos/as jovens a possibilidade de ser, eles se rebelam positiva ou negativamente, para dizer o que são. Jovens saudáveis, num processo normal de desenvolvimento procuram outros da sua idade para se relacionar, construir amizades. Em ambos os sexos, essa procura por um grupo é vital.

Para sair da rotina do dia-a-dia, muitos/as jovens se movimentam procurando os seus iguais, sua tribo ou seu grupo da igreja: são darks, punks, góticos, a turma do hip-hop e do funk, os evangélicos, os renovados da RCC. Cada grupo representa a busca por um lugar onde o/a jovem possa sair do anonimato, ser notado, ter seu lugar ao sol. Falando da religiosidade da juventude, Parker (1991, p. 285) analisa essa realidade: “Este processo vai produzindo uma série de novas fantasias e mistérios, novas identificações sociais, e, desse modo, vão tirando o indivíduo do anonimato da massa”.

A maioria dos/as jovens da região Centro-Oeste tem raízes religiosas fundadas no cristianismo, seja por tradição familiar, por pertença a igrejas cristãs ou por herança recebida através de outros canais de disseminação cultural. Segundo Almeida e Chaves (1998, p. 673), nessa região, “nada menos do que 80% da população jovem pertence à Igreja Católica”.

Apesar desse número elevado de jovens fiéis, na maioria das comunidades católicas não existem mecanismos eficazes de educação na fé, que permitam aos membros jovens da Igreja realizarem seu processo de amadurecimento, em sintonia com outras dimensões da vida (integração psico-afetiva, compreensão dos mecanismos de funcionamento da sociedade etc.). Esse descompasso gera uma

juventude católica com uma fé ingênua vivida no interior das comunidades ou uma juventude com fundamentos religiosos inconsistentes e em progressivo movimento de afastamento das estruturas eclesiais, como Almeida e Chaves (1998, p. 675) constatam, comparando os dados de 1980 a 1991: “Dentre todas as mudanças religiosas na juventude brasileira, a desfiliação eclesial foi a categoria que teve o maior crescimento. Os sem-religião, de 2,0% da população jovem do Brasil, passaram para 6,8%”.

Entre os 80% de jovens do Centro-Oeste ligados à Igreja Católica, entretanto, há uma grande variedade de vinculações. Há jovens católicos nas CEBs, na Renovação Carismática, na vida religiosa consagrada, simples participantes das missas dominicais ou episódicos “consumidores” de sacramentos. Como diz M. F. Barbosa (1996, p. 58): “Para alguns jovens, a religião já não é eficaz, já não é necessária. Outros não conseguem integrar as aspirações humanistas de liberdade, justiça e fraternidade com sua fé cristã, optando por abandoná-la frente a outras formas de participação”.

Uma parcela dos/as jovens, vinda de famílias de práticas religiosas mais tradicionais ou participante de grupos de religiosidade popular, tende a ser mais conservadora e apegada às tradições. Vemos esses exemplos tanto na classe média como nas classes populares. Recentemente, jovens da classe média e seus familiares reproduziam e celebravam a Festa do Divino nas super quadras do plano piloto de Brasília. Era o retorno da tradição, trazendo uma festa devocional do mais legítimo catolicismo popular.

Os/as jovens com algum apego ou vínculo com o tradicional, sobretudo nas periferias das grandes cidades, onde a presença de migrantes vindos das pequenas cidades do interior é maior, permanecem repetindo e participando das atividades e

ritos religiosos, como batizados, velórios e outros ritos de passagem, que o espaço religioso ainda conserva e que são analisados por Eliade (2001, p. 150):

“Os ritos de passagem desempenham um papel importante na vida do homem religioso. (...) Mas há também ritos de passagem no nascimento, no casamento e na morte, e pode-se dizer que, em cada um desses casos, se trata sempre de uma iniciação, pois envolve sempre uma mudança radical de regime ontológico e estatuto social”.

Ainda que reportamos a esses eventos da tradição e de ritos de passagem na religiosidade de alguns jovens, uma expressiva maioria perde a fé ou abandona totalmente o vínculo de pertença com alguma igreja. Um terceiro grupo é aquele dos que mudam de Igreja, caracterizando o chamado “trânsito religioso”, direcionado principalmente para o neo-pentecostalismo – um movimento criativo, dinâmico e envolvente e que atrai um número expressivo de jovens.

1.3.1- Efeitos da globalização na juventude

A maioria dos e das jovens carrega em si sensibilidade, criatividade e forte potencial mobilizador e revolucionário. As igrejas e a sociedade sabem disso. Também o sabem as forças organizadas do mercado e da indústria da propaganda. Amparados em pesquisas, todos que querem vender investem nos/as jovens. A grande massa juvenil é um dos alvos preferenciais para o qual o mercado global dirige grande parte de suas criações e produtos. Para que a juventude consuma, cria-se diariamente novos modismos, desde as vestimentas até a linguagem e os esportes radicais. Investir em produtos e cultura juvenil é lucro rápido.

Para manutenção dessa imensa e contínua massa de consumidores, o sistema investe milhões, como denunciam Martin e Schumann (p. 27, 1999): “Como

alguém poderá afirmar que o mercado fornece às pessoas o que elas querem, quando a indústria da propaganda movimenta uma verba de 250 bilhões de dólares?”. Apostando tão alto, é evidente que o mercado colhe o retorno desejado.

A juventude continua sendo o alvo das investidas da propaganda, por ser o tempo das opções, de definição de valores e de escolhas. O mercado aposta nesse público por considerá-lo mais vulnerável já que, supostamente, os adultos têm muitas de suas escolhas definidas. Os articuladores do mercado global acreditam que, mais do que outro grupo social, a juventude está susceptível a crer e a aderir à cultura do descartável.

O mercado investe nos/as jovens de forma até inescrupulosa. Passa-lhes a imagem de que a juventude é eterna e de que, com ela, tudo podem. Criou-se e se mantém o culto ao corpo. O que vale e chama a atenção são aqueles e aquelas que freqüentam as academias de ginástica, que mantêm o corpo em forma. Também se passa a idéia de que vale tudo para alcançar o poder, mesmo que, para mantê-lo, tenha-se procedimentos pouco éticos.

Esse padrão único de consumo, de beleza e de comportamento produz uma uniformização, cujos efeitos Martin e Schumann (1999, p. 34) constatam em seus estudos a respeito dos/as jovens de classe alta: “Anestesiaram-se com os mesmos vídeos nos apartamentos dos hotéis e, como a alma desses agitados executivos não consegue viajar com a mesma rapidez do corpo, não lhes resta mais força para absorver o novo, o exótico, o singular”.

Essas moças e rapazes correm muito para pegar os primeiros lugares e esforçam-se para corresponder às expectativas que lhes devotam o mercado neoliberal. Dentro desta dinâmica: será que têm tempo para os outros? Será que se permitem assumir suas diferenças?

1.3.2 - Efeitos da propaganda religiosa sobre a juventude

Na sociedade do mercado global, dominada pela figura masculina branca e adulta, onde os/as jovens depositam sua confiança? Há espaço para o religioso? Em que eles/elas acreditam? Falta para a juventude referenciais morais que o mundo adulto deveria fornecer.

Nesse modelo social, há um tipo de pessoa que pensa e age como se não precisasse de ninguém. Nem de Deus! Segundo Prandi (1999, p. 65), “onde o homem tudo pode, Deus é inútil. Se a sociedade, através de suas instituições e instâncias profanas, pode prover todo o essencial à vida, das coisas materiais aos significados, passando pela justiça e pela moralidade, nessa sociedade Deus é descartável”.

Apesar desse desprestígio da religião, sobretudo nos moldes tradicionais, há um intenso movimento religioso constituindo uma contradição, como Prandi (1999, p. 63) pontua:

“Esse processo de desencantamento da religião e da sociedade e de perda de importância da religião pode parecer contraditório com o fato de que esta é uma época de grande vigor religioso, quando crenças novas e velhas, organizadas numa miríade de igrejas e agências do sagrado, se propagam e se multiplicam com grande velocidade mundo afora”.

Assim como o mercado globalizado, também no espaço das novas religiões, das agências do sagrado, o/a jovem é o foco de interesse, para os quais toda propaganda é dirigida. As novas igrejas investem, com muita força e criatividade, na conquista do/a jovem principalmente através da música e da dança. Atraídos pelos ritmos embalados e cantos alegres, os/as jovens aderem às novas igrejas. Aí fala-se de Deus e muito mais de seu adversário, o Demônio, que atemoriza e persegue os/as desgarrados/as.

Para muitos/as jovens, a busca do sagrado, da religião, muitas vezes se dá por modismo, por influência de amigos ou para se libertar de algum vício, nesse caso, em sua maioria, levados por familiares ou algum outro interesse que não propriamente o encontro com o transcendente. Desse vínculo nasce uma prática religiosa descomprometida, mais parecida com um compromisso social. Não é uma convicção, como analisa Prandi (1999, p. 65):

“O homem e a mulher que vivem a experiência do retorno interessado ao sagrado em busca de sua eficácia sobrenatural não abandonam seu pensamento profano-racional, nem mudam as orientações mais gerais de sua conduta. Valem-se do que o sagrado pode oferecer, pagam por isso e se sentem livres e não-comprometidos em relação Deus e seus agentes”.

Embora a propaganda religiosa seja intensa e o número de igrejas seja crescente, grande parte da juventude ainda não foi cativada para uma adesão e menos ainda à prática religiosa. É verdade que a participação dos/as jovens é um fenômeno que desperta interesse e gera notícias na mídia. Ainda assim a participação da juventude nos espaços religiosos é pequena em proporção à massa juvenil brasileira.

1.3.3 - Resistência da juventude à globalização

Se em toda regra há exceção, no meio da juventude as exceções são a regra. Considerando o lugar social de cada um, são muitos os grupos juvenis que se contrapõem aos modelos que os adultos e o mercado querem impor. Punks, darks, góticos, seminaristas, jovens religiosas, comunidades juvenis confessionais... cada grupo elabora e valoriza as particularidades que o diferencia dos seus coetâneos.

Além desse gosto pela diferença, os/as jovens também demonstram interesse pelas questões da ecologia e da defesa da vida. Muitas religiões e também outros

grupos organizados da sociedade foram assumindo essa inclinação dos jovens e favorecendo o seu protagonismo como, por exemplo, as ONG's. Elas são várias, com trabalhos em diversas frentes e, muitas dirigidas por jovens. Em torno delas há dezenas de jovens que formam e atuam numa grande rede de voluntários.

A sensibilidade do/a jovem para diferentes serviços de voluntariado parece ser um componente especial nessa fase da vida. A juventude é a etapa da ação, do fazer e do movimentar-se. O que muitas vezes acontece é que falta gente que acompanhe os/as jovens, incentivando-os para a ação. Também há pouco espaço para ações alternativas.

Em qualquer espaço que esteja, uma juventude saudável é também idealista. Tem sonhos e quer vivê-los. Necessita de valores que lhes orientem os rumos, que os integrem na relação consigo mesma e com os outros. Essa orientação pode muito bem vir da religião, como reflete o teólogo Vijver (2000, p. 110), quando diz: “O homem não pode viver sem esperança, sem ideais, sem ter a idéia de que este mundo pode ser transformado em um mundo mais humano. Necessita valores e convicções que o orientem. Uma perspectiva religiosa”¹.

A perspectiva religiosa alimenta a esperança, porque trabalha com elementos fundantes que dão sentido à vida. Esses elementos são estruturantes para um/a jovem, pois alimenta seus valores e integra seus desejos juntamente com tudo que ele/a é, em suas múltiplas relações.

Para cativar o/a jovem, as religiões têm criado diversos caminhos. Muitas expressões religiosas são reinventadas, ganham significados novos: terço da libertação com a juventude renovada da Igreja Católica, carnaval com Cristo nas Igrejas neopentecostais, folia do divino nos bairros nobres da capital etc. Enfim,

¹ Traduzido pelo autor.

muitas expressões criativas e bonitas são ressignificadas no universo religioso e social.

Nesse movimento, estão sendo resgatados muitos símbolos do passado, como Pace (1999, p. 35) nos ajuda a perceber:

“Essa *world-religion* pode alimentar todos aqueles movimentos que reinventam uma tradição, que reinterpretem símbolos de um patrimônio ou de vários patrimônios religiosos para dotar-se de uma identidade que só aparentemente se coloca em continuidade com o passado: o passado é um pretexto mítico na realidade para produzir uma nova, moderna, sociabilidade religiosamente marcada – ao menos nas intenções e nas tentativas de criação de micro-comunidades às quais dão vida”.

Como as demais pessoas, os/as jovens buscam todo o tempo a convivência em grupos e constituem comunidades para diversos fins. Essas moças e rapazes querem ser diferentes e buscam na religião novas maneiras de estarem atuantes, sendo protagonistas do novo. Há na religião um terreno propício para a criatividade. Os elementos constitutivos do sagrado e do religioso como os mitos, ritos e símbolos possibilitam reinterpretações e novos significados. O patrimônio cultural religioso é um universo intenso de pesquisa e de inspiração.

Os jovens que participam e atuam no espaço religioso fazem da arte estratégia de mobilização e de formação. Evangelizam com os recursos do lúdico, da arte e do belo. Sobre estas características que a juventude tão bem traduz, Prandi (1999, p. 64) falou: “Há um tipo de sensibilidade que a religião parece ser muito bem dotada para preencher e desenvolver, como são capazes as artes. Neste sentido, ser da religião é ser diferente, é sentir-se contra a corrente”. Ser diferente! Esse parece ser o grande desejo de cada jovem. Estar na contramão. Afastar-se da rotina. Mostrar que são capazes. Fascina-os o mistério e os desafios.

Para os/as jovens, o espaço da religião é a possibilidade de ter novos amigos e amigas. Ter um grupo com quem trocar idéias. Para essas moças e rapazes o conjunto simbólico que uma religião apresenta é a novidade que os atrai. Vê-se surgir um tempo novo. Mantras orientais, danças do candomblé, escapulários do catolicismo. É essa mistura, esse sincretismo espontâneo, que torna o sagrado e a religião envolventes. Os/as jovens, sujeitos e destinatários desse sincretismo, recriam as tradições, mantêm vivo o passado com o rosto do presente.

A juventude organizada nos diferentes grupos é um dos sinais de resistência à globalização. Estar envolvidos em discussões ideológicas ou mesmo vivendo as adesões radicais das “tribos” urbanas, os grupos de mocidade das diferentes igrejas cristãs ou extremistas políticos, esses grupos juvenis sempre serão sinal de resistência, sendo ela pacífica, contestatória, ativa ou revolucionária.

Participando de um grupo, os/as jovens criam mecanismos alternativos que barram o processo de cooptação pelas estruturas de uma globalização excludente que os/as estigmatizam e os/as deixam à margem das grandes decisões. Sem dúvida, as igrejas têm propiciado expressiva contribuição na formação da juventude, levando-a a viver outras maneiras de se comprometer e participar sem ser engolida pela uniformidade globalizante.

Contra a ordem social que impõe individualismo e a impessoalidade nas relações, os grupos populares, entre eles principalmente os/as jovens, dão outras respostas. Para poder existir enquanto grupos, famílias, essas pessoas necessitam continuamente dos espaços e dos momentos de encontro com o seu ente sagrado. No espaço religioso, centenas de homens e mulheres passam a conviver numa rede de relações que os/as tira do isolamento. Parker (1991, p. 281) diz que, “com a concentração da população em aglomerados urbanos, a mercantilização, automação

e burocratização, modifica-se o ritmo da vida e as relações sociais se tornam impessoais e anônimas”. Se os lugares de culto, que é lugar de encontro e celebração da fé desses grupos, lhes faltassem, faltaria também o reconhecimento de suas presenças nas comunidades, conseqüentemente, de suas pessoas, de suas presenças no mundo.

No universo da cultura urbana tudo é muito veloz. As pessoas trabalham, correm, ocupam todo o tempo na luta para garantir a sua sobrevivência e dos seus. Como Parker (1991, p. 287) mesmo diz, “ali, o tempo é linear e transcorre em velocidade acelerada. O espaço é preenchido com produtos do homem, especialmente com máquinas. É um espaço artificial que rompe o contato com a natureza”.

A perda dos laços afetivos cede lugar a uma luta constante para ser reconhecido/a e fazer parte de um corpo social. Estabelecem-se relações marcadas pela competição. Numa realidade assim, muita gente se perde. Distancia-se de valores como a fé, a justiça e das suas relações familiares, ocasionando a perda dos vínculos socialmente construídos.

Essa perda de vínculos sociais traz, como conseqüência, a perda de um outro vínculo especial e mediador do prazer, que é o contato com a natureza. A natureza é pouco valorizada e cuidada nas cidades, como espaço sagrado da comunhão da pessoa humana com os demais seres vivos. A esse respeito, reflete o teólogo M. Barros (2002, p. 158):

“As pessoas vêm na natureza só o seu aspecto utilitário. Vêm a si mesmas e a terra em vista do trabalho. A Bíblia tem outro modo de ver a terra, a água e toda criação. Na espiritualidade judaico-cristã, a natureza não é subordinada aos humanos, mas é parceira da aliança com Deus”.

Uma religião que não cultiva as relações interpessoais e o cuidado ecológico rompe a cadeia de preservação da vida. Deve fazer parte da ética de qualquer religião a recomendação do diálogo inter-religioso e do zelo de todos os ecossistemas. Assim feito, a religião estará ajudando as pessoas no cultivo de si mesmas, quando cuidam do planeta.

Uma fé conseqüente implica em acreditar no Criador e na criatura. A natureza, a pessoa humana, todos são sagrados. Cultivar esses valores é cultivar a sensibilidade e o mistério, não das coisas que não se explicam, mas, daquelas que, mesmo frente a toda explicação, ainda conservam algo inexplorado. É como o transcendente: mistério que não se esgota nunca.

1.3.4 - Pastoral da Juventude no Brasil

Política, econômica e socialmente nosso tempo é marcado pela globalização neoliberal, com suas estratégias massificadoras. No campo da fé sobressaem, de um lado, a ortodoxia e o conservadorismo das religiões tradicionais, do outro lado, a mercantilização da fé, através de expressões religiosas da satisfação das necessidades individuais e imediatas, que não geram compaixão nem solidariedade.

Há, no entanto, grupos de pessoas que não se sentem confortáveis em nenhum desses modelos. Por isso, embora não seja maioria, criam formas alternativas de vivência da fé. A Pastoral da Juventude do Brasil é fruto dessa corrente e herdeira de uma longa história.

O trabalho com juventude na Igreja Católica do Brasil começou quando as congregações religiosas criaram as universidades. Depois surgiram os movimentos marianos e, a partir dos anos 30 e 40 do século XX, com a Ação Católica geral. No

final da década de 40, começou a difundir-se no Brasil a Ação Católica Especializada, que trabalhava com jovens a partir de seu lugar sócio-cultural: no mundo rural - JAC, no meio estudantil - JEC, nas escolas secundaristas – JIC, no meio operário – JOC, na universidade – JUC.

Com a ditadura militar, nos anos 60 e 70, tornou-se difícil o trabalho que tinha como estrutura organizacional um grupo. Ainda assim, nesse período, a Igreja foi o espaço onde muitos/as brasileiros/as conseguiam falar e expor suas idéias, como avalia Elio Gaspari, falando do período posterior ao AI-5 (2002, p. 236):

“A ditadura assumira o controle das chaves dos cárceres e dos cofres, os partidos políticos estavam inertes, a atividade parlamentar resumira-se ao exercício de investigação dos limites do Congresso (...). Concluíra-se o processo de desmobilização da sociedade brasileira. De todas as instituições de âmbito nacional e tradição política, só uma não coubera inteira no acerto: a Igreja”.

A ditadura foi o tempo dos “movimentos internacionais”, experiências evangelizadoras trazidas dos Estados Unidos ou da Europa e implantadas aqui. Normalmente esses movimentos estavam voltados para uma espiritualidade de caráter mais emocional e vinculados a uma congregação ou ordem religiosa.

No início dos anos 80, começam as experiências com os chamados grupos de base da Pastoral da Juventude do Brasil – PJB, fundados a partir da pedagogia das CEB's e dos ideais da Teologia da Libertação. Esses grupos, semelhantes à juventude dos anos 40 – 50 do século XX, se organizam a partir do seu lugar social, seja no meio rural (PJR), no meio estudantil (PJE), universitário (PU), no meio urbano nas paróquias (PJ) e no meio popular (PJMP).

Por causa do testemunho e do empenho de algumas lideranças, em muitos lugares a Igreja vem convocando jovens para que se capacitem para exercer o ministério junto a outros/as jovens. Os grupos de líderes que se capacitam constituem os novos atores sociais, nesse momento novo da Igreja, que adentra o século XXI.

Compreenderemos melhor essa maneira de evangelização em que a juventude terá seu protagonismo, nos reportando a L. Boff (1992, p. 103):

“Eis algumas razões que fazem essa evangelização ser nova: o sujeito principal dela são os pobres (...) nova porque inaugura um modo novo de ser Igreja, que se caracteriza pela comunidade, pela participação facilitada a todos/as, pela distribuição de funções, pela emergência de ministérios novos e carismas, pelo novo tipo de cristão/ã, participante dos destinos da sociedade, solidário com os/as pobres e comprometido/a com mudanças substanciais da sociedade na perspectiva dos/as oprimidos/as”.

A adoção desse modelo de evangelização produz fortes experiências de formação da consciência crítica. Na PJB, cuida-se de construir uma espiritualidade da libertação que se traduz na adesão à defesa da justiça e no compromisso eclesial e político, como explicita o Setor de Juventude do CELAM (2003, p. 40): “A Pastoral Juvenil se vincula organicamente com a Pastoral de conjunto e na sociedade: promovendo a cultura da solidariedade e da paz, como alternativas frente à sociedade de consumo e ao individualismo, partilhando desde nossa pobreza, para criar condições de justiça e dignidade”.

Nos anos 90, as Pastorais de Juventude continuam organizadas por meios específicos nas diferentes regiões brasileiras. Constata-se, porém, um esvaziamento desse modelo de organização como forma de evangelizar a juventude. Semelhante ao mundo protestante, onde o neo-pentecostalismo aparece com muito vigor, ganha

muita força a Renovação Carismática Católica com uma espiritualidade fundada na devoção ao Espírito Santo, chamada “novo pentecostes” na Igreja. Com muita capacidade de mobilização, esse movimento tem conseguido trazer muita gente de volta à prática religiosa. Muito ativos, esses grupos promovem constantes atividades prioritariamente para a juventude.

A juventude responde também, como outros grupos, nessa volta ao sagrado. Os/as jovens querem uma religião menos convencional, às vezes intimista outras vezes barulhenta e emocional. A isso Parker (1991, p. 291) assim se refere:

“Os grupos de jovens estão numa busca espiritual não convencional em que se combinam elementos das novas subculturas jovens (rock, drogas, orientalismo) com a rejeição do catolicismo convencional (ou do protestantismo histórico) que aos jovens resulta como um catolicismo “de velhos”.

A Igreja que acredita e investe na juventude não deixa passar despercebidos os gritos e desejos que esses/as jovens manifestam quando sentem falta de algo mais seguro nas suas vidas. Eles/as desejam fazer experiências mais profundas, de atividades que os/as façam ser de verdade sujeitos e atores de uma outra Igreja, viva, criativa e acolhedora.

Frente a uma Igreja que retraiu-se profeticamente e diante do olhar desconfiado da hierarquia, lideranças da Pastoral da Juventude teimam em fazer o seu papel de promover o protagonismo dos/as jovens. Enquanto instituição, a Igreja ainda tem muito a fazer no campo da evangelização juvenil. Há muitos desafios a serem enfrentados e investimentos a serem feitos para que a juventude assuma de fato sua adesão religiosa e seu compromisso ético.

CAPITULO II - FORMAÇÃO BÍBLICA PARA JOVENS

A Escola Bíblica para Jovens é uma experiência de evangelização que vem sendo desenvolvida há sete anos na Casa da Juventude Pe. Burnier. Ela nasce com o desejo de ser para a juventude um espaço de encontro com a Palavra de Deus, lida a partir de sua própria realidade. Na EBJ os/as jovens vão construindo um modo próprio de ler a Bíblia e fazendo um caminho de crescimento na fé.

A formação e educação na fé dos membros de uma Igreja, sobretudo se forem jovens, foi e tem sido sempre uma preocupação e um desafio. Educar na fé, a partir de um conjunto de doutrinas próprias de cada denominação ou confissão, é basicamente o centro do “*magis*” de cada grupo religioso em particular.

A comunidade eclesial católica está toda, e todo o tempo, empenhada em fazer da evangelização uma grande expressão que se traduz nas ações com diferentes grupos, nas diferentes culturas, estendendo seu projeto em missões além fronteiras. Nesse universo de tantas pastorais, movimentos e organismos está a Pastoral da Juventude e, a serviço dela, a Casa da Juventude Pe. Burnier com várias atividades evangelizadoras, entre elas a Escola Bíblica para Jovens.

2.1- Casa da Juventude Pe. Burnier

A Casa da Juventude Pe. Burnier (CAJU) é um Instituto de Pastoral da Juventude, fundado em 1984 e atualmente composto por uma equipe de cerca de 40 profissionais que atendem a uma média de dois mil jovens a cada ano. No Plano de Ação Global da CAJU, gestão 2003, há uma definição dessa organização:

“(...) Instituto de Formação, Pesquisa, Assessoria e Assistência Social destinado ao segmento dos adolescentes e jovens. Filiada à SEAS (Sociedade de Educação e Assistência Social), da Companhia de Jesus (Jesuítas), a CAJU é considerada uma organização civil, de utilidade pública, registrada no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA de Goiânia), no Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS) e no Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS), com assento no Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescentes (CEDCA de Goiás), cumprindo assim as exigências legais, segundo a política pública da assistência social”.

Esse centro de formação da juventude surgiu por iniciativa dos Padres Jesuítas, com a colaboração de jovens, leigos/as, religiosos/as e outros sacerdotes que, ouvindo as necessidades da juventude organizada na Arquidiocese de Goiânia, acreditaram no seu projeto pastoral.

À frente da CAJU estavam os jesuítas Pe. Albano Trinks² e Pe. Walmir Brandão. Entre os membros da Equipe da Casa listados em textos mimeografados de 1992 e 1994 aparecem os nomes dos casais Elaine e Anézio Oliveira, Albina e Vicente Vieira e dos/as jovens Salma Segato, Denise, Laudemiro Borges (Mirim). Um texto de planejamento com a programação de 1985 (elaborado provavelmente no final do ano anterior) traz um texto feito pelo Pe. Albano Trinks, que relata o início da CAJU e sua primeira atividade:

² Jesuíta nascido no Rio Grande do Sul, idealizador do projeto da CAJU e seu primeiro diretor. Faleceu em São Leopoldo, em 1994.

“Desde longa data a Companhia de Jesus vinha estudando a possibilidade de dar novo destino à residência dos padres jesuítas, na 11ª Avenida nº 953, no setor universitário. Pensava-se destinar a residência em local de retiros, encontros... por razões diversas a idéia ficou nos planos. A falta de casas de encontros e retiros, numa cidade do porte de Goiânia e anseios e necessidades da pastoral da juventude, vinha agindo como fator de pressão para que se encontrasse uma saída. Encurtando delongas com total apoio dos superiores da Companhia, inaugura-se hoje, 22/12/84, a CASA DA JUVENTUDE que já vinha prestando seus serviços desde 20/21 de outubro, quando se realizou o 1º curso de capacitação para coordenadores jovens da Paróquia de Campinas. Foi uma amostragem positiva que auspiciava a grande importância desta Casa para a formação cristã e espiritual da numerosa juventude goiana”.

Segundo os relatórios encontrados, oficialmente a Casa da Juventude foi inaugurada com a presença do então arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos, e do superior provincial dos jesuítas, Pe. MacDowell, sj. Nos primeiros anos a CAJU contou com a ajuda de diversas mulheres das congregações Carlistas, Franciscanas da Ação Pastoral, Filhas de Jesus, Missionárias de Jesus Crucificado e outras.

Ao longo do tempo outras congregações se juntaram às diferentes equipes da CAJU, colaborando nas diferentes áreas e atividades. Paralelamente, cada vez mais as jovens lideranças da Pastoral da Juventude foram sendo convidadas e foram assumindo um maior protagonismo em todo o conjunto de atividades e decisões desse Instituto. Em 1986, a jovem Carmem Lucia Teixeira foi contratada para integrar a equipe que trabalhava em tempo integral na CAJU e, na atualidade, os/as leigos/as representam 73% da coordenação, sendo 8 entre 11 membros.

O nome da Casa da Juventude foi colocado para homenagear o Pe. João Bosco Penido Burnier, jesuíta, natural de Juiz de Fora, MG, assassinado pela polícia por ter sido confundido com Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, MT.

Os dois estavam à porta da cadeia de Ribeirão Cascalheira, para defender duas mulheres pobres que haviam sido presas injustamente, conforme escreve Marins (1984, p. 151):

”Conta o bispo Casaldáliga: Chegamos ao pátio da delegacia, cercado de arame, e os dois cabos e os dois soldados nos esperavam, agressivos. Insultaram-nos. Tentamos um diálogo sereno. E, quando o Padre disse que, passando por Cuiabá, relataria aos superiores dos policiais aquelas arbitrariedades, o soldado Ruy Ramalho Feitosa deu-lhe uma bofetada e, ato contínuo, um golpe de revólver e o tiro fatal”.

Esse fato aconteceu no dia 11 de outubro de 1976, mas o Pe. João Bosco veio a falecer aos 59 anos no dia seguinte. Pe. Burnier tornou-se um testemunho de defesa da vida, mártir da Igreja no Centro-Oeste. Ele inspira a Casa que traz seu nome, simbolizando o compromisso com a justiça. Esse compromisso está expresso já no texto mais antigo dos arquivos da CAJU, de 1984, que registra a primeira redação da finalidade da Casa, escrita pelo Pe. Albano Trinks (1984, p. 1):

“A Casa da Juventude pretende subsidiar a Pastoral da Juventude da Arquidiocese na linha da formação de lideranças jovens e de assessores de jovens. (...) quer ajudar os jovens a elaborar sua opção de fé num mundo dilacerado por contradições e conflitos que ferem gravemente o Plano de Deus. Por isso a Casa da Juventude pecaria contra o Pai e contra os pobres, se não ajudasse os jovens e descobrissem as implicações que traz no campo da justiça.”

Frente às exigências do conjunto de leis que regem as instituições filantrópicas, no final de 2002, a CAJU passou por algumas mudanças. As adequações no conjunto da obra e de seus projetos refletem-se nos seus objetivos, como se lê no Plano de Ação Global - Gestão 2004 (p. 11):

“Oferecer serviço especializado sobre juventude, num acompanhamento eficaz a grupos de comunidades e organizações juvenis, possibilitando ações de prevenção primária junto à juventude, tendo em vista o engajamento e o compromisso destes na construção da cidadania e de

seus direitos, desenvolvendo ações sócio-educativas que assegurem, com absoluta prioridade, aos adolescentes e jovens a efetivação dos seus direitos básicos, oferecendo serviços qualificados através de uma formação integral e processual, respeitando seu ritmo de crescimento pessoal e comunitário, através de projetos educativo/pastoral e de assistência social, que garantam a profissionalização, a proteção no trabalho, o acesso à cultura, à convivência familiar e comunitária nos termos da LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social (nº 8742 de 07/12/1993)”.

A CAJU tem alguns princípios que são colocados como horizontes para pautar o conjunto de suas ações. Nos instrumentos e registros documentais de preparação da Assembléia dos 10 anos, em outubro de 1994, registra-se que a CAJU trabalha com os seguintes valores:

- “- Formação educativa integral, que provoque processo de vida, criação, libertação, construção de pessoas livres, plenas e felizes;
- A gratuidade contemplativa da fé e vivência da graça;
- A criatividade em festa, intuitiva, terna, lúdica, artística e mística;
- A paixão pela justiça e denúncia profética;
- A fraternidade igualitária;
- O ecumenismo acima de raça, idade, sexo e credo;
- O testemunho coerente, uma vivência comunitária, acolhedora, solidária, criativa e alegre;
- A esperança utópica pascal”.

Atualmente, com 20 anos de existência, a CAJU constata que, de fato, tem sido um dos espaços de educação não-formal da Igreja Católica, que trabalha com a capacitação de lideranças cristãs, contribuindo para a inclusão de jovens empobrecidos, colaborando na construção de pessoas felizes e de saberes que geram mais vida.

2.1.1 - Organização

Para realizar suas atividades, a Casa da Juventude conta com apoio financeiro da Província Brasil Centro-leste dos jesuítas e de duas agências internacionais de apoio à Igreja do Terceiro Mundo. A Casa possui uma infraestrutura física adequada para acomodar os/as destinatários de sua ação, tem relativa independência junto a estrutura eclesial local e regional, podendo definir e realizar seus projetos de formação de maneira relativamente autônoma.

Do ponto de vista dos serviços, atualmente a CAJU possui uma estrutura com Direção geral, Coordenação geral, Secretaria executiva e quatro setores: 1) administrativo, 2) assistência social, 3) comunicação, 4) estudo, pesquisa e publicação.

Para levar adiante seus projetos pedagógicos, a CAJU conta com uma coordenação composta por onze pessoas, sendo três religiosos e oito leigos, desses seis são homens e cinco são mulheres. São profissionais das áreas de Letras, Ciências Sociais, Filosofia, Teologia, História, Serviço Social, Direito e Psicologia, todos com experiência de trabalho junto à juventude. Esses profissionais se dividem para coordenar projetos e atividades, a partir de 5 áreas de formação (Psicologia, Comunicação e Arte, Metodologia, Bíblia e Espiritualidade, Sócio-política).

Dos onze membros da equipe de coordenação, nove são liberados em tempo integral para atender todo o processo e os destinatários, facilitando a ação de educadores e educandos.

Além dos/as funcionários, a CAJU tem uma Equipe Ampliada de Assessores, que atuam como voluntários. Na área de Psicologia conta com 8 assessores; área de Bíblia - Espiritualidade com 9 assessores; área Político-Social com 6 assessores; área de Metodologia - 9 assessores; área de Comunicação e Arte com 12 assessores. Soma-se, portanto, um total de 44 assessores/as. Esse grupo

amplo e diversificado é que tem sido responsável pelo caminho que a Casa da Juventude faz no Centro-Oeste, como expressam William Bonfim, em artigo por ocasião da celebração dos 15 anos da CAJU:

“Nós, equipe ampliada de assessoria, monitores da Tarde de Formação e outros, número que já ultrapassa a casa dos 60, gente que trabalha voluntariamente, nestes 15 anos da CAJU, oferecemos o nosso carinho e afirmamos que reincidiremos no desejo de continuar amando e nos dedicando a esse projeto. Irremediavelmente”.

(cf. texto integral, mais artigo de Pedro Wilson nas p. 136 e 137).

2.1.2 - Parcerias e serviços

Desde a sua fundação, a Casa da Juventude se associa a diversos grupos para potencializar sua ação. A parceria concretiza o sonho de somar forças com pastorais, grupos e entidades que defendem a vida. Entre as organizações parceiras da CAJU estão a PJ do Centro-Oeste, as PJ's de Goiânia, a PJ do Brasil, o Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDCA), a Rede Brasileira e a Red Latino-americana dos Centros e Institutos de Juventude, o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES), o Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), paróquias, dioceses e outros tantos movimentos sociais que atuam a serviço da justiça e da vida e que lutam para ajudar os/as jovens a desenvolver seu potencial criativo.

Fiel aos objetivos, áreas de atuação e linhas pastorais priorizadas, a CAJU oferece os seguintes serviços:

- Assessoria às Pastorais de Juventude, congregações, pastorais e outros, fazendo atendimento diretos ou acompanhamento pessoas na preparação de reuniões, cursos, retiros e similares.
- Serviços de pesquisa sobre juventude, biblioteca informatizada, bancos de dados, livreria, material didático, audiovisuais e outros.

- Espaço para encontros, reuniões, cursos, com acomodações para 60 pessoas, capela, refeitório, pátio para recreações, sala para reunião, sala de informática, equipamentos de som e vídeo e outros.
- Cursos Pré-Universitário, Informática, Línguas (inglês e espanhol) e Dança. Atendimento psicoterapêutico. Todos disponibilizados gratuitamente para a comunidade de baixa renda.
- Cursos de formação de lideranças e assessores/as: Curso de Afetividade e Sexualidade, Escola Bíblica para Jovens, Escola Litúrgica para Jovens, Escola de Cidadania e Oficinas de Arte.

2.1.3 - Mística

Há no espaço físico da CAJU, nos seus jardins e plantas, um cuidado e um respeito à natureza que convida todas as pessoas a fazer o mesmo. Percebe-se também nos que lá trabalham um modo especial de acolher as pessoas, indistintamente. Parte da mística da CAJU manifesta-se na acolhida fraterna das mulheres e homens que freqüentam aquele espaço. L. Boff (1993, p. 146) diz: “O órgão para captar este mistério é o coração e aquilo que Pascal chamou de *esprit de finesse* (espírito de fineza). É uma atitude de simpatia fundamental, uma capacidade básica de sentir os outros em sua situação concreta (coração)”.

A mística da CAJU também se expressa no cuidado com os direitos dos/as adolescentes e jovens. As pessoas que compõem a Casa dirigem o olhar para novos horizontes e têm sensibilidade para captar os clamores e esperanças dos jovens.

Quem faz a história da CAJU, em sua maioria, são pessoas pobres que encontraram na Pastoral da Juventude um espaço para aprender e construir-se. Na ajuda mútua e no enfrentamento dos conflitos do cotidiano, esses/as jovens pobres

vão experimentando a presença fraterna de novas irmãs e irmãos que se ajudam na luta contra a solidão. Cada curso, reunião ou festa é sempre um momento de reencontro com as raízes e de fortalecimento das estruturas afetivas.

É árdua a batalha diária de todos/as da CAJU para manter o projeto, cumprindo seus objetivos. Há conflitos, desespero, impaciência, medo que tudo acabe amanhã. Tudo é muito frágil. O desafio é manter cada projeto que se implanta. Faz-se, a cada dia, o exercício de ser forte na fragilidade. A mística da CAJU reside na sua humanidade e nas suas contradições expostas ao olhar das pessoas. Aqui brota a oração que reflete a acolhida ao diferente – lugar de encontro consigo mesmo. Isso nos reporta a L. Boff (1993, p. 148) quando fala:

“A mística não é, pois, privilégio de alguns bem-aventurados. Mas é uma dimensão da vida humana, à qual todos têm acesso quando descem a um nível mais profundo de si mesmos, quando captam o outro lado das coisas e quando se sensibilizam diante da riqueza do outro e da grandiosidade, complexidade e harmonia do universo”.

A mística da construção da esperança, que se procura viver na CAJU, reside no exercício semanal de devolução, da partilha e da avaliação das atividades, bem como na integração e na cumplicidade das equipes. Um versículo bíblico tornou-se mantra para esse grupo: “Todas as coisas concorrem para o bem daqueles/as que amam a Deus” (Rm 8,28). Na CAJU, fala-se que as lutas são muitas, as barreiras são várias, mas cada um e cada uma continua empenhado/a no projeto, porque acredita na utopia do Reino de Deus e sua Justiça, na certeza de que ele começa aqui, no fazer da história junto com a juventude.

2.2 - Escola Bíblica para Jovens

O eixo teológico-pastoral é uma das cinco dimensões do processo de formação da Pastoral da Juventude do Brasil. Entretanto, constatamos a

predominância de um vazio na formação bíblica nas experiências da PJB. É comum a existência de cursos temáticos isolados e o uso fragmentado de textos bíblicos para justificar assuntos e temas estudados. Faz-se uma hermenêutica engajada, porém, fundamentalista.

Diante dessa realidade e preocupados em construir um itinerário de educação na fé, grupos de assessores/as e lideranças jovens e adultas que trabalham com as PJs procuraram organizar e estruturar um programa de estudos bíblicos, que juntasse a tradição da Igreja Católica e de outras igrejas cristãs.

Ao estruturar a primeira experiência de formação bíblica para jovens das PJs do Centro-Oeste, Escola Bíblica para Jovens, a CAJU procurou juntar forças com quem já tinha experiência nessa área. Firmou-se, então, uma parceria entre a CAJU, o CEBI³ e as PJs do Regional Centro-Oeste da CNBB. Estes grupos definiram um caminho metodológico e de conteúdo para que, em treze etapas de estudo em finais de semana, cada uma com cerca de 20 horas de trabalho, os/as jovens estudem os dois grandes blocos da Bíblia, chamados Antigo e Novo ou Primeiro e Segundo Testamentos.

A Escola Bíblica para Jovens foi implantada primeiramente na Casa da Juventude Pe. Burnier, em 1995, e depois se estendeu para o Tocantins, Distrito Federal, Mato Grosso e São Paulo, além de inspirar adaptações do projeto de formação bíblica para jovens em outros estados. Acontecendo no território geográfico da Arquidiocese de Goiânia, a EBJ é dirigida primeiramente aos jovens cristãos que participam das comunidades e paróquias desse lugar. Como é um projeto com identidade ecumênica, a EBJ também está aberta aos/as jovens de

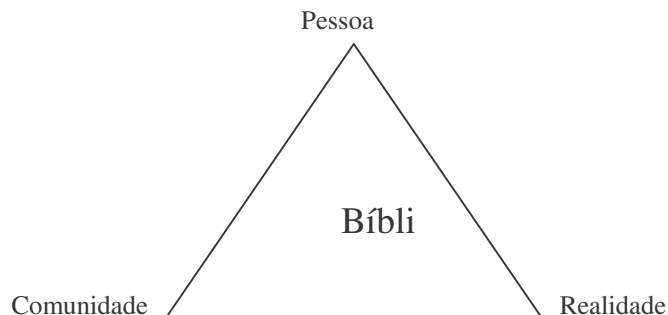
³ O Centro de Estudos Bíblicos é uma entidade ecumênica, fundada em 1979, que trabalha com estudo, pesquisa e formação no eixo da "leitura popular da Bíblia".

outras igrejas cristãs. Dessa forma, estabelece-se uma rede relacional com muitas pessoas, organismos e grupos.

Os/as participantes da EBJ são, como tantos outros de sua idade, ruidosos, inteligentes e alegres. Moças e rapazes, em sua maioria, trabalhadores ou filhos/as de trabalhadores/as, estudantes, desempregados e funcionários do comércio. Talvez a diferença em relação aos seus pares seja o engajamento eclesial que têm em suas comunidades. Nos últimos anos participam também da EBJ alguns seminaristas e um expressivo grupo de candidatas à vida religiosa (postulantes e noviças) que procuram completar sua formação junto com outros/as jovens. Percebe-se cada vez maior participação e interesse das mulheres no espaço da EBJ.

Em função de cuidar do conjunto da EBJ, fez-se necessário a estruturação de uma coordenação para acompanhar as etapas em tempo integral. Esse procedimento é exigência da opção metodológica feita e garantia do bom andamento da Escola. Cabe a essa coordenação a escolha e convite aos assessores/as, a organização da agenda, o cuidado com a mística e a espiritualidade, colaborando com os/as assessores/as das etapas, fazendo a integração dos conteúdos trabalhados.

A EBJ de Goiânia tem procurado fazer a leitura bíblica com jovens, partindo do próprio universo deles. Considera-se prioritariamente o meio urbano com suas conquistas e também seus problemas. O eixo metodológico básico da Escola Bíblica para Jovens é o mesmo do CEBI, fundado no tripé: Pessoa - Realidade - Comunidade, cujo centro é a Bíblia que ilumina essas dimensões.



A leitura bíblica do CEBI utiliza o método sociológico, com sensibilidade para as hermenêuticas de gênero, etnia e outras, privilegiando os/as excluídos/as como sujeitos e primeiros destinatários da boa-nova. Essa metodologia propõe que a leitura bíblica seja feita pelos pobres e a partir dos pobres. Uma vez que o público da Escola Bíblica são os/as jovens, acrescenta-se à metodologia do CEBI o dinamismo das PJs.

Todo o trabalho parte do sonho ecumênico de comunhão, ética e respeito às diferenças, no qual a busca do diálogo entre as religiões e Igrejas é meta constante. Trabalhar dentro da tradição católica com uma metodologia que se vale do jeito de ensinar praticado por outras igrejas é uma novidade e, como tal, gera desconfianças, enfrentamentos e resistências por parte de alguns setores da Igreja. Entretanto, avalia-se que a experiência do trabalho de formação bíblica com jovens, realizado dessa forma, tem sido frutífera. Porém, esse trabalho é sempre desafiador, porque busca parceiros e caminhos que não são os convencionais.

2.2.1 - Objetivo

A EBJ foi criada para oferecer às lideranças juvenis das Pastorais de Juventude a oportunidade de conhecer a Bíblia a partir de um método sistemático que considera a realidade sócio-econômica e cultural, bem como os valores e atuação no mundo, próprios de todo/a jovem. Almeja-se que a experiência processual seja componente de uma pedagogia criativa que pensa primeiro em desenvolver nos/as jovens amor à Sagrada Escritura. Por esse aspecto o projeto das Escolas Bíblicas se aproxima da tradição dos místicos e estudiosos que, por amor à Palavra, firmaram-se como revolucionários e santos.

Da tradição educativa da Igreja em capacitar lideranças, a Escola Bíblica para Jovens herda o objetivo de formar multiplicadores para que “evangelizados evangelizem outros jovens” (Vaticano II). Dessa forma, a experiência é transmitida e continua acontecendo para outros/as jovens. A possibilidade e o desafio de construir uma teologia e uma hermenêutica do jovem é um desdobramento que a coordenação do projeto e os próprios jovens perseguem. Os comentários de W. Brito (2001, p. 30) ajuda-nos a compreender as respostas que estão tentando dar:

”Usamos as técnicas que forem preciso para facilitar o processo de os/as jovens se apropriarem da Palavra e, aos poucos, irem ganhando a autonomia necessária para fazer sua próprias descobertas; por outro lado, sempre aproveitamos o conhecimento dos/as assessores, para fazer que os/as jovens dêem um passo a mais: compreendam outros aspectos, enxerguem outros ângulos e redimensionem suas descobertas”.

Enquanto comunidade de fé e como organização institucional, cada vez mais a Igreja procura investir na formação de especialistas. No meio da juventude, também se vê expressivas experiências e projetos com esse objetivo voltados para a ação pastoral, catequese, liturgia, canto, música, entre outros. Assim como tantas pessoas, os/as jovens vão descobrindo um universo complexo e cheio de informações. Como diz M. Douglas (1987, p. 108), o ser humano “se move, não na paisagem, mas num reino humanizado saturado de significações”.

O mover-se no caminho do conhecimento é, muitas vezes, sofrido. Mesmo os/as jovens, freqüentemente se deparam com informações que desconstroem o que parecia estar estabelecido. Essa desinstalação de conceitos fica patente na fala de B. A. (31 anos) que fez a Escola Bíblica no período de 1997 e 1998⁴:

⁴ Optamos por preservar os textos dos/as jovens da maneira como eles nos foram oferecidos, porque até mesmo as dificuldades de construção e as falhas de ortografia são elementos importantes na caracterização do público da EBJ.

“Tive ao longo desses dois anos de estudo da/sobre a Palavra momentos de sabores e dessabores, pois tive que refazer conceitos que para mim eram extremamente verdadeiros, pois sou fruto de uma catequese que embasava a imagem de Deus, que não o revelava de fato, que determinava o certo e o errado, que não fazia a gente enxergar além do horizonte e da palavra. É preciso saber ler nas entrelinhas, quem nos ensinou isso? A escola? A Igreja? A pastoral?!”

De um modo geral, os/as jovens têm menos resistência às novidades que os adultos. Na busca por explicação dos fatos, da vida, do mundo, eles/as vão percebendo e podendo se expressar enquanto jovens. No encontro de formação mais aberto e informal, conseguem ressignificar os conhecimentos a partir da nova prática. Conhecem a Bíblia e a confrontam com outras informações que já possuem.

No universo de evangelização da Igreja, especificamente nos projetos de formação das pastorais, as lideranças têm percorrido caminhos pedagógicos de transmissão e troca de saberes. Diferente da educação formal, nos espaços de formação da Igreja muitos/as jovens têm a possibilidade de se capacitarem em um campo religioso-pastoral específico. Nessa experiência de formação, a pedagogia e as intenções são claramente voltadas para a circulação de saber e para a consolidação de valores cristãos.

Faz parte da estratégia da EBJ propiciar um saber, antes reservado aos especialistas da hierarquia, que agora chega ao laicato jovem. Com suas histórias, sagas, poesias, mitos, cantos e parábolas, a Bíblia torna-se objeto do conhecimento de mais pessoas. Os/as jovens compreendem, interpretam e se apropriam desse saber. Nessa interação, a juventude passa a fazer parte desse grupo de especialistas.

Uma das metas da EBJ é que, após dois anos de estudo, os/as jovens atuem em suas comunidades como multiplicadores/as. Nesse processo formativo despontam diferentes tipos de lideranças que contribuirão na disseminação de um jeito jovem de ler e interpretar a Bíblia. No decorrer das etapas, diferentes capacidades são estimuladas. Isso significa que, tendo recebido formação, os/as jovens terão agora que repassá-la a outros, não reproduzindo mecanicamente o que receberam, mas encontrando formas e situações oportunas nos seus grupos e comunidades. A contribuição no surgimento e capacitação de novos/as líderes também favorece a superação de necessidades dos grupos e das comunidades onde atuam.

A EBJ é igual para todos/as, mas as pessoas são diferentes. Isso implica em que, ao final do processo, nem todos saem igualmente preparados. Uns avançam, outros não, no domínio da exegese e de uma nova hermenêutica bíblica. O que não se abre-mão, entretanto, é de possibilitar que no decorrer da EBJ os/as jovens descubram onde e como poderão contribuir para levar adiante a Palavra de Deus. A própria pedagogia da Escola favorece a descoberta e potencializa os diferentes carismas.

2.2.2 – Metodologia e Hermenêutica

Ao longo dos últimos dez anos, a Pastoral da Juventude do Brasil tem desenvolvido projetos de formação mais organizados e sistemáticos. Dentre as várias frentes de ação vem se destacando a execução de projetos estruturados a partir das experiências de educação popular combinada com metodologias que vão ao encontro das necessidades e desejos dos/as jovens.

A formação desenvolvida na EBJ tem caráter processual, o que supõe uma maior preparação dos educadores e dos educandos. Nesse aspecto, a Escola está de acordo com as orientações para a Pastoral da Juventude Latino-americana (1997, p. 201) que afirma que “a opção pedagógica fundamental da Pastoral da Juventude é o reconhecimento do caráter processual e dinâmico da formação e da educação na fé”. Penengo (2003, p. 197) esclarece o que dá “caráter processual” a uma proposta pedagógica, distinguindo-a daquelas que ele classifica como “centradas no ideal”⁵:

“Outras propostas educativas, ao contrário, centram-se predominantemente no “**processo**” e atendem mais a integralidade da pessoa e suas etapas de crescimento e amadurecimento. Partem da realidade concreta do jovem, com suas possibilidades e limites, são vividas em processo em que a fé leva a pessoa a auto-transcender-se e a percorrer um caminho a partir do qual apreende e personaliza os valores”.

Nesse projeto de formação, os/as jovens são protagonistas. A importância de dar a eles e elas o seu devido lugar, remete-nos ao que diz M. Douglas (1987, p. 107): “As pessoas são essencialmente não-coisas. Elas têm querer e inteligência. Com seu querer elas amam, odeiam e reagem emocionalmente. Com sua

inteligência interpretam signos”. Os/as jovens são destinatários e sujeitos de todo o processo formador que os/as leva ao estudo da Bíblia e ao encontro da mensagem que ela contém. Conseqüentemente, esse processo os/as leva ao encontro de uns com os outros e deles com a sociedade.

Coordenadores/as e assessore/as da EBJ têm cuidadosa atenção às características do seu público. Por isso, fazem uso de uma metodologia que parte da experiência das pessoas, que considera o lugar de onde cada um/a vem e sua experiência de fé. Nas Escolas, os/as jovens são formados a partir da vivência religiosa e do sentido de comunidade que carregam e dos valores morais com que foram formados no seio familiar, entre outros traços da identidade que possuem.

A partir daí, a EBJ enfatiza elementos que nem todos os/as jovens carregam: atenção às situações de injustiça (fome, miséria, violência etc.), sensibilidade para com os mais fracos e excluídos, busca da superação de preconceitos, como as atitudes sexistas, dialogando e aprendendo a partir das relações de gênero, amadurecendo o respeito às diferenças religiosas, numa abertura ao diálogo com outras religiões, sem perder sua identidade de fé, vivência de uma espiritualidade de ternura e de compromisso com as pessoas e com a natureza.

O significado desse esforço foi explicitado por Carlos Mesters e Nancy Cardoso (1994, p. 25):

“A leitura libertadora e comunitária da Bíblia convoca a comunidade e critica os individualismos, as relações de dominação, os mecanismos de administração da vida, que se burocratizam e absolutizam, perdendo sua ligação com as necessidades concretas do povo. Não se trata só dos mecanismos da vida na sociedade, mas também das relações na comunidade eclesial assim como das relações primárias e familiares entre homem – mulher, adulto – criança”.

⁵ Tradução do espanhol pelo autor.

Na EBJ, a leitura dos mecanismos de dominação expressos no cotidiano é feita com ajuda dos instrumentais das hermenêuticas feministas e de gênero. Nessa leitura os/as jovens são chamados/as a elaborar novas compreensões a respeito dos papéis de mulheres e homens determinados em nossa sociedade, a partir do movimento dialético da construção e desconstrução.

Dentre tantos temas e questões do conjunto das ciências, a questão de gênero surge com uma força positiva que interpela os modelos de relações estabelecidas nos grupos que convivemos. Compreender o ser homem e o ser mulher não é algo tão fácil como sempre aprendemos, embora muita gente continue distinguindo homens e mulheres simplesmente pela característica biológica que identifica machos e fêmeas.

No findar do século XX, anos 80, essa questão de gênero toma força na antropologia. Joan Scott (1989, p. 3 e 14) fala em gênero como “categoria de análise” e conceitua essa expressão:

“Gênero tem duas partes e várias sub-partes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser analiticamente distintas. O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”.

Na atualidade, a categoria de análise “gênero” é uma chave de estudo bem presente na academia e também nos movimentos populares, particularmente com a juventude em suas organizações e movimentos. As pesquisas, as trocas de saberes, os movimentos sociais no mundo fermentam e adicionam constantemente elementos diversos e novos nas investigações de gênero. Na vanguarda desse movimento estão as organizações de mulheres no mundo e o movimento feminista

internacional. As reivindicações e os direitos conquistados pelas mulheres organizadas acabam ampliando a questão de gênero além do universo feminino.

Parafraseando Simone de Beauvoir, os/as hermeneutas de gênero afirmam que ninguém nasce mulher ou homem, mas, mulheres e homens nos tornamos, em decorrência do modelo de educação que recebemos na família, na escola, nas Igrejas. A carga de formação que recebemos desde a infância vai nos moldando, com conceitos e preconceitos que internalizamos a partir das falas, das práticas e dos símbolos que consumimos.

As imagens e funções masculinas e femininas são construções culturais, estabelecidas historicamente. Essas imagens construídas por tantos séculos imprimiram uma tal força sobre nossos comportamentos e identidades, a ponto de nos dividirmos entre dois mundos, o do homem e o da mulher. Essa divisão em nada favoreceu as duas partes e, ao contrário, cristalizou preconceitos e fomentou o machismo, estabeleceu barreiras para os sentimentos e limitou as trocas e diálogos entre os sexos, favorecendo o domínio do homem sobre a mulher.

No universo cristão, a teóloga Elaine Neuenfeldt (2000, p. 45) conceitua “gênero como todas aquelas características que são atribuídas às mulheres e aos homens as quais não são biológicas. São realidades históricas construídas, que definem no âmbito cultural e social o que significa ser mulher e ser homem”.

Esta conceituação aciona lembranças e experiências vividas de quanto nos foram inculcadas as idéias que nos separam, ao longo da vida, nos diferentes espaços e grupos aos quais pertencemos e dos quais participamos. Pais e mães, professores/as, pastores/as, padres, catequistas e outras pessoas que respeitamos foram moldando as identidades de homens e de mulheres que somos, como testemunha V.H. (24 anos):

“Falar da Escola Bíblica para mim é sobretudo compreender e partilhar da minha cosmovisão antes e depois da mesma [EBJ]. Eu venho de família pobre, recebi uma educação sempre voltada para a honestidade e a responsabilidade, na minha família meu pai representava o papel de autoridade máxima, minha mãe era é claro, passiva diante do patriarcalismo que meu pai exercia em nossa família, pois ela foi educada também para isto. Obedecer o marido. Foi neste berço que fui constituindo enquanto pessoa e conhecendo a sociedade, também foi esta imagem de Deus que eu absorvi”.

Em sintonia com o testemunho de V.H., Richter Reimer (2000, p. 19) nos faz entender melhor como somos formados em nossas identidades de mulheres e homens:

“A construção de nossas identidades femininas e masculinas depende mais da nossa cultura do que da nossa anatomia. Pois não é verdade que as chamadas “características” de mulheres e de homens sejam “naturais”, mas elas vão sendo construídas, assumidas, introjetadas, e reproduzidas por mulheres e homens em seus processos de educação, produção e reprodução”.

Essa reflexão provoca-nos a rever os espaços e processos educativos pelos quais passamos e em que atuamos. Se admitimos a categoria de análise gênero como uma chave de leitura da vida, das relações e estudos, teremos que enfrentar o doloroso movimento de desconstruir o que foi introjetado ao longo dos anos.

A partir da década de 90 do século XX, quando as questões e o conceito de gênero são colocados, este paradigma vem provocando muitas retomadas e mudanças nos estudos sobre o ser e as relações homem-mulher. Desde a família até as universidades e igrejas a questão de gênero vem sendo discutida e refletida como caminho de abertura para novas pesquisas e interpretações sobre a pessoa humana.

O recorte gênero e juventude, entretanto, ainda é um tema recente. Mesmo afetada pelas diferenças culturalmente construídas, a juventude ainda não foi suficientemente mobilizada para trabalhar a beleza e os conflitos advindos das diferenças de papéis do ser homem e do ser mulher. No processo de construção de sua identidade, a juventude experimenta a carga do poder da família, da escola, das igrejas e da mídia. Nessas estruturas, sente e absorve a força dos valores, das normas e das tradições de cada um desses espaços. Cada pessoa é resultado da visão de mundo recebida nos espaços sócio-culturais onde é formada.

Independente da classe social a que se pertence, em nossa sociedade a figura masculina é a que recebe maior destaque. Isso se reflete, por exemplo, na grande maioria de homens que ocupam os postos de decisão em diferentes instituições. O homem foi sendo fortemente empoderado ao longo da história. E com maior força, e possivelmente na raiz de toda essa cultura, está a figura do pai como chefe de família. A força simbólica da figura patriarcal determina o jeito de ser de uma sociedade, de toda uma cultura. Conseqüentemente, esse acervo cultural reflete e interfere nas relações de mulheres e homens, homens e homens e mulheres e mulheres.

Essa lógica patriarcal também está presente em muitas igrejas cristãs, organizadas hierarquicamente, e em outras grandes religiões que ainda legitimam a figura masculina para assumir o poder e comandar. Essa visão é reforçada pela mídia, como afirma Richter Reimer (2000, p. 19): “Essa construção de identidade pessoal e social é forjada num processo de relações de poder dentro de estruturas de sistemas patriarcais de subordinação, nos quais os meios de comunicação atuam como fator substancial”. Os meios de comunicação têm grande capacidade de formar opinião, de introjetar conceitos e valores novos.

Como por ironia, há quem diga que tudo se inicia nos braços de muitas mulheres, que absorveram o que lhes foi inculcado e, ao cobrar dos filhos posturas ditas “normais”, perpetuam o modelo patriarcal. Toda a luta da mãe para educar os/as filhos/as interfere no jeito de ser de mulheres e homens se relacionando e atuando nos diferentes espaços e grupos. Ao reafirmar a figura patriarcal junto aos filhos como exemplo de equilíbrio e normalidade, muitas mulheres não percebem que estão perpetuando o paradigma patriarcal e o autoritarismo e de um modelo sexista de educação que divide e separa mulheres e homens.

Em toda a sociedade e no meio da juventude há sinais de mudança. Há jovens que não admitem mais o modelo opressor de formas machistas que enfraquece e faz sofrer meninos e meninas. Entretanto, muitos acabam absorvendo os valores que discriminam as mulheres, primeiramente, e depois outros grupos e pessoas.

As mulheres são as mais atingidas nesse processo de construção identitária, pois sofrem em suas personalidades e corpos a interferência das forças externas e ideologizantes da família, da escola, da Igreja e dos meios de comunicação social. Segundo Richter Reimer (2000, p. 18), “é a realidade de discriminação e marginalização de mulheres que traz à tona toda uma reflexão sobre mecanismos de opressão e sobre estruturas patriarcais na construção de nossas identidades pessoais e sociais, na família, na sociedade, na igreja”.

Todos esses elementos da leitura feminista e de gênero são enfatizados em vista de formar nos/as jovens um quadro de valores, a partir do qual eles/as poderão avaliar os pensamentos, as teorias e as recomendações que lhes foram legados ao longo da vida.

Para que a juventude seja protagonista nesse caminho evangelizador, optou-se por uma metodologia envolvente, que combina arte e tradição, beleza e lúdico no encontro e no mergulho no sagrado. Na evangelização de juventude, essa

combinação de recursos é essencial para realizar a apropriação do conhecimento dos mistérios da fé e consolidar o sentido de pertença ao grupo. A esse respeito, Anderson (1989, p. 32) recorda que o Cristianismo precisou utilizar diferentes recursos para conseguir levar sua mensagem aos fiéis, de acordo com as especificidades de tempos e ambientes:

“A cristandade assume sua forma universal mediante uma infinidade de especificidades e de particularidades: este relevo, aquele vitral, este sermão, aquela fábula, aquela peça moral, aquela relíquia. (...) Na estruturação da imaginação cristã, a mediação de suas concepções para as massas iletradas, por meio de criações visuais e auditivas, sempre pessoais e particulares, não era menos essencial”.

Na EBJ, os/as jovens são provocados a fazer suas próprias descobertas e a estabelecer as inter-relações para poder aprofundar-se no conhecimento da Palavra de Deus. Malinowski (apud. Leach, 1983, p. 140) diz que “as palavras não dizem simplesmente algo sobre o estado de coisas; em nove entre dez casos, as palavras têm conseqüências; elas alteram o estado das coisas”. É necessário ir além do explícito, analisar e aprofundar a linguagem e a mensagem do texto bíblico, que quase sempre está permeada de simbolismo, descobrir o que está por trás das palavras; suspeitar do texto. Sobre isso Richter Reimer (2000, p. 53-54) que faz um alerta:

“É necessário não apenas resgatar textos esquecidos ou negligenciados, mas também reler profundamente textos explorados patriarcalmente pela exegese dominante. Isso significa reler os textos perguntando pelos interesses ideológicos presentes explícita ou implicitamente nas interpretações”.

Todas essas são chaves metodológico-hermenêuticos que a EBJ utiliza no trabalho junto aos jovens, lançando mão dos referenciais da Teologia da Libertação, da sociologia, de outras ciências e outros métodos de leitura bíblica. Dessa forma, a EBJ vai construindo um caminho evangelizador para aproximar os/as jovens da Bíblia através do estudo e da oração, mediado por um conjunto de símbolos.

2.2.3 - Símbolos e mediação simbólica

A criatividade humana faz com que, todo o tempo, a pessoa crie e simbolize. Como diz Croato (2001, p. 84), “o ser humano constrói símbolos continuamente. Tudo o que produz é de alguma forma simbólico”. As pessoas criam símbolos para contemplar e se inteirar com eles, mantendo viva sua memória. Tem sido assim desde a pré-história com os desenhos nas cavernas, num exemplo recorrente, até as diferentes linguagens contemporâneas da informática e da robótica.

Um objeto/ imagem/ texto/ evento/ pessoa constitui-se símbolo pela mediação humana. É a pessoa que confere a uma coisa o status de símbolo: “As coisas não são simbólicas em si mesmas, e nem sempre chegam a sê-lo. São constituídas simbolicamente por algum tipo de experiência humana” (Croato, 2001, p. 87). Para constituir-se símbolo, uma pessoa, uma coisa, um acontecimento passa por um movimento, muda de sentido, é transignificado, passa a significar algo além do seu sentido primário.

Além de servir para a comunicação e para a participação, os símbolos trazem outra modalidade de influência sobre a vida social, na medida em que tornam visuais e tangíveis realidades abstratas, mentais ou morais da sociedade.

Os símbolos adquirem maior força quando inseridos numa experiência religiosa, como afirma Eliade (1996, p. 7): “Começamos a compreender hoje algo que o século XIX não podia nem mesmo pressentir: que o símbolo, o mito, a imagem pertencem à substância da vida espiritual, que podemos camuflá-los, mutilá-los, degradá-los, mas que jamais poderemos extirpá-los”.

Muito próprio dos grupos de jovens cristãos é criar ou adotar símbolos conhecidos para se identificarem: Usar um crucifixo ou um tao franciscano, criar uma sigla que sintetiza o nome do grupo, uma logomarca ou um lema que os caracteriza,

confeccionar camisetas com essa sigla, convencionar algum gesto de saudação, curtir as mesmas músicas. Isso é o que dá visibilidade a um grupo, como postula Cohen (1978, p. 46):

“Nós podemos observar os indivíduos ou grupos na realidade concreta, mas as relações entre eles são abstrações que só podem ser observadas através dos símbolos, pois as relações sociais se desenvolvem e são mantidas através deles. Nós “vemos” os grupos através de seus símbolos.”

Os símbolos têm valor extraordinário para os grupos da EBJ, principalmente aqueles que veiculam valores como a justiça, a paz, a verdade das relações, a solidariedade com os mais carentes. Esses símbolos surgem desde os textos sagrados, passando pela educação e pelo convívio com diferentes grupos e pessoas.

A mediação simbólica na construção do conhecimento no processo de formação da EBJ é imprescindível. Não se faz estudo bíblico sem a presença dos símbolos, porque a própria literatura bíblica é de natureza simbólica. Os símbolos completam e ampliam as idéias, dinamizam o tempo, quebram a monotonia da linearidade do estudo convencional. Além disso, estabelecem a comunicação e a relação entre o sagrado e o profano, trazendo para cada etapa de estudo a convicção da presença do transcendente no caminhar da história.

Na educação na fé dos/as jovens realizada nesse projeto, os símbolos estabelecem intrínseca relação e sentido com a experiência e saber da espiritualidade cristã. Todos os objetivos da EBJ convergem para dois símbolos expressivos – a Bíblia e o jovem. Sujeito e objeto são símbolos, que chegam a nós numa multiplicidade de significados. Além do jovem (com todas as suas perguntas) e da Bíblia (com seu passado, sua história, todo mistério e sagrado nela contidos), muitos outros símbolos fazem parte do conjunto pedagógico da EBJ.

Cada símbolo está carregado de intenções e possibilidades. Seus significados se modificam, dependendo do olhar, das informações, das emoções, do momento e do contexto de quem mantém algum contato com eles. Há símbolos que, colocados dentro de um programa de estudo ou numa oração, acabam tendo uma força que ultrapassa as intenções iniciais. Eles extrapolam a experiência, a função e o

significado pensados previamente. Falando sobre a capacidade dos símbolos adquirirem diversos significados, Croatto (2001, p. 102) afirma que “as coisas do mundo podem ser elevadas à função simbólica *pelo que são e como são*, e de fato são de alguma maneira *polivalentes*, compreende-se que sua capacidade de remeter para um segundo sentido também é plural”.

A forma como os símbolos são escolhidos ou utilizados interfere na vida das pessoas, fortalecendo, recuperando ou transformando valores. Falando da Igreja primitiva, Eliade (2001, p. 115) diz que, “para os apologetas cristãos, os símbolos estavam carregados de mensagens: mostravam o sagrado por meio dos ritmos cósmicos. A revelação trazida pela fé não destruiu os significados pré-cristãos dos símbolos: apenas adicionou-lhes um valor novo”.

O uso adequado de um símbolo exige conhecimento, atenção e cuidado. Por isso, essa tarefa sempre tem merecido zelo por parte da coordenação da Escola Bíblica para Jovens. Para a equipe da EBJ, o ambiente é um fator que interfere na disposição das pessoas para aprender. A cada etapa de estudo os espaços são preparados com cuidado estético, usando símbolos que estimulam a criatividade.

Os objetos de decoração possibilitam a composição de lugares adequados para o estudo, para a oração e para a convivência. Plantas, flores e artefatos são escolhidos para criar um espaço acolhedor, com uma intencionalidade afetiva e racional, procurando equilíbrio estético. O critério do belo é levado em conta ao proporcionar a interação dos símbolos com o conjunto dos ambientes. Já essa forma de ordenar a ambientação representa algo novo para a maioria dos jovens da EBJ.

Pelo dom da própria fase da vida, o/a jovem vibra e faz vibrar com as novidades que criam e externalizam, assim como com o que lhe é apresentado de maneira atrativa e inteligente. O surgir do novo, algumas vezes, gera confronto com o antigo e, outras vezes, expressões antigas se integram com o novo, sintetizando outros significados, como recorda Cohen (1978, p. 44): “Muito embora os símbolos

(...) possam se tornar obsoletos na sociedade moderna, outros símbolos tomarão seus lugares na articulação de antigas e novas funções simbólicas”.

A cada nova etapa na EBJ, os/as assessores/as trabalham os conteúdos do Antigo ou do Novo Testamento, utilizando diversos mediadores simbólicos, que revelam a força de comunicação dos símbolos e tecem as tramas pedagógicas e cognitivas da construção do conhecimento. No desenvolvimento da EBJ percebe-se sensibilidade dos/as assessores/as e coordenadores/as até na hora de selecionar uma música para introduzir o estudo de determinado tema. Eles/as integram conteúdos com técnicas, jogos, tempo e espaço. A escolha de símbolos como mediadores agrega elementos a um conteúdo ou dinamiza a atividade proposta.

Um princípio da EBJ é que os símbolos ampliem uma informação, comuniquem a riqueza de um conteúdo ou façam memória de um acontecimento. As intenções do uso dos símbolos variam conforme o contexto e os objetivos de cada assessor/a. Os símbolos são utilizados com intenções múltiplas, como ensinar, embelezar espaços, ajudar a rezar, chamar a atenção, comunicar uma mensagem, sensibilizar, encantar. Diferentes critérios são considerados na escolha de um símbolo, como a capacidade de facilitar a transmissão de um conteúdo, a beleza, a atualidade e a coerência com os objetivos propostos.

Muitos símbolos são utilizados no decorrer das etapas da EBJ: A Bíblia, o jovem, os textos, somados à música do violão ou dos cd's, canto, gesto, expressão corporal, dança. Para dinamizar e enriquecer o processo educativo do ensino bíblico, a coordenação e os/as assessores/as também usam recursos como cartazes, mapas, filmes, entre outros. Na metodologia da EBJ esses objetos não encerram suas funções só no aspecto de ser instrumento de ensino. Eles são igualmente símbolos porque têm a função de integrar a teoria com o concreto, na tentativa de plastificar a informação do conhecimento. Por isso, também eles são escolhidos com atenção para que realmente integrem o conjunto da EBJ, tenham relação com os temas estudados, tenham qualidade material e harmonia estética. Cada dinâmica de grupo, técnica e objeto utilizado traduz um ritual de cuidado e sentido.

A intermediação e expressão simbólica de uma técnica ou de algum jogo, bem como dos exercícios lúdicos, facilitam muitos entendimentos, favorecem descobertas sem que se necessite exaustivas explicações. O uso desses recursos é feito, entretanto, sem descuidar das advertências feitas pela CAJU no programa educativo da Escola de Educadores de Adolescentes e Jovens, (2000, p. 76):

“O manuseio das dinâmicas não pode ser feito nem de forma aleatória nem por pessoas que não consigam identificar-lhes as limitações ou compreender toda a amplitude de seus objetivos. As dinâmicas de grupo e os recursos didáticos são a expressão de uma postura metodológica que reconhece a dimensão do lúdico, do prazer como parte integrante do processo educativo”.

Os/as jovens são movidos e alimentados pela mediação da arte. Por isso, toda etapa da EBJ é preparada com apoio de música e poesia. A poesia brota da Bíblia nos textos sagrados e de poetas de muitos tempos e lugares. Textos e mensagens que agradam a inteligência e o coração ampliam conteúdos, dinamizando o tempo da aprendizagem. A música sensibiliza quem escuta, sobretudo porque une poesia e melodia. Ela convoca, anima, integra e ensina.

Em cada etapa da EBJ acontece a incorporação de novos elementos simbólicos. E há momentos em que se necessita recuperar alguns símbolos que foram esquecidos. Conforme diz Cohen (1978, p. 44), falando da função das estruturas simbólicas, “uma análise cuidadosa revela que os velhos símbolos são adaptados a propósitos que surgem sob novas condições políticas”. Quando se resgata determinado símbolo, fortalecemos aprendizagens e recuperamos saberes, tradições e realidades que continuarão vivas nas novas gerações.

Ao integrar o novo e o antigo, trazendo de volta símbolos que não foram devidamente explorado, conhecemos outras culturas e criamos vínculos com os

antepassados. Entendemos melhor esse movimento entre o passado e o presente, retomando Eliade (1996, p. 160): “(...) esse sentido novo não deve impedir o conhecimento da permanência do sentido antigo. A história acrescenta continuamente novos significados, sem que estes últimos destruam a estrutura do símbolo”.

A EBJ faz uso constante dessas possibilidades: recupera, acrescenta e media a utilização de expressões simbólicas do passado em paralelo com outras do presente. Trabalha-se, assim, dimensões da construção do conhecimento, como o antigo e o novo e a permanência de todos no tempo. Quando adquire um símbolo antigo, como uma *menorah* (candelabro judaico de sete velas), a EBJ procura incorporá-lo ao conjunto de símbolos que favorecerão maior relação entre conteúdos e assimilação dos mesmos. Ao estabelecer a mediação entre símbolos e conteúdos, acaba-se realizando uma síntese atualizadora dos mesmos. Como afirma Eliade (1996, p. 21), “tudo o que podemos dizer é que a atualização de um símbolo não é mecânica: ela está relacionada às tensões e às mudanças da vida social e, em último lugar, aos ritmos cósmicos”.

Dentro da dinâmica das etapas da EBJ o uso dos símbolos tem um caráter pedagógico, por exemplo, ao mediar a recordação dos temas estudados de uma etapa para outra. A construção de uma tenda na sala de estudo faz lembrar o tribalismo, uma coroa remete automaticamente ao tempo e à idéia da monarquia etc. Esse recurso possibilita estabelecer uma relação símbolo-memória dentro de um contexto de estudo. Os símbolos são escolhidos e utilizados com a função de ligar a informação passada ao presente e torná-la atual.

2.2.4 - Corpo, liturgia e festa: Espiritualidade da EBJ

Todos os anos, ao planejar as etapas da EBJ, além de definir conteúdos e contactar assessores/as, a coordenação pensa uma série de outros detalhes que se repetem a cada reunião preparatória para uma nova etapa de estudos. Ao invés de ser um simples procedimento operacional, essa forma de conduzir a Escola torna-se um rito, como diz Eliade (2001, p. 139) falando sobre a santificação da vida:

“Tais experiências são sempre religiosas, pois o Mundo é sagrado. Para chegar a compreendê-las, é preciso ter em mente que as principais funções fisiológicas são susceptíveis de se transformar em sacramentos. Come-se ritualmente, e a alimentação é diversamente valorizada segundo as diferentes religiões e culturas”.

O movimento que se repete a cada ano e a cada etapa da EBJ é constituído de muitos afazeres e cuidados, um verdadeiro ritual composto de ritos pequenos e célebres, seja o cartaz de acolhida na porta de entrada, uma sensível Celebração Eucarística ou uma solene ceia judaico-cristã no período pascal. A EBJ trabalha de forma que, desde as reuniões de preparação das etapas até a avaliação e o abraço da despedida, tudo se constitua em momentos rituais.

Muitos momentos são idealizados, detalhes são planejados, organizando a casa para a espera dos/as jovens: preparar as orações, as festas, a alimentação; rito de chegada, acolhendo os/as de longe e os/as de perto; dançar juntos, integrar as rodas de cantoria, saraus e outras tantas festas. Cada evento tem seu próprio rito, como explicitam Bruno e Gonçalves (2001, p. 43) sobre a EBJ:

“(…) tem sido fundamental dar um sentido especial para a festa, ligando-a ao tema que se estuda na etapa. Assim, ela torna-se parte do conteúdo e da metodologia. Quando estudamos a Formação do Povo de Deus, por exemplo, já realizamos a ceia pascal, como celebração da libertação, e também a Festa das Tendas, como memória do tempo em que o povo estava no deserto, caminhando para a Terra Prometida”.

Através dos ritos é que uma pessoa humana vai se constituindo ser social, como afirma a antropóloga M. Douglas (1987, p. 80): “Como um animal social, o homem é um animal ritual. Se o ritual é suprimido de uma forma, ele aparece inesperadamente em outras, tão mais forte quanto mais intensa for a interação social”. M. Douglas (1987, p. 79) também afirma que “há certas coisas que não podemos experimentar sem ritual”. É por isso que a EBJ procura cativar os cursistas com danças, poemas, técnicas de grupo interessantes e bem aplicadas, com momentos orantes bem preparados e envolventes.

Desde o levantar ao deitar, nosso cotidiano é feito de ritos que compõem em nós um conjunto de atos e atitudes que, estruturados e estruturantes, vão se incorporando a nossas vidas. Os ritos fazem parte de nós, entram em nossos corpos e em nossos sentimentos. Às vezes são tão discretos e comuns que minimizamos a força que eles têm em nosso ser: Preparar-se para o banho, para as refeições, cozinhar e pôr à mesa, fazer uma visita... Há também os grandes ritos das festas religiosas e populares, familiares e cívicas, atos solenes ou comuns e, nem por isso, menos carregados de sentido.

“Rito é uma atitude tomada, um ato realizado diante das coisas sagradas. Um rito só encontra sua razão de ser quando se descobre o seu sentido, isto é, as noções que formam sua base, as crenças às quais ele corresponde. São atos realizados segundo uma forma adotada pela coletividade ou por uma autoridade reconhecida. O rito se vincula ao simples costume por uma série ininterrupta de fenômenos intermediários. Às vezes é uma técnica que nem sempre produz os resultados que se lhe atribuem” (Marcel Mauss, 1979, p. 137).

Em cada rito da EBJ, diferentes símbolos compõem uma cadeia de mística e sensibilidade. Acredita-se que, fazendo assim, proporciona-se aos jovens algo que faz a diferença em relação a dezenas de outros eventos no conjunto da

evangelização que a Igreja Católica promove. O uso de ritos tradicionais ou a criação de novos ritos dentro do processo educativo da EBJ tem a função de integrar emoções, desejos, descobertas e satisfações que a eloquência de um discurso tantas vezes não alcança. Os ritos completam os vazios que os conteúdos e técnicas não conseguem preencher, porque são instrumentos de comunicação do Espírito.

Na experiência de educação na fé da EBJ, a espiritualidade é o eixo que perpassa todas as etapas de estudo. Um dos instrumentos para fazer que isso aconteça é uso da Leitura Orante, tradição dos monges da Igreja do século XII, atualizada pela leitura popular da Bíblia, conforme nos fala Mesters (1999, p. 193): "Para o povo, a leitura da Bíblia é o exercício da própria fé. Quando se reúne para ler a Palavra de Deus, ele envolve a leitura pela oração. Sempre! Faz leitura orante. Reaparece aqui, de maneira nova, a *lectio divina*".

As pessoas que criaram e acompanham a EBJ consideram que, paralelo ao uso de métodos científicos de estudo bíblico, é necessário sempre estar atentos ao cultivo da leitura orante, que possibilita um equilíbrio entre um método mais racional e a subjetividade dos sentimentos que conjugam fé e vida.

Em sua maior parte, os/as participantes da EBJ vêm de famílias e comunidades com experiência marcante de catolicismo popular. No campo litúrgico, orações e bênçãos são valores que parecem esquecidos, mas que permanecem nos hábitos e costumes religiosos dessas pessoas, às vezes escondidos, mas preservados. Segundo M. Douglas (1987, p. 66) o valor da bênção no meio do povo remonta a tempos muito antigos: "No Velho Testamento encontramos a bênção como a fonte de todas as coisas boas, e a retirada da bênção como a fonte de todos os perigos. A bênção de Deus torna aos homens possível viverem na terra". Os/as

acompanhantes da EBJ têm procurado resgatar e atualizar as orações e bênçãos das comunidades, recuperando-lhes os significados e incorporando-as nas diferentes etapas da Escola.

Nesse jeito de rezar estudando e estudar rezando, a EBJ criou momentos celebrativos especiais, fazendo uso de elementos de diferentes tradições: festas, danças e canções judaicas, festas afro, cirandas e bailados do folclore brasileiro, cantos do cancionero evangélico, música sacra católica como o canto gregoriano, vigílias, Celebrações da Palavra e Eucarística, canções de protesto e outras da MPB. Todos esses elementos são cuidados constantemente para que sejam parte integrante do conjunto da EBJ, que favoreçam maior dinamismo dos conteúdos estudados.

Paralelamente ao ensino de Bíblia, a coordenação da EBJ sempre prepara bonitos e sensíveis momentos de oração. A liturgia em todo o seu conjunto favorece os momentos de estudo, ajudando a elaboração de síntese das experiências vividas, re-elaboração dos sentimentos, bem como a assimilação de novos conteúdos. A liturgia é um elemento constitutivo da metodologia da EBJ. M. Douglas (1987, p. 80) nos ajuda a ter uma melhor compreensão desse aspecto quando diz: “É um erro supor que pode haver religião que seja completamente interior, sem regras, sem liturgia, sem sinais exteriores de estados internos. Como na sociedade, assim também na religião, a forma externa é a condição de sua existência”.

A educação na fé precisa da liturgia, e esta necessita de sinais visíveis, exteriores, logo, de símbolos que podem mediar a relação da fé com a vida. Fazendo assim se busca alimentar constantemente a mística que sustenta e conduz o/a jovem à maturidade da fé.

Assim como a liturgia, no conjunto da EBJ as festas são um grande dom da amizade. Elas são uma leitura atualizada do momento de ação de graças da liturgia

tradicional, tempo para trocas gratuitas e lúdicas. Na EBJ, a festa é espaço para os/as jovens se confraternizarem de forma mais intensa e aprofundarem as relações do grupo, fortalecendo e amadurecendo vínculos. Os momentos de festa possibilitam que a Palavra de Deus na Bíblia seja celebrada, agora, com outros gestos, outros símbolos, ampliando a compreensão sobre o sagrado no festejar.

As festas preparadas para cada etapa da EBJ são variadas e criativas. O projeto está construindo um roteiro de festas integradas ao estudo dos conteúdos, a partir do calendário bíblico, litúrgico e folclórico de festas populares. Para isto, busca-se recuperar as festas do catolicismo popular, celebrações e cultos de outras tradições religiosas, como as festas judaicas, alguns ritos do candomblé e do budismo, danças folclóricas e danças circulares sagradas, procurando ressignificar e atualizar alguns símbolos e ritos, incorporando-os nas festas da EBJ.

A coordenação da EBJ tenta recriar e atualizar festas de outras tradições, como novas formas de celebrar. Busca-se, por exemplo, ressignificar as festas judaicas em vista de maior apropriação do conteúdo que se está estudando em determinada etapa. Os momentos festivos são muito valorizados pelos/as jovens, como expressa F.R. (26 anos): "Destaco também o resgate das festas, das tradições, dos costumes de nossas mães e pais na fé o que os firmava neste elo de pessoas que mesmo em tempos diferentes caminham em direção a uma fé, a um Deus. O quanto foi e ainda é significativo para mim celebrar a Ceia Judaica!"

Têm-se procurado fazer das festas e liturgias da EBJ uma extensão do estudo, dando a elas expressões inculturadas, porém mantendo seus símbolos e textos, recuperando canções, sempre alertados para imprescindível cuidado e respeito para com o sagrado de tantos povos e religiões. Estas experiências têm

favorecido que os/as jovens superem preconceitos e conheçam outras culturas religiosas.

Os/as jovens que vêm para a EBJ não são tabula rasa. Seus corpos são veículos de expressão, guardadores de saber, baús de muitas memórias. Essas experiências trazidas e os próprios corpos dos/das jovens são ponto de partida do trabalho educativo desenvolvido na EBJ.

O corpo é portador e destinatário da sabedoria, do abraço, do beijo de quem chega ou parte. A juventude toda e em todo lugar se comunica e demonstra seus sentimentos através de uma infinidade de gestos corporais: saem juntos, trocam idéias, conversam sobre as aflições e o cotidiano, dançam e riem de suas próprias contradições. Seus corpos são extensão de seus sentimentos e vice-versa. Eles/as falam através de muitos e sensíveis toques, com expressões que revelam cuidado, bem-querer, manifestações bem próprias de pessoas desarmadas e afetuosas. Através desses pequenos, porém, muito significativos gestos, os/as jovens dão um outro sentido aos seus corpos, como reflete Eliade (1996, p. 32): “Com a ajuda da história das religiões, o homem moderno poderia reencontrar o simbolismo do seu corpo, que é um antropocosmos”.

O processo educativo da EBJ leva os/as jovens a mergulhar nesse imenso mistério de comunicação que é o corpo para conhecer melhor o que ele está sempre a sinalizar. Procura-se fazer com que os/as jovens da EBJ enveredem pelos caminhos das expressões holísticas de comunhão com a natureza, defendendo-a e protegendo-a, estabelecendo comunhão com grupos diferentes, no anseio de superar as diferenças de gênero, de etnia, de raça, de religião entre outras.

A dinâmica global da EBJ estimula que a libertação dos corpos dos/as jovens que estudam a Bíblia não aconteça apenas nos dias de curso e formação. Objetiva-

se que essa libertação seja compromisso de integração da pessoa que se abre em todos os níveis, dentro e fora da Igreja, no dia-a-dia, nos lugares onde vive.

A EBJ utiliza diferentes técnicas e dinâmicas de grupo para compartilhar os novos saberes. Faz-se a formação bíblica com apoio de vivências corporais como biodança, bibliodrama, danças circulares sagradas e folclóricas. Valorizar o corpo dos/as jovens que estudam, trabalham e rezam dá mais vivacidade às atividades, mais disposição aos participantes e maior prazer no ato de aprender.

Através de exercícios e movimentos ritmados, procura-se ainda estimular as pessoas para que descubram, assumam e valorizem sua dimensão corporal. As vivências são realizadas para favorecer a aquisição do saber. Na experiência educativa que a EBJ propõe, o corpo não é passividade que apenas senta e ouve, mas sujeito de um poder que cresce à medida que esse mesmo corpo se abre para a criatividade das novas mediações na aquisição do conhecimento.

A sensibilidade com o corpo, com as liturgias e com as festas demonstra que, muito além de repassar conteúdos bíblicos, a EBJ se interessa em ensinar cultura religiosa e em promover mudanças na experiência de Deus dos/as jovens. O processo da Escola pretende interferir na educação da fé dos/as jovens, em vista do seu amadurecimento. Os/as coordenadores/as da EBJ acompanham os/as participantes deste modelo de formação, investigando os desdobramentos da formação bíblica nas suas vidas, principalmente a experiência de fé que cada um/a faz. Procura-se observar também se esta experiência se traduz em mudança nas relações com Deus, consigo mesmo, com a família, com os/as companheiros/as de trabalho e escola, na comunidade e na sociedade de modo geral.

CAPÍTULO III - INDICATIVOS DA CONSTRUÇÃO DE UMA FÉ SOLIDÁRIA

Desde 1995, quando foi fundada, sete grupos passaram pela Escola Bíblica para Jovens da Casa da Juventude Pe. Burnier. Ao todo 207 jovens participaram ao menos da primeira etapa da Escola, dos quais 56 desistiram (28%), 25 concluíram o estudo de um testamento (12%) e 126 chegaram ao final das 13 etapas (60%).

Dos 151 participantes que concluíram todo o processo, 99% são jovens e 1% adultos que acompanham trabalhos com jovens; 51% são mulheres e 49%, homens; atualmente contamos com cerca de 25 ex-participantes, ou 17%, que assumem assessoria de novas EBJs ou de Escolas de Animadores/as do CEBI. Outros/as fazem chegar as experiências que fizeram até os grupos de jovens e de adultos, no dia-a-dia de suas comunidades.

Além desses números, muitos outros sinais indicam os valores que a EBJ tem agregado à vida dos/as jovens. Suas redes de relações vão se construindo ao largo do processo. Acontecem mudanças de comportamento frente às relações entre mulheres e homens. Novas atitudes vão se dando em relação à família, às outras expressões religiosas, assim como frente à herança dos antepassados que chegam hoje até nós através dos ritos e símbolos e das posturas que assumem no embate cotidiano que travam pela sobrevivência. Além desses, um dos sinais mais

evidenciados pelos/as jovens é a mudança que a EBJ provoca na sua compreensão e, sobretudo, na sua relação com Deus.

A formação cristã oferecida pela EBJ capacita os/as jovens para o conhecimento bíblico e proporciona vivências de oração e celebrações que contribuem para o crescimento na fé de cada um/a deles/as. Essa formação possibilita a continuidade desse crescimento e maturidade espiritual e os/as leva a participar de ações comunitário-sociais e a animar outros/as jovens nessa caminhada.

3.1- Ampliação da rede de relações

As pessoas necessitam manter relações sociais. O monge beneditino e místico do século XX Thomas Merton entendeu isso e o expressou na obra “Homem algum é uma ilha”. De modo geral, juventude é a etapa em que a pessoa vive para um grupo, para o convívio social, para o coletivo. É um tempo de graça para a construção de vínculos com aqueles/as que serão os/as maiores cúmplices, as amizades mais fiéis.

Os/as jovens que participam da EBJ já fazem parte de algumas redes e, ao longo das etapas, fortalecem essa ligação ou estabelecem novas com suas comunidades, com as Pastorais de Juventude, com o Movimento Estudantil, com os Institutos e Casas de Juventude do Brasil e da América Latina, com a Rede Celebra de Liturgia, com o CEBI e com os movimentos sociais de resistência à globalização neoliberal. Isso é percebido e valorizado pelos/as participantes da EBJ, como está dito por A.L. (30 anos):

“Após os dois anos de Escola, (...) vejo o quanto meus conceitos mudaram, como me relaciono melhor na família, amigos, igreja, trabalho, bem como em todo ambiente de vivência, pois aprendi a respeitar as pessoas e entender o seu limite diante de determinadas situações. (...) tento usar a

minha formação voltada para o amor incondicional que Jesus tinha para com as pessoas, esse amor maduro e consciente no qual procuro vivenciar com as pessoas do meu convívio pra que tenhamos relações harmoniosas”.

A primeira rede que a EBJ promove é a que os/as participantes estabelecem entre si. Assim como a grande maioria dos/as jovens se organiza e se integra em grupos (hip-hop, darks, góticos, punks, funkeiros, outros), nas Escolas Bíblicas para Jovens eles/as acabam se tornando um grupo especial, compondo uma diferente configuração de rostos, gostos e símbolos próprios, que trocam experiências e constroem subgrupos por afinidades e em diferentes níveis.

Para a maior parte da juventude construir uma rede de amigos/as é algo natural. Faz parte desse universo de espontaneidade e risos estabelecer uma rede de colecionares de cartões telefônicos, uma dos/as que curtem esportes radicais, outra dos/as que estudam e se divertem juntos/as. Paralelas a essas, existem as redes nada saudáveis de usuários de drogas, de traficantes, de grupos radicais violentos, entre outros. Enfim, há uma infinidade de grupos, com os mais diversos objetivos e interesses, que se integram para trocarem informações, desenvolverem a capacidade de conduzir suas próprias vidas e ser agentes de sua própria história.

Esse movimento de aproximação e de emancipação é descrito por Joana Pereira (2002, p. 10), analisando o/a jovem como ator nas redes sociais:

“(…) O protagonismo juvenil é evidenciado à medida que, em dimensões várias, as ações tratam de resgatar e construir identidades com a capacidade de: reconhecer-se jovem; identificar-se como classe social; resgatar elementos culturais de seu povo, seu mundo; incorporar o ser sujeito integral – identidade de gênero, etnia, raça; relacionar-se com outros jovens trabalhando a dimensão afetiva, de amizade, solidariedade, namoro, expressão de opiniões, busca de afirmação; reivindicar direitos; construir sua cidadania; e assumir a fala e a representação de seus próprios movimentos”.

Além de contribuir com o estabelecimento do quadro de valores, constatamos também que o estudo bíblico vai se construindo como elemento cultural e também como sinal de poder. Os/as jovens da EBJ adquirem seu quinhão de poder, expresso no respeito dos adultos das comunidades e de suas famílias.

A experiência de sair de sua casa, de seu bairro, de sua cidade, para se juntar a outros/as e estudar a Palavra de Deus dá a esses/as jovens a possibilidade de descobrir a dignidade de que são revestidos. A partir da aquisição de conhecimento, há um respeito diferente da parte das pessoas com as quais convivem, nas suas igrejas e fora delas. E esses jovens que vivem e apreciam essa experiência, esforçam-se para repassá-las a outros, criando um processo multiplicador, como testemunha V.L. (24 anos): “A Escola Bíblica possibilitou colocar nas minhas mãos, coração e razão de jovem o desafio de ajudar outros jovens e adultos a amadurecerem a fé deles e delas, além de me permitir o encontro profundo da palavra no seio da comunidade, de Deus autenticamente sentido e conspirado no meio dos mais empobrecidos”.

Os/as participantes são os principais atores que criam vínculos e interagem na construção da EBJ. Sem eles a proposta não se tornaria processo. Os destinatários fazem acontecer a Escola e o projeto ganha dinamicidade, existência e, conseqüentemente, identidade. A participação e convivência dessas moças e rapazes e os vínculos que estabelecem fazem surgir uma rede social juvenil.

A EBJ proporciona uma rede de amizades bastante ampla: jovens entre si, jovens com a coordenação, jovens com os/as assessores/as, assessores/as e coordenação. Esta rede social se amplia com os funcionários e outros tantas pessoas que, indiretamente, também fazem parte da construção e do

acompanhamento da EBJ, como diz C.G. (28 anos): “Conheci lugares e pessoas, através dos cursos e assessorias; Fiz novas, grandes e belas amizades”.

Um componente que se destaca é a cumplicidade fraterna e descontraída que se estabelece entre os/as jovens. Os/as participantes da EBJ criam vínculos, estruturantes de relações afetivas maduras. Eles/as inventam ritos para festejarem aniversários, trocam presentes, saem para comer e beber juntos, visitam-se. Reúnem-se porque compartilham valores e gostos. Conseguem, espontaneamente, provocar mudanças de atitudes e assumem novas posturas.

A troca de experiência dentro da EBJ desencadeia um processo de amadurecimento no grupo que torna os/as jovens mais exigentes e questionadores. Às vezes, esse processo provoca um certo distanciamento de antigos grupos a que estavam vinculados. Aproximações e distanciamentos, vinculações e rompimentos são próprios de toda pessoa humana, como diz Boff (1994, p. 71):

“Ser humano: ele é um nó de relações, voltado para todas as direções. Isso significa que ele é pessoa, quer dizer, um ser aberto (ex-istência) a dar e a receber, à participação, à solidariedade e à comunhão. Todos estes termos mostram que os caminhos humanos são de duas mãos. Quanto mais o ser humano se comunica, sai de si, se doa e recebe o dom do outro, mais pessoa ele é”.

A intercomunicação entre os/as jovens é um desdobramento da formação processual dada na EBJ que surge junto com outros frutos: a construção de uma rede de solidariedade, resultado dos vínculos estabelecidos, da mística e da experiência orante, do acompanhamento e das exigências de estudo em grupo e da devolução das descobertas e inferências feitas.

Esta rede social de amizade construída em torno da Palavra se reflete na configuração do grupo que acaba se tornando mais solidário e consciente, como percebemos na fala de F.R. (26 anos):

“Tendo a relação comigo mesmo e com Deus restabelecida estou mais livre para me aproximar das outras pessoas, tentando ser mais compreensivo diante as diferenças. E também estando mais atento aos sinais de exploração e manipulação que muitas vezes se encontram disfarçados e diluídos em belas intenções e palavras. Cada pessoa é única, especial, diferente e para Deus somos todos, todas parte do seu povo... Bons, maus, ricos, pobres, felizes, infelizes. Só que também Deus tem sua preferência e creio ainda mais que sempre estará ao lado dos pobres”.

Esse entendimento de que “cada pessoa é única” e o esforço por ser “compreensivo diante das diferenças” faz crescer as amizades e, além disso, possibilita uma autêntica vivência em grupo. Afinal, não basta juntar pessoas para formar um grupo, como advertia o Pe. Florisvaldo Saurin Orlando já nos primeiros tempos da Pastoral da Juventude no Centro-Oeste:

“(…) o fato de 10-20 jovens se reunirem periodicamente (mesmo semanalmente), não significa que existe um grupo e menos ainda que existe um PROCESSO que favoreça o crescimento do jovem na fé e em suas opções. É a "dinâmica interna" (e não atividades ou "Técnicas/exercícios") que nos dirá se há ou não um Processo de Grupo” (ORLANDO, 1989).

O grupo é lugar de encontro e de construção de valores e de saber. Quando moças e rapazes se reúnem, forma-se um campo aberto de possibilidades, um espaço plural em quase todos os aspectos, com muitas diferenças, desde as de gênero e idade, temperamento e educação, até as de nível ideológico. Trabalhar com grupos sempre é um desafio, ao mesmo tempo é uma tarefa fascinante.

No processo de estudo que a EBJ propõe, o grupo tem muita importância e é requisito da sua metodologia. A leitura bíblica proposta só se faz plenamente a partir do e no grupo. O centro do método de leitura popular da Bíblia é o estudo comunitário, portanto, uma experiência coletiva de conhecer e rezar a Palavra.

Assim como as pessoas precisam umas das outras para assimilar o Espírito da Palavra de Deus, foi a união da CAJU, CEBI e PJs que possibilitou a criação e a manutenção desse projeto. Desde que foi sonhada, já se pensava estruturar a EBJ em parceria. Essa entre-ajuda se dá desde o planejamento até a execução, monitoramento e avaliação do projeto. A parceria tem uma função prática, porque viabiliza a realização da Escola, e também didática, porque os/as jovens apreendem a idéia e o valor de não fazer trabalho isolado. Como diz Joana Pereira (2002, p. 10): “Ao articular-se com outras entidades e movimentos parceiros, a idéia é não se isolar em sua ação ou experiência em si, mas inserir a construção do protagonismo juvenil, em relação à construção do protagonismo de outros atores sociais que lutam e constroem um projeto alternativo de sociedade”.

Sonhar junto com a juventude uma sociedade diferente é estimulante para todos/as os/as envolvidos/as. A experiência confirma que, juntando forças, se possibilita novas formas de construir o novo. O êxito desses sete anos da EBJ da CAJU tem se dado graças a diferentes grupos que atuam direta ou indiretamente apoiando financeiramente ou prestando serviços no decorrer do projeto e graças também a outras ajudas que não aparecem mas somam para sustentar o projeto.

Como entidade social e religiosa, a CAJU é parte de uma rede social extensa. Mantém contatos e estabelece relações com muitos grupos, com uma rede plural de colaboradores. Todos os seus projetos estão em relação com projetos afins de

outros organismos. Estar ligado a essa rede social-religiosa significa dialogar todo o tempo e estabelecer vínculos.

Por extensão, a EBJ participa dessa rede de relações sociais. Estar ligada a uma estrutura maior, como a Igreja, é estar em comunhão com a tradição, num vínculo matricial. Essa matriz transfere poder, mas também acompanha, disciplina e cobra. Possibilita a realização dos projetos, mas exige observação às normas do seu magistério. Se o diálogo e a comunhão forem buscados, se os projetos forem transparentes, normalmente a hierarquia reconhece o poder que o projeto conquistou e incentiva novas atividades.

Além de cimentar a vinculação dos/as jovens à sua Igreja particular, a EBJ suscita um sentimento de pertença a uma comunidade maior: o mundo das pessoas cristãs, o mundo daqueles/as que lutam pela justiça. “*Que todos sejam um!*” (Jo 17,21) é um sonho de Deus para a humanidade. Esse versículo é a síntese de vários escritos e debates sobre ecumenismo.

A juventude participa do sonho de Deus, como temos visto mundo afora. Quem não se lembra do jovem estudante na praça da paz celestial em Pequim enfrentando um tanque blindado do exército chinês? E, mais perto de nós, os caras pintadas gritando pelas ruas das cidades brasileiras pedindo o impeachment de um presidente da república?! À revelia do neoliberalismo, multidões de jovens traduzem de forma concreta os seus sonhos de igualdade e paz, que é o sonho de uma parcela cada vez maior da humanidade, como diz Armando (1995, p. 7):

“Em ti serão abençoadas todas as nações da terra” (Gn 12,3). Nesta frase, concentra-se o sonho do Ecumenismo: a humanidade (pluralidade) como um só homem (unidade) sentindo-se abençoada com a posse da terra. *Oikou-mene*: a terra habitada como casa comum, onde todas as pessoas têm direito de permanecer”.

Encontramos de modo mais sensível e evidente no meio da juventude a radicalidade dos sonhos e das lutas, bem como dos conflitos e das mudanças. Ansiosos/as pela verdade, eles/as não querem realizar seus desejos amanhã: querem a paz agora!

O encontro com Jesus, por meio da oração e da estudo da Palavra, provoca nos/nas jovens que fazem a EBJ importantes reflexões sobre o diálogo e sensibilidade para com o diferente. Por um lado, eles/as tornam-se mais ecumênicos/as e, por outro, reafirmam suas opções de forma mais consciente:

“Assumo hoje minha religião católica – agora por opção! – respeitando outras opções e as falhas humanas dentro delas. A experiência/vivência espiritual é tão forte e concreta na EBJ que contagiou-me por completo. Aprendi a tolerância, a justiça social (buscá-la em meus espaços), o respeito pela pessoa em todas as dimensões. Deus está em mim, no outro, na história, na natureza e em toda expressão humana” (V.C., 23 anos).

O trabalho ecumênico realizado na EBJ reafirma o sentido de pertença à Igreja de onde os/as jovens vêm e, ao mesmo tempo, os/as ajuda a abandonarem o discurso proselitista e a abrirem os olhos e o coração para as pessoas que percorrem caminhos distintos de vivência da sua fé. A EBJ tem sensibilizado a juventude para a beleza do encontro com as diferenças e para o amor, como reflete Armando (1995, p. 8): “O ecumenismo é uma estratégia ética. Ser ecumênico é a única forma adequada de ser amoroso. Amor parcial não é amor, pois só se amam quando se aceita radicalmente a alteridade. Amar é conviver com a diferença, integrá-la como dimensão constitutiva do próprio eu”.

Para a grande maioria dos jovens ser diferente é a revelação maior da identidade, é ser original, o que muitas vezes resulta em fechamento e intolerância. Dialogar com o diferente é a novidade: os/as jovens da EBJ, em sua maioria,

aceitam as diferenças nos outros/as, porque gostam delas em si mesmos/as. A dimensão ecumênica trabalhada na EBJ tem mobilizado os/as jovens para testemunhos como o de L.A. (29 anos):

“A história de Jesus se mistura com a história dos nossos povos sofridos. Descobri minha verdadeira história, minha experiência, minha realidade, minha identidade, descobri a mim mesmo. Com esta descoberta passei a outra fase, superar a mim mesmo, deixar o meu pequeno mundo e ver um mundo mais amplo, menos mítico. Perceber as crianças, os/as velhos/as, os/as jovens, a natureza, os/as pobres, a mulher, o homem com os olhos de Deus. A Escola me proporcionou ver o rosto de um Deus Amor, justo, humano e presente no meio daqueles que são perseguidos pela injustiça”.

A EBJ lança o/a jovem num universo mais amplo de relações, com diferentes categorias de pessoas e distintos grupos sociais. O trabalho juvenil em redes é a somatória de forças para a estruturação de espaços de debates, de trocas de experiências e, sobretudo, de interlocução entre jovens, onde podem ser sujeitos de suas reflexões e donos/as de suas idéias.

A experiência da EBJ mostra que os/as jovens aprendem e testemunham na prática que, somando forças, mais leves e ricas se tornam as atividades. Eles/as entendem que diferentes experiências juntas resultam em processos mais criativos e mais dinâmicos. Com isso, os/as jovens experimentam e ensinam que, procurando outros grupos, entidades e pessoas, torna-se possível concretizar seus ideais.

3.2 - Nova maneira de cultivar as relações

Nas/os adolescentes e jovens de um modo geral há uma força enorme para as questões que conduzem para o cuidado e louvor da vida. A juventude, em sua grande maioria, intui e compreende a vida pelo prisma da liberdade, sem cadeias

nem sexismo, sem opressores nem oprimidos, num mundo sem morte e pelo qual vale a pena lutar. A vida tem prioridade absoluta, como reflete Richter Reimer (2000, p. 10) a respeito de crianças, mulheres e homens desejosos de viver em plenitude:

“A vida, revelação divina, presente em cada ser vivente. Sim, é este belo manifesto na vida, naquilo que a vida tem de mais efêmero e mais eterno – sempre enquanto dure, persista e resista – que transgride e nos leva a transgredir os mecanismos da negação de vida, da morte manifesta através do poder das bestas-feras”.

Todo manifesto da juventude, todo movimento revolucionário ou até mesmo a violência a que são levados a praticar, toda transgressão feita é para enfrentar as bestas-feras que querem lhes tirar a vida. A EBJ situa-se nesse grupo social que resiste aos “mecanismos de morte”, desenvolvendo nos/as jovens uma visão crítica ao modelo dominante e favorecendo a criação e o assumir de outros estilo de vida. Segundo L.E. (31 anos), “a capacidade de elaborar uma reflexão crítica sobre as questões político-econômico-social-ecclesial e cultural fundamentada na Bíblia é a grande contribuição da Escola Bíblica para a Juventude”. L.A (29 anos) também reconhece essa contribuição da EBJ e explicita as mudanças por que passou:

“Vejo as pessoas, o mundo e a mim com outro olhar, um outro ângulo, mais positivo, mais humano, mais bondoso. Aprendi a analisar, a escutar e partilhar, perceber as necessidades do mundo de hoje. É impossível voltar ao meu olhar anterior à Escola Bíblica. Hoje tenho um olhar mais aguçado, mais crítico da história, sei distinguir o bem do mau, o belo do feio, a justiça da injustiça”.

Essa mudança na visão dos/as jovens, em grande medida, é fruto da aplicação de outros parâmetros e chaves de leitura para análise de textos e da vida. Nos últimos anos, tem ganhado relevância no seio dos movimentos sociais e em alguns setores das Igrejas questões como ecologia, feminismo, mulher, poder, gênero. Antes não se abordava essas questões com a abrangência de agora.

A EBJ também é palco dessas discussões. A questão de gênero, por exemplo, traz influências fundamentais para as relações interpessoais e para os discursos de todos e todas que integram a Escola Bíblica para Jovens. A possibilidade de enriquecer a metodologia de trabalho com os/as jovens se ampliou com o advento das discussões sobre gênero como paradigma de construção de novas maneiras de se relacionar com as pessoas e com Deus, como pode ser constatado no que diz M.R. (24 anos): “Fazer a experiência da Escola interviu nas relações com as pessoas, me sensibilizou, me ternizou, alargou meu coração para com as pessoas de meu convívio. Bem como, me fez reafirmar meu seguimento a pessoa de Jesus Cristo e pela Igreja/popular que de seu seguimento surgiu”.

A EBJ desenvolve um processo educativo para o fortalecimento das identidades. A categoria de análise gênero é uma porta para forjar novos valores, na construção da nova mulher e do novo homem. Para isso, a Escola faz uso de propostas metodológicas, recursos pedagógicos e linguagens que partem da riqueza do cotidiano dos/as jovens, como Elsa Tamez, (1998, p. 56)⁶ relata: “Entre as novas propostas hermenêuticas, está a proposta de acolher o corpo e o cotidiano como uma categoria hermenêutica. Também se trabalham os textos onde está presente a festa, a alegria e o prazer da corporeidade e a sexualidade”.

A EBJ estuda a bíblia com os/as jovens, fazendo exegese e hermenêutica a partir do olhar e do sentir deles/as. Fala de Deus aos/as jovens, bem como quer que os/as mesmos/as falem com Deus e falem d’Ele para os/as seus iguais.

Essa mística que se traduz com as cores da juventude pode ser compreendida à luz do que escreve Elsa Tamez (1998, p. 51)⁷ quando diz: “O primeiro que se busca é libertar a maneira de expressar-se sobre Deus, a qual se

⁶ Tradução do espanhol pelo autor.

⁷ Tradução do espanhol pelo autor.

acredita ser rígida e androcêntrica. Aqui se trabalha a palavra com liberdade; se inicia a revalorização do cotidiano, a dimensão do prazer e o jogo”.

A pedagogia do cuidado praticada pela EBJ parte da experiência, por isso procura diferentes linguagens e caminhos para favorecer a leitura bíblica dos/as jovens. Nesse caminhar pedagógico, opta-se por uma linguagem inclusiva, onde os gêneros masculino e feminino são considerados em suas diferenças e belezas. Os princípios de uma hermenêutica feminista apontados por Elaine Neuenfeldt (2000, p. 48) confirmam o caminho de trabalho que se faz na EBJ:

“Com a chave hermenêutica da experiência estão aliados dois princípios que são fundamentais na convicção feminista: o princípio da igualdade e o princípio da reciprocidade. A igualdade afirma que homens e mulheres são plenamente humanos e devem ser tratados como tais; enquanto que a reciprocidade indica que são interdependentes e autônomos ao mesmo tempo”.

Aplicar a chave hermenêutica da experiência significa aprender a respeitar as diferenças, reconhecer a beleza da diversidade e fortalecer o respeito pelo não-eu, pelo outro, pela outra. Implica ainda em reconhecer que Deus Pai-Mãe se revela de diferentes modos, em diferentes culturas e nas diferentes etapas da vida. Essa mudança de visão ajuda a compreender e assumir as novas realidades, como é o caso da estrutura familiar, com todas as mudanças que sofreu ao longo do tempo.

Para praticamente todos os grupos e igrejas a família ainda é a célula *mater* da estrutura social. De todas as instituições sociais, ela é considerada referencial de integração e equilíbrio das relações. Ela é construtora de valores e, na sociedade brasileira, vem lutando incessantemente para continuar sendo o porto mais seguro para as verdadeiras e fecundas relações entre as pessoas e grupos, embora isso nem sempre aconteça, como adverte Leers (1987, p. 134):

”A realidade da vida familiar no Brasil, porém, é muito mais complexa e variada. A rapidez e a desigualdade do ritmo das mudanças, a diversidade das áreas culturais, a variação regional do desenvolvimento humano no país tornam qualquer tentativa de uniformização ingênua e superficial. Lugar, classe social, sexo, cor, idade condicionam profundamente as formas concretas da convivência dos milhões de famílias que estão escrevendo sua história”.

Se na sociedade a família ainda é modelo estruturante de relações e da construção de pessoas, para as expressões religiosas é bem mais: ela é sagrada. Mesmo com todo o peso da tradição e do respeito que a família ainda goza, a Igreja concorda que muitas influências do mundo globalizado afetam a estrutura familiar:

“É preciso reconhecer que a realidade da família já não é uniforme, pois em cada família influem de maneira diversa – independentemente da classe social – fatores sujeitos a mudanças, como sejam: fatores sociológicos (injustiça social, principalmente), culturais (qualidade de vida), políticos (dominação e manipulação), econômicos (salários, desemprego, pluriemprego), religiosos (influência secularista) entre tantos outros” (Puebla nº 572, 1979, p. 236).

A juventude de modo geral experimenta o quanto a família é importante, embora saiba que a convivência numa família nuclear seja algo que muitos/as jovens não conhecem de perto, porque foram criados só com a mãe ou só com o pai, ou mesmo com a avó ou outros parentes.

O projeto da EBJ leva em conta a tradição e a força que a família carrega na sociedade e na Igreja. Os/as jovens que freqüentam a Escola assumem e valorizam a família que têm e levam para ela os reflexos da experiência que estão fazendo. As mudanças atingem a totalidade da vida, como relata F.R. (26 anos):

“Uma coisa vai puxando a outra e por aí vai, na família, com minha mãe, minha irmã, minhas sobrinhas, no trabalho, no grupo de amigos, amigas, no relacionamento afetivo... Tudo vai tomando um novo sabor e ficando mais recheado de vida isento de preconceitos, culpas. Não que as crises

de fé deixaram de existir e que ainda hoje às vezes eu não me sinto só, vazio e longe de Deus, o que acontece! Mas nestes momentos me recordo do povo zangado se sentindo longe de Deus, abandonado, amaldiçoado... Porém sei que Ele entende nossas crises, respeita o nosso tempo e fica ansioso aguardando nosso retorno para fazer festa assim como fez com o Filho Pródigo”.

A formação processual vivida na EBJ provoca mudanças de postura em alguns jovens. Em outros uma utopia de viver um reencontro com a família vai sendo alimentado e rezado, como revela B.A. (31 anos): “Tive a oportunidade de querer construir esse novo céu e essa nova terra, e a sonhar com novas relações na família, no trabalho e na vida, porque o nosso Deus é vida e vida plena”.

O paradigma de gênero para ler a vida e a Bíblia ampliou e enriqueceu a proposta metodológica da EBJ. Essa categoria de análise aplicada ao estudo bíblico com jovens possibilitou a desconstrução de muitos preconceitos e visões de mundo muito fechadas. Um primeiro passo que a EBJ ajuda os/as jovens a darem é o exercício de provocar mudanças desde a escrita e a oralidade, abandonando a referência exclusiva no masculino. Essa chave de leitura bíblica contribuiu na mudança de discurso e, principalmente, na estruturação de novas relações e de uma visão de Deus mais libertadora.

3.3- Novo modo de contemplar a Bíblia e a Vida

Desde que a EBJ foi planejada e organizada há uma constante preocupação em não absolutizar um método mas, através do exercício constante de avaliações, sempre rever as posturas e dinâmicas inadequadas. A maior preocupação tem sido a busca constante de facilitar as descobertas dos/as jovens e que, estudando a Bíblia em grupo, elas e eles compartilhem suas questões e reafirmem suas convicções, o que as/os leva a crescer na fé.

Na relação dialógica que se dá entre os/as jovens, o conhecimento adquirido no estudo da Bíblia é aprofundado. A EBJ permite a eles/as traduzir na vida os valores cristãos que brotam da vivência da Palavra de Deus. O estudo provoca mudanças no conceito e na experiência de Deus que eles/as fazem e nos conseqüentes desdobramentos dessa aprendizagem na sua vida pessoal, familiar e grupal, na sua compreensão do mundo e no seu engajamento em movimentos que lutam pela transformação da realidade.

A EBJ tem construído espaços de troca de conhecimento, que desencadeia nos/as jovens o desejo de formação permanente, como revela E.W. (24 anos), falando do efeito desse processo educativo em sua vida: “As repercussões foram várias e tamanhas, a ponto de ajudar a clarear projeto de vida a longo prazo, e em curto prazo, fiquei tão encantado que busquei fazer um curso acadêmico que me levasse a conhecer melhor as origens dos povos”.

A participante E.A. (40 anos) também declara intenção de continuar aprofundando o aprendizado que fez na Escola: “Tenho pensado muito que quando terminar meus estudos na área da educação, vou me dedicar à teologia”. Esse desejo de continuar estudando está de acordo com o aspecto perene do processo de aprendizagem, conforme diz Paulo Freire (1997, p. 28): “A educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos”.

A EBJ é fiel ao caráter comunitário e militante da leitura popular da Bíblia, na qual os/as jovens são sujeitos e protagonistas da construção de novas hermenêuticas. Mesters (1999, p. 193) caracteriza a leitura militante da Escritura, dizendo que “a leitura que nós aprendemos era “informativa”. A leitura que o povo faz se dirige à prática, à ação, à transformação da situação. Assume, por isso mesmo, uma dimensão política”. Sobre o caráter comunitário, Mesters (1999, p. 192) acrescenta:

“Mesmo fazendo leitura individual, os pobres sabem que estão lendo o Livro da Comunidade. Reaparece aqui, de maneira nova, o *sensus ecclesiae*. Nas reuniões do povo, onde a palavra humana pode circular com liberdade entre os membros da comunidade, aí a Palavra de Deus produz liberdade e se estabelece um *sensus ecclesiae*, um sentido comum que a comunidade descobre e assume”.

Correspondente ao pensamento de Carlos Mesters, na EBJ os/as jovens experimentam um ambiente livre e uma cumplicidade por parte de seus iguais para compartilharem suas indagações e descobertas sobre a Palavra. Segundo V.L. (24 anos), um dos valores da EBJ é o encontro forte com a Palavra e “a transformação do exercício de leitura bíblica através da educação popular, segundo a qual há um aprendizado ensinado e um saber compartilhado”.

Para fazer estudo bíblico é necessário analisar textos carregados de símbolos, alegorias, metáforas, signos, cada um coberto por uma diversidade de sentidos, dados por uma tradição de séculos. Diante disso, somos alertados a suspeitar dos textos e das interpretações, buscando sentidos conectados com as experiências originárias.

“Ao invés de entender o texto como adequada reflexão da realidade sobre o que fala, devemos buscar chaves e alusões que indiquem a realidade sobre o que os textos calam. (...) Ao invés de rejeitar o argumento do silêncio como argumento histórico válido, devemos aprender a ler os silêncios dos textos antropocêntricos, de tal sorte que possam fornecer “chaves” para a realidade igualitária do movimento cristão primitivo” (Fiorenza, 1992, p. 65).

Essa reflexão ajuda-nos a perceber, considerar e respeitar as hermenêuticas emergentes. Assim como na EBJ com os/as Jovens, em outros espaços mulheres, homossexuais, negros, indígenas e diversos grupos sociais ensaiam traduções das suas experiências de fé. “Conhecer e reconhecer essas situações de vida é

reconhecer e nomear o nosso lugar hermenêutico” (Richter Reimer, 2000, p. 16). Para o exercício hermenêutico, faz-se necessário, então, viver as experiências para poder traduzi-las. Essa elaboração, entretanto, continuará sendo um grande desafio, por causa da multiplicidade das experiências desses grupos e da complexidade da tarefa de ressignificar uma tradição.

No processo de construção de novas hermenêuticas, a metodologia da EBJ utiliza diferentes mediadores que ajudam os/as jovens a externalizarem suas reflexões sobre os textos bíblicos. Nesse trabalho, diferentes elementos pedagógicos comunicam beleza, arte, poesia, verdade e favorecem as análises e interpretações construídas pelos/as jovens.

Rezando e estudando a Bíblia, os/as jovens da EBJ vivenciam uma experiência de comunidade. O valor que dão a essa vivência se expressa na maneira como eles/as se relacionam e na observação do quanto a vida em grupo amplia o sentido e a visão das pessoas. A leitura comunitária do texto bíblico é a forma de construir, juntos/as, novos saberes e sentidos para a vida, como testemunha B.E. (34 anos): “A escola possibilitou enxergar que viver a fé cristã não é separado da labuta cotidiana para manter a vida; Possibilitou ainda viver a fé com criatividade, alegria e beleza”.

Um dos primeiros efeitos desse novo olhar sobre a vida e sobre a “fé cristã” é perceptível no que os/as jovens identificam como repercussão da EBJ em relação aos ensinamentos de fé que haviam recebido, como evidencia F.R. (26 anos): “(...) passei por um processo de desconstrução e muitos questionamentos. Foi colocado em xeque o que eu acreditava ser minha fé, minha crença e em especial tudo aquilo que sabia sobre a Bíblia, desde aquilo que havia escutado por intermédio de meus pais e mestres até aquilo que já havia lido e refletido”. Em outro momento, F.R. deixa

claro que hoje tem uma maneira mais lúcida de enxergar e mais íntima de se relacionar com a Bíblia:

“Antes as Escrituras eram pra mim tão sagradas quanto distantes. De uma realidade divina porém que não admitia questionamentos, reflexões mais profundas. Acredito que o excesso de respeito que injetam em nós sobre a Bíblia nos impede de ver o [que] há além das palavras, além daquilo que lemos. Para mim era uma verdade absoluta, divina, correta, válida para qualquer tempo, lugar ou circunstância”.

Outra participante da Escola, M.F. (21 anos), explica como é que se dá essa mudança: “(...) aprendi a não fazer uma leitura fundamentalista da Bíblia, mas perceber o contexto em que o texto foi escrito para iluminar a vida atual, vida presente em que o texto está sendo lido”. Com isso, a leitura bíblica deixa de ser um monólogo para ser um diálogo:

“Sinto que este saber me deu uma liberdade imensa de me apaixonar a cada dia mais pela Palavra. Deixou de ser leitura para tornar-se diálogo, onde eu também pergunto, questiono, não somente escuto. Cada descoberta, cada reflexão, cada vivência me aproxima mais daquilo que por direito é meu, é nosso, é de todo o povo de Deus” (F.R., 26 anos).

Na avaliação dos/as participantes, a EBJ contribui com o crescimento dos/as jovens pelas respostas que nela são elaboradas e também pela maneira nova de posicionar-se frente aos questionamentos da vida. Para B.A. (31 anos), a Escola “não traz respostas únicas e verdadeiras, é positiva porque dá oportunidade que você busque respostas através da Palavra”. Por sua vez, B.E. (34 anos) diz que a experiência repercutiu na sua vida “de maneira a compreender algumas dúvidas e questionamentos, bem como criou outras inúmeras dúvidas e questionamentos, no entanto, a maneira de enfrentar essas questões hoje se dá de maneira mais calma e planejada sem perder o ardor; Por último, que a dúvida não é razão de condenação, mas caminho para construir verdades”.

Segundo F.R. (26 anos), esse jeito de ler a Bíblia possibilita reconhecer no caminho da estruturação da espiritualidade as heranças que recebemos de nossos pais e de nossas mães na fé:

“A Escola me ajudou a ver além e perceber o quanto de nós mesmos, da nossa fé de hoje e da fé e tradição dos nossos patriarcas e matriarcas carregamos conosco. Fazia-se necessário perceber o contexto e o pretexto, como dizíamos, de cada texto que saboreávamos. Observando o tempo, a

situação do povo, para quem se dirigia, em resposta ou questionamento a que... e em especial a distância, muitas vezes, do acontecimento em si e do momento em que foi escrito e somente a partir daí, que luzes estes fatos nos trazem para esta realidade diferente que vivemos hoje... Geralmente costumava fazer o inverso, já lendo pensando na mensagem e o contexto quase sempre era deixado de lado que diria o pretexto...”.

F.R. menciona a distância temporal entre fato e relato, no que demonstra ter assimilado noções do processo de elaboração do texto bíblico enquanto literatura, o que é fundamental para fazer uma interpretação que respeite a história. A leitura bíblica contextualizada, é exigente, desinstala as pessoas, mas é capaz de solidificar a fé, como relata B.A. (31 anos):

“O processo intensivo e permanente de estudo além de exigente e sofrido ia aos poucos tirando nossa visão simplista, baseada no senso comum da pessoa de Jesus Cristo, das coisas de seu tempo, de sua realidade, éramos obrigados a desconstruir conceitos, a entendermos os fatos e sua história. O que foi mais lindo [é] que nada abalava nossa Fé e nosso acreditar na pessoa de Jesus Cristo, pelo contrário íamos nos apaixonando cada vez mais por sua pessoa”.

Ao invés de promover uma simples dessacralização da Escritura, essa maneira crítica de ler a Bíblia leva o/a jovem a entrar em comunhão com a história do Povo de Deus e a divinizar a vida, como explicita V.C. (23 anos):

“Descobri na Bíblia um livro de vida comum. É a história de pessoas, momentos, credos. A gente pode produzir uma “Bíblia” hoje, da nossa vivência. Nessa descoberta percebo o meu valor, o valor da minha comunidade e das pessoas que me cercam. E o que é mais fantástico: Deus está agora como estava para Moisés, para Jesus. Hoje eu o enxergo, como “apareceu” para esses “personagens” todos. Isso que é o mais fantástico: assumindo a humanidade /realidade/ “comunalidade” dos relatos Bíblicos, descubro a grandiosidade que somos. Deus é/ está em nós. Aquele povo merece memória porque ele nos leva a perceber Deus em nossa vida também. Eles eram “pecadores” (como nós) mas viveram e fizeram momentos lindos, místicos”.

A descoberta da “comunalidade” da Bíblia, desdobrando-se em uma tomada de consciência da dignidade da comunidade e da própria pessoa, é ainda mais relevante se considerarmos o contexto anterior à experiência da EBJ, quando

muitos/as jovens viviam o drama da auto-condenação e sentiam-se desamados por Deus. F.R. (26 anos) diz ter descoberto na Escola um Deus próximo e completa:

“O bem desta descoberta me fez sentir integrado comigo mesmo, com meu eu, meu corpo, minhas emoções e sentimentos. Perceber que não há culpa e que Deus me acolhe do jeito que eu sou, com minhas qualidades e defeitos, assim como fez com todo o povo da Bíblia, às vezes brando como uma brisa leve, outras vezes bravo e ríspido como um trovão, com um abraço carinhoso ou com chicotadas na porta do templo”.

Ao mesmo tempo em que passam a ter outra visão da Bíblia, da história e de si mesmos, os/os jovens mudam a concepção de Deus e o modo de viver sua fé, como expressa L.A. (29 anos): “A EBJ me proporcionou ver o rosto de um Deus Amor, Justo, Humano e Presente no meio daqueles que são perseguidos pela injustiça”. Nessa nova maneira de relacionar-se, o medo dá lugar ao amor, segundo C.G.(28 anos): “Mudou minha relação com Deus. Menos tabus, menos medo, quebra de paradigmas, desconstrução da catequese conservadora e reconstrução de novas relações. Passei a ter amor pela Palavra de Deus”.

Outra participante da EBJ, M.F. (21 anos), dá seqüência a esse pensamento, estendendo esse novo olhar também para Jesus: “Descobri um Jesus bastante humano, que sofreu, foi humilhado, mas não deixou de ser Deus. Um Deus Pai que é cheio de amor e acolhe a cada um e cada uma em seus braços sempre dispostos a aconchegar quem tem necessidade e que me chama a fazer o mesmo com as pessoas que estão à minha volta”.

De fato, essa visão de Deus é completamente diferente da que V.H. (24 anos) diz ter tido, antes de fazer a experiência de EBJ:

“(…) uma imagem de Deus que castiga, fiscaliza, oprime os que não fazem sua vontade e protege aqueles que são obedientes. Esta imagem de Deus é muito prejudicial para nossas relações sociais, muitas vezes

somos espelhos do ser superior que acreditamos. E foi justamente na imagem de Deus que Escola Bíblica me ajudou a libertar de uma série de pré-conceitos e verdades que eu tinha”.

A partir do momento que se muda o olhar sobre Deus, brota uma visão holística da criação. Da experiência de um Deus distante, passa-se a experimentá-lo na totalidade da vida, como expressa V.C. (23 anos):

“Deus está em mim, no outro, na história, na natureza e em toda expressão humana. Depois de ter conhecido o Deus que a Palavra revela, é impossível não se transformar. Tudo é sagrado porque Deus se manifesta na vida. Deus é vida e liberdade. Finalmente, acho que a V.C. pós- Escola Bíblica é mais V.C. porque a Palavra é fonte de identidade, razão, emoção e fé. Sou mais humana. Sou mais divina”.

A EBJ contribui para o fortalecimento da identidade dos/as jovens e promove uma nova espiritualidade, traduzida na forma como eles/as passam a se relacionar com o próprio corpo, com as pessoas e com a natureza. A contemplação de um grande ícone como esse leva a juventude, bem como toda pessoa, a fazer experiência de Deus e entender a ação d’Ele em suas vidas, mudando para sempre o seu olhar sobre a existência das criaturas. Processo semelhante ao que descreve Boff (1993, p. 165):

“O que faz humana a vida e o que caracteriza o humano do espírito residem na capacidade de relação sem discriminação, de acolhida do outro enquanto diferente, na solidariedade até à identificação com os totalmente outros que são os sofredores e os injustamente penalizados, enfim, no amor desinteressado. A espiritualidade representa um verdadeiro projeto de vida: viver a vida como ternura para com a sua própria vida, afirmar a vida dos outros humanos, especialmente daqueles cuja vida é encurtada iniquamente”.

A EBJ tem levado os/as jovens a mergulhar no mistério, na busca e na experiência de uma mística conseqüente, comprometida com os seus semelhantes

numa comunhão holística com todas as forças que defendem a vida, como diz V.L.

(24 anos):

“[A Escola Bíblica] é para mim uma experiência forte de encontro com a palavra, escrita por comunidades hebraicas e judaicas que vivenciaram e cultivaram as alegrias e tristezas de se sentirem um povo escolhido por Deus. A palavra soa aos meus ouvidos como uma recriação e criatividade de nossa existência, da minha procura constante de ser mais gente, humano; permitindo viver as relações com as pessoas e a natureza de forma que esta seja continuidade e extensão do meu corpo, da minha afetividade, comungadas e traduzidas na espiritualidade do meu cotidiano”.

A EBJ é palco do encontro da Palavra com o desejo do/a jovem “ser mais gente”. Desse encontro resulta uma elevação da auto-estima e, ao mesmo tempo, uma maior consciência de si, inclusive das suas limitações: “Na vida pessoal continuo pensando muito (...). Mas ainda tenho ações infantis e imaturas. Mas graças a Deus a Escola Bíblica me mostrou que para seguir os passos de Jesus devo ser cada dia, semana, mês e ano um ser verdadeiramente humano, capaz de errar e reconciliar” (E.W., 24 anos).

A EBJ não pode pretender mais do que colaborar com a simultânea humanização e divinização por que passam os/as jovens, segundo as suas próprias palavras:

“Acredito que a humanidade tenha ganhado com esse novo homem que nasceu a partir do encontro com a palavra, pois hoje não sinto mais vergonha de mim e tampouco em anunciar a palavra e a proclamar como é grande a misericórdia de Deus, me tornei um profissional mais humano nas relações com os outros, me tornei um cristão mais corajoso em aceitar os projetos de Deus, me tornei um homem mais feliz assumindo a solidão em ser diferente. Hoje tenho uma relação diferente com o criador, sou mais amigo de Deus e sinto que ele também é mais meu amigo” (B.A., 31 anos).

Acolher-se, aceitar-se, assumir a “solidão de ser diferente”, viver uma nova condição que brota da confiança no Deus-Misericórdia: primícias de uma experiência de espiritualidade do mundo juvenil contemporâneo.

CONCLUSÃO

Marcado por vários elementos de uma proposta nova, o projeto da EBJ é sempre avaliado e submetido a críticas e adaptações. A Escola é aberta ao diálogo com a experiência dos que desde muito tempo estudam e transmitem o ensinamento bíblico para as novas gerações. Além de resultados positivos, em nossa pesquisa também identificamos questões e desafios que se apresentam no decorrer do processo da EBJ e necessitam ser enfrentados:

- Como trabalhar esse jeito de ler a Bíblia com jovens num contexto de Igrejas contrárias ao diálogo ecumênico e fechadas pastoralmente a formas mais avançadas de evangelização?
- Como desenvolver projetos sistemáticos e duradouros com a juventude em meio ao fenômeno do trânsito religioso?
- Como identificar a hora de mudar conteúdos, técnicas, linguagem, textos, ritos, para favorecer o aprofundamento e, conseqüentemente, o avanço nos conhecimentos?
- Como superar o risco da fragmentação na experiência litúrgica e no uso de mediadores simbólicos?

- Como criar processos evangelizadores que possibilitem ressignificar e integrar o passado e o presente, a riqueza da tradição com a beleza do novo?

Por limitação de tempo, essas questões não foram discutidas nesse trabalho e poderão ser objeto de outros estudos. Entretanto, ao término dessa pesquisa fica evidenciado que juntar um grupo de jovens, num período de dois anos, reunindo-os/as em um final de semana a cada dois meses, totalizando 260 horas de estudo bíblico, é um processo viável e frutuoso. A EBJ é uma proposta educativa que dá certo e responde aos desejos dos/as jovens.

A presença de pessoas do interior e de grandes cidades na mesma Escola suscita para ambas muitas descobertas. Cada um traz símbolos próprios do universo de onde vem, que refletem costumes diversos, resultantes de culturas diferentes. A troca entre eles/as possibilita novas sínteses, construção de valores novos e, conseqüentemente, de novas simbolizações.

O conjunto de ferramentas da teologia, da sociologia, de outras ciências afins e das artes compõem um conjunto interdisciplinar que favorece a adesão e permanência dos/as jovens na EBJ. A metodologia utilizada estimula o/a jovem para o compromisso e desperta nele/a uma maior identificação com a proposta oferecida. As informações e saberes que os/as jovens recebem e trocam repercutem em suas vidas, levando-os/as a um maior interesse pelos estudos e a uma maior sensibilidade e respeito ao diferente, portanto, a uma maior solidariedade.

À medida que as etapas da Escola evoluem, um vasto conjunto de conhecimentos vai se acumulando, o que resulta no empoderamento de quem faz esse caminho de estudo. Quem amplia seus conhecimentos e domina os conceitos

sobre determinados temas pode participar mais e diferenciadamente da vida social, interagindo com diferentes grupos.

O uso de mediadores simbólicos, como os ritos, a liturgia, a festa e o grupo são parte constitutiva do caminho metodológico para trabalhar a Palavra com jovens. O contato com a Leitura Orante, com as hermenêuticas feminista e de gênero como método de estudo e oração dos textos sagrados faz brotar nos/as jovens da EBJ maior sensibilidade para com as pessoas. Isso implica no desenvolvimento de uma espiritualidade relacional que leva os/as jovens a irem ao encontro uns dos/as outros/as, a ampliarem sua rede de relações, a fortalecerem e intensificarem sua compreensão e relação com Deus.

Assim como as mulheres (hermenêutica feminista) e os pobres (Teologia da Libertação), consideramos que também os/as jovens podem fazer um caminho próprio e acrescentar um ponto de vista original a respeito de Deus e da vida. O processo pedagógico e político da Teologia da Libertação conseguiu situar os pobres no lugar central de um caminho teológico. As chaves feministas e de gênero chamam a atenção para a situação e para a sabedoria das mulheres. Processo semelhante está se fazendo com os/as jovens, que falam e escrevem quem é Deus para si, a partir da etapa da vida em que estão, do lugar social onde vivem e dos sonhos que projetam.

À medida que foi avançando, o projeto da EBJ construiu sua identidade e demarcou sua originalidade. A leitura bíblica feita por jovens nessa proposta se diferencia de uma leitura feita por adultos porque a sua maneira de falar da vida, de suas relações e sentimentos tem as características próprias da fase de quem está estruturando concepções. A partir de sua dinâmica, a EBJ abre espaço para que os/as jovens expressem quem é Deus, a partir do seu jeito de ser e de se relacionar

com Ele. Esse discurso jovem sobre o transcendente produziu os primeiros ensaios de uma hermenêutica do/a jovem.

Aqueles/as que vivenciaram a experiência da EBJ e participaram dessa pesquisa testemunham nos seus escritos que o caminho percorrido em busca da formação bíblica interferiu positivamente nas suas vidas, fortalecendo-os/as na fé, bem como contribuiu para que amadurecessem suas relações consigo mesmos, com a família e com as outras pessoas da caminhada. Essa experiência de evangelização aproxima os/as jovens da Bíblia e os/as ajuda a manifestarem sua espiritualidade. A EBJ tem uma dimensão de cuidado e de ternura que integra os/as jovens em todas as suas dimensões e os/as projeta para o compromisso com a construção de um outro mundo possível.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Ronaldo R.M. e CHAVES, Maria de Fátima G. Juventude e filiação religiosa no Brasil. In: *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*, vol. 2. Brasília: CNPD, 1998.
- ARMANDO, Sebastião. *Que todos sejam um*. In: VV.AA. *Bíblia e Atitude Ecumênica*. Série "A Palavra na Vida" nº 93, p. 7-13. São Leopoldo: CEBI, 1995.
- BARBOSA, Maria de Fátima Braz. *Pessoa e Pastoral da Juventude – Estudo da visão integrada ou dicotômica de pessoa subjacente à Pastoral da Juventude da Diocese de Nova Iguaçu*. Dissertação de Mestrado em Teologia. Rio de Janeiro: PUC, 1996.
- BARROS, Marcelo. *O espírito vem pelas águas*. São Leopoldo: CEBI, Ed. Rede, 2002.
- BOBSIN, Oneide. Tendências religiosas e transversalidade – Hipóteses sobre a transgressão de fronteiras. In: *Estudos Teológicos*, Ano 39, nº 2, São Leopoldo: EST, 1999.
- BOFF, Leonardo. *América Latina: Da conquista à nova Evangelização*. São Paulo: Ática, 1992.

- _____ *Ecologia Mundialização Espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1993.
- _____ *Nova Era: A Civilização Planetária*. São Paulo: Ática, 1994.
- BORAM, Jorge. *Juventude, o grande desafio*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BRITO, Walderes (Org.). *Escola Bíblica para Jovens, Sete Olhares*. São Paulo: Ed. Loyola, 2001.
- _____ *Escolas Bíblicas para jovens do Regional Centro-Oeste. Informativo da CAJU*, p.1, Goiânia: janeiro de 1998, nº 78.
- BRUNO, Rezende e GONÇALVES, Vanildes. O lúdico. in: BRITO, Walderes (org.) *Escola Bíblica para Jovens, Sete Olhares*. São Paulo: Loyola, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CASA DA JUVENTUDE PE. BURNIER. *Calendário de Atividades 1985*. Mimeo. Goiânia: 1985, p. 1.
- _____ *Instrumento de preparação da Assembléia dos 10 anos*. Goiânia: 1994, p. 2.
- _____ *Plano de atividades 1992*. Goiânia: 1992, p. 1 e 2.
- _____ *Escola de Educadores de Adolescentes e Jovens – Projeto Global*. Goiânia: 2000.
- _____ *Plano de Ação Global Gestão 2003*. Goiânia: 2003.
- _____ *Plano de Ação Global Gestão 2004*. Goiânia: 2004, p. 2 e 11.
- CELAM. *Civilização do amor: tarefa e esperança – Orientações para a Pastoral da Juventude Latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- _____ *Revista Medellín*. nº 94, Bogotá: 1998.

- CNBB. *Marco referencial da Pastoral da Juventude do Brasil*. São Paulo: Paulus, 1998. (Col. Estudos da CNBB, nº 76).
- _____. *CF.1992. Texto-base. Juventude Caminho aberto*. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1992.
- COHEN, Abner. *O homem bidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II *Constituições, decretos, declarações*. 8ª edição. Petrópolis: Vozes, 1974.
- Conclusões da III Conferencia Geral do Episcopado Latino-americano. Texto Oficial. São Paulo: Paulinas, 1979.
- CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa – Uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- DICIONÁRIO HOUAISS da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- DUMONT, Louis. *Homo hierarchicus – O sistema das castas e suas implicações*. São Paulo: Edusp, 1992.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Tradução de Paulo Neves, São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. *O Sagrado e o Profano*. Tradução de Rogério Fernandes, São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FIORENZA, Elizabeth Schüssler. *As origens cristãs a partir da mulher - Uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2002.

- _____. *Pedagogia da Autonomia saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2002.
- GAARDER, Jostein et alii. *O Livro das Religiões*. Tradução de Isa M. Lando. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Tradução de Martha Conceição Gambini, São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- GROPPO, Luís Antonio. *Juventude. Ensaio sobre sociologia e Histórias das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence (Org.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- IANNI, Octavio. Globalização e diversidade, In: *A Era do Globalismo*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- LEACH, Edmund Ronald. *Antropologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- LEERS, Bernardino. *Filosofia, Moral, Ética, Família e Sociedade no Brasil (1964-1984)*. In: RIBEIRO, Ivete (org.) *Família e Valores*. São Paulo: Loyola, 1987, p. 121-164.
- LIBÂNIO, João Batista. *O que é Pastoral?* São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LOBATO, Josefina Pimenta. *Amor, desejo e escolha*. Rio de Janeiro: Record/ Rosas dos Tempos, 1997.
- MADURO, Otto. *Religião e Luta de classes*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Magia, Ciência e religião*. Lisboa: Ed. 70, 1988.
- MARINS, José et al. *Martírio memória perigosa na América Latina hoje*. São Paulo: Paulinas, 1984.

- MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna*. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995.
- MARTIN, Hans-Peter e SCHUMANN, Harald. Tudo em toda parte – O impacto da globalização e fragmentação global, In: *A Armadilha da Globalização: O Assalto à democracia e ao bem-estar social*, São Paulo: Globo, 1999.
- MAUSS, Marcel. A prece In: *Mauss*. São Paulo: Ática, 1979.
- MESTERS, Carlos e PEREIRA, Nancy Cardoso. *A leitura popular da Bíblia: Á procura da moeda perdida*. São Leopoldo: CEBI, 1994. (Série: A Palavra na vida nº73).
- MESTERS, Carlos. *Flor sem defesa*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- NEUENFELDT, Elaine Gleci. Gênero e hermenêutica feminista: dialogando com definições e buscando as implicações. In: *Hermenêutica Feminista e Gênero*. São Leopoldo: CEBI, 2000, p. 45-55. (Série: A Palavra na vida nº155/156).
- O'DEA, Thomas. *Sociologia da Religião*. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1969.
- OLIVEIRA, Juarez de Castro et alii. Evolução e características da população jovem no Brasil. In: *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD, 1998.
- ORLANDO, Florisvaldo Saurin, *Processo grupal - etapas*, São Luís de Montes Belos: 1989. (Mímeo).
- OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1995.
- PACE, Enzo. Religião e globalização In: *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____ O futuro das religiões na Europa In: *Religião e sociedade*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998, v. 19, nº 1, pp. 19-28.

- PAES, Margarida. O que considero ser uma hermenêutica de gênero. In: *Hermenêutica Feminista e Gênero*. São Leopoldo: CEBI, 2000, p. 24-25. (Série: A Palavra na vida nº155/156).
- PARKER, Cristián. A religiosidade urbana. Impacto da urbanização na religião numa sociedade subdesenvolvida. *Revista Eclesiástica Brasileira - REB*, p. 281-300. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. *Religião popular e modernização capitalista outra lógica na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PENENGO, Horacio G. Discernir y realizar el proyecto de vida. *Medellín*. Bogotá D.C: vol. XXIX, nº113, p. 187-220, março 2003.
- PEREIRA, Joana Santos. O enredo das redes de jovens. *Tempo e Presença*, Rio de Janeiro: nº 321, p. 7-10, janeiro-fevereiro, 2002.
- PIAZZA, Waldomiro O. *Religiões da Humanidade*. São Paulo: Loyola, 1991.
- PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a questão religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- PRANDI, Reginaldo. A religião do planeta global In: *Globalização e Religião*, Petrópolis, Vozes, 1999.
- REIMER, Ivoni Richter. *O Belo, As Feras e o Novo Tempo*. São Leopoldo: CEBI, Petrópolis: Vozes, 2000.
- RODRIGUES, Lourival. A Casa da Juventude Pe. Burnier. In: *PJ a Caminho*. nº74. Porto Alegre: p. 37, 1998.
- ROCHER, Guy. *Sociologia geral*. Lisboa: Presença, 1971.
- SAMUEL, Albert. *As Religiões Hoje*. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1997.
- SCHLESINGER, Hugo e PORTO, Humberto. *As religiões ontem e hoje*. São Paulo: Paulinas, 1982.

- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife: SOS Corpo, s.d. [original 1989].
- SEJ-CELAM. *Proyecto de Vida: Camino vocacional de la Pastoral Juvenil*. Santa Fé de Bogotá: CELAM, 2003, nº162. (Colección Documentos CELAM).
- TAMEZ, Elza. In:TEPEDINO, Ana Maria /AQUINO, Maria Pilar. *Entre la Indignación y la esperanza*. Colombia: 1998.
- TRINKS, Albano. *Planejamento e programação de atividades da CAJU – 1985*. Goiânia: 1985, 3p. (Mimeo).
- VELHO, Otávio. Religião e modernidade: roteiro para uma discussão In: *Besta-Fera: Recriação do Mundo – Ensaios Críticos de Antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- VIJVER, Enrique. La búsqueda de sentido In: *Desafíos a la fé en tiempos de globalización*. Quito: CLAI, 2000.
- WACH, Joachim. *Sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1990.

ANEXOS

PESQUISA – ENTREVISTA

A entrevista foi realizada apenas com jovens que estão entre os 151 ex-participantes da EBJ que concluíram os dois anos de estudo.

PERFIL DOS ENTREVISTADOS

a) Número de entrevistados: 16

b) Sexo

- Mulheres: 6 – 37,5%
- Homens: 10 – 62,5%

c) Idade

- 21 a 25: 7 – 43,75%
- 26 a 30: 5 – 31,25%
- 31 a 34: 4 – 25%

d) Residência

- Goiânia: 14 – 87,5%
- Outras cidades (Brasília: 1; Luziânia: 1): 2 – 12,5%

QUESTÃO

1. A Escola Bíblica tem repercussão na sua vida? Caso afirmativo, mencione algumas; caso negativo, por que não?

RESPOSTAS

1. M.R. – 24 anos – Goiânia/GO

A Escola Bíblica repercutiu em todas as dimensões da minha vida. De forma direta e indireta. Destaco alguns aspectos: primeiramente a minha visão e compreensão do mundo, e a forma que me relaciono com ele. Em segundo, a minha relação com Deus, hoje percebo-a mais livre e madura.

Conhecer e estudar sobre a vida do povo da Bíblia, me fez perceber a realidade político-social na qual estou inserido e perceber/conscientizar minhas posturas e ações diante dela. Fazer a experiência da Escola interviu nas relações com as pessoas, me sensibilizou, me ternizou, alargou meu coração para com as pessoas de meu convívio. Bem como, me fez reafirmar meu seguimento a pessoa de Jesus Cristo e pela Igreja/popular que de seu seguimento surgiu.

2. C.G. – 28 anos – Brasília/DF

Sim, muita...

- Mudou minha relação com Deus. Menos tabus, menos medo, quebra de paradigmas, desconstrução da catequese conservadora e reconstrução de novas relações.
- Passei a ter amor pela Palavra de Deus;
- Conheci a Casa da Juventude. Espaço sagrado para mim e para a juventude do Centro-Oeste;
- Desenvolvi trabalhos de assessoria bíblica nas Escolas para Jovens e na catequese local;
- Conheci lugares e pessoas, através dos cursos e assessorias;
- Fiz novas, grandes e belas amizades;
- Através da Escola Bíblica fiz também a Escola de Liturgia, que trouxe conhecimentos, novidade, beleza e sabor para minha vida.

3. B.E. – 34 anos – Goiânia/GO

- Houve uma maturidade da minha fé: Conhecendo a formação de um povo que deixou um legado contando, sua história de fé num Deus único;
- Fortaleceu minha crença: conhecendo as celebrações, as resistências, os testemunhos e as profecias registradas e celebradas na Escola Bíblica;
- Proporcionou um saber que esclarece inúmeras questões, dentro desta complexa história judaica cristã, quanto a: datas, personagens, povos, constituição de impérios e suas dominações;
- A certeza de que vale a pena o seguimento de Jesus Cristo, um homem marcado pela clareza de sua opção ao lado dos sofridos de seu tempo e com uma proposta que encanta inúmeras gerações;
- A escola possibilitou enxergar que viver a fé cristã não é separado da labuta cotidiana para manter a vida. Possibilitou ainda viver a fé com criatividade, alegria e beleza.
- Repercutiu de maneira a compreender algumas dúvidas e questionamentos bem como, criou outras inúmeras dúvidas e questionamentos, no entanto, a maneira de enfrentar essas questões hoje se dá de maneira mais calma e planejada sem perder o ardor;

- Por último, que a dúvida não é razão de condenação, mas caminho para construir verdades;
- Agora sim, por último, possibilitou uma maturidade maior na ajuda de processos que outros fazem.

4. L.E. – 31 anos – Goiânia/GO

Algumas repercussões da Escola Bíblica para Jovens em minha vida:

Quero iniciar com um dos pontos que considero fundamental para a acolhida da Escola Bíblica. A disciplina. Na minha vida a disciplina em organizar o tempo para estudo e o ato de leitura ficou mais apurado e profundo. As chaves de leituras usadas nas escolas bíblicas nos aproximam mais da obra. Esta aproximação proporciona questionamentos e exige posturas. Tudo isso me fez uma pessoa mais atenta.

Os dois anos de estudo da Palavra se deram de forma muito integrada. Houve momentos em que os desafios profissionais foram superados pelas experiências vividas na escola. A metodologia que insere a palavra na vida e vice-versa foi essencial para elaboração do meu projeto de vida e que hoje me dá tanto prazer e alegria.

A capacidade de elaborar uma reflexão crítica sobre as questões político-econômico-social-ecclesial e cultural fundamentada na Bíblia é a grande contribuição da Escola Bíblica para a Juventude.

5. A .L. – 30 anos – Goiânia/GO

A Escola Bíblica teve repercussão em três aspectos principais em minha vida.

No aspecto comunitário no trabalho com a Pastoral da Juventude houve grande avanço, pois o conhecimento da caminhada do povo de Deus, como foi constituída a Bíblia através da experiência de vida desse povo, depois no Segundo Testamento as atitudes de Jesus diante do sistema opressor do Império Romano em defesa do povo sofrido e explorado. Com isso procuro fazer com que a juventude possa fazer reflexão a partir de sua realidade frente a Igreja, sociedade e o sistema governamental que vivemos, a partir daí tomar uma atitude de melhoria para sua vida.

No aspecto do meu trabalho, a Escola tem me ajudado na formação profissional diante dos conhecimentos adquiridos consigo fazer reflexões sobre

determinadas situações, onde obtenho argumentos que me ajudam em relação aos clientes e os parceiros que trabalham comigo. Com isso as negociações se desenvolvem de forma satisfatória para ambas partes.

Já no aspecto pessoal a repercussão é grande. Após os dois anos de Escola, faço uma análise sobre minha vida, vejo o quanto meus conceitos mudaram, como me relaciono melhor na família, amigos, Igreja, trabalho bem como, em todo ambiente de vivência, pois aprendi a respeitar as pessoas e entender o seu limite diante de determinadas situações, compreendendo seu contexto social, ideológico, a falta de formação que às vezes dificulta a convivência. Diante do exposto tento usar a minha formação voltada para o amor incondicional que Jesus tinha para com as pessoas, esse amor maduro e consciente no qual procuro vivenciar com as pessoas do meu convívio pra que tenhamos relações harmoniosas.

6. L.A. – 29 anos – Goiânia/GO

Particpei da Escola Bíblica num período de muitas buscas, de mudanças. Foram meus primeiros dois anos de experiência vocacional. Para mim foi um tempo de descobertas, conflitos, dúvidas e questionamentos, os quais me levaram a um amadurecimento muito grande na minha relação com Deus e com os outros. Perceber Deus no outro e vice-versa foi um achado importante para reafirmar meu serviço ao outro, minha gratuidade e minha opção pelos menos favorecidos.

Hoje, após 4 anos, sei o quanto que a Escola Bíblica tem repercutido na minha vida. Vejo as pessoas, o mundo e a mim com outro olhar, um outro ângulo, mais positivo, mais humano, mais bondoso. Aprendi a analisar, a escutar e partilhar, perceber as necessidades do mundo de hoje. É impossível voltar anterior à Escola Bíblica. Hoje tenho um olhar mais aguçado, mais crítico da história, sei distinguir o bem do mau, o belo do feio, a justiça da injustiça.

A Escola me fez conhecer os fatos, acontecimentos, pessoas, experiências de tempos antigos e de hoje. Com isso, estimulou minha curiosidade, meu anseio. Me provocou e me fez mais inquieto e insatisfeito diante da atual situação em que o mundo se encontra, cheio de tanta injustiça.

A Escola para mim abriu um caminho para amar. Para amar é preciso conhecer. A Escola me ajudou a conhecer este amor, fez crescer o conhecimento para o bem. Tudo que aprendi durante a escola, de uma forma ou de outra está em mim, nas minhas ações, opções, no meu jeito de viver.

Tornei-me uma pessoa mais madura, pois com a Escola, reconheci minha experiência de vida, por diversas vezes percebo trechos da minha história na história de Jesus. A história de Jesus se mistura com a história dos nossos povos sofridos. Descobri minha verdadeira história, minha experiência, minha realidade, descobri a mim mesmo. Com esta descoberta passei a outra fase, superar a mim mesmo, deixar o meu pequeno mundo e ver um mundo mais amplo, menos mítico. Perceber as crianças, os/as velhos/as, os/as jovens, a natureza, os/as pobres, a mulher, o homem com os olhos de Deus.

A Escola me proporcionou ver o rosto de um Deus Amor, Justo, Humano e Presente no meio daqueles que são perseguidos pela injustiça.

7. P.J. – 28 anos – Goiânia/GO

Sim, a Escola Bíblica tem repercussão em minha vida, pois me considero uma pessoa apaixonada pela Bíblia, mas antes sem referencial teórico, que foi no mais a Escola Bíblica me ajudou.

Pude ver a Bíblia em suas nuances, e não só a bíblia com a sua mística, isto sem perder a essência, ampliando assim a minha visão com o todo, e me fazendo perceber que como o povo que escreveu a Bíblia, também viveu, sofreu se alegrou e sobretudo, nos deixou um legado muito grande.

8. V.H. – 24 anos – Goiânia/GO

Sim. Falar da escola bíblica para mim é sobretudo compreender e partilhar da minha cosmovisão antes e depois da mesma. Eu venho de família pobre, recebi uma educação sempre voltada para honestidade e a responsabilidade, na minha família meu pai representava o papel de autoridade máxima, minha mãe era é claro, passiva diante do patriarcalismo que meu pai exercia em nossa família, pois ela foi educada também para isto. Obedecer ao marido. Foi neste berço que fui me constituindo enquanto pessoa e conhecendo a sociedade, também foi esta imagem de Deus que eu absorvi.

É neste ponto que vou tentar explicar a repercussão da Escola Bíblica em minha vida. Ter uma imagem de Deus que castiga, fiscaliza, oprime os que não fazem sua vontade e protege aqueles que lhe são obedientes. Esta imagem de Deus é muito prejudicial para nossas relações sociais, muitas vezes somos espelhos do

ser superior que acreditamos. E foi justamente na imagem de Deus que a Escola Bíblica me ajudou a libertar de uma série de pré-conceitos e 'verdades' que eu tinha, que não ajudava em nada para minha pessoa socialmente dita.

Com o processo que fizemos juntos, etapa por etapa, eu aprendi que Deus não é este ser assustador que na relação que tive com meus pais eles me repassaram. Que ao meu ver é extremamente prejudicial para qualquer pessoa. A Escola Bíblica teve sim repercussão em minha vida por que foi nela que aprendi que Deus é amor, mas não é um amor pela metade é se entregar totalmente sempre em direção ao próximo. E foi aprendendo e compreendendo que é da vontade do ser Divino, que todos e todas poderemos cada dia ser mais felizes, que me coloquei a caminho.

9. V.L. – 24 anos – Goiânia/GO

Sim. Ela é para mim uma experiência forte de encontro com a palavra, escrita por comunidades hebraicas e judaicas que vivenciaram e cultivaram as alegrias e tristezas de se sentirem um povo escolhido por Deus. A palavra soa aos meus ouvidos como uma recriação e criatividade de nossa existência, da minha procura constante de ser mais gente, humano; permitindo viver as relações com as pessoas e a natureza de forma que esta seja continuidade e extensão do meu corpo, de minha afetividade, comungadas e traduzidas na espiritualidade do meu cotidiano.

Outra resposta é a transformação do exercício de leitura bíblica através da educação popular, segundo a qual há um aprendizado ensinado e um saber compartilhado. Aquilo que conheço é socializado entre educador e educando.

A Escola Bíblica possibilitou colocar nas minhas mãos, coração e razão de jovem o desafio de ajudar outros jovens e adultos a amadurecerem a fé deles e delas, além de me permitir o encontro profundo da palavra no seio da comunidade de Deus autenticamente sentido e conspirado no meio dos mais empobrecidos.

A Escola Bíblica também serviu aos meus olhos para dar significado a beleza de Deus e da juventude, que releo esse contato a partir do lúdico e da esperança.

10. E.W. – 24 anos – Goiânia/GO

“Os homens são assim: pensam como sábios e agem como tolos”. Sempre quis saber mais, compreender mais, relacionar mais e comparar mais as histórias contadas na Igreja, os sermões baseados naquela autêntica frase “papai do céu vai

te castigar” e até aquelas parábolas incompreensíveis, do ponto de vista de uma criança. E tudo isso sempre martelando e mexendo com o que acreditar e o que fazer, pois a catequista, o padre dizem uma coisa e fazem outras. E nesta busca de compreender minha/nossa história, fui participar da VI Escola Bíblica para Jovens na Casa da Juventude.

As repercussões foram várias e tamanhas, a ponto de ajudar a clarear projeto de vida a longo prazo, e em curto prazo, fiquei tão encantado que busquei fazer um curso acadêmico que me levasse a conhecer melhor as origens dos povos, optei inicialmente por “história”, e assim dois anos foram dedicados a este estudo, porém no meio do percurso percebi que junto a este conhecimento faltava adicionar algo, talvez clarear idéias, escrever coerentemente, lirizar o não lírico e quem sabe perceber outros olhares “literários”, para enriquecer o conteúdo.

Assim estou, continuo a buscar o que posso e tento usufruir os mesmo juntos aqueles que me cercam. Na comunidade, temos um grupo de estudo bíblico e prestamos assessorias, como ação concreta realizamos “noites bíblicas” , que acontecerá em setembro de 2003. Na vida profissional, a Escola me ensinou que por mais sério e restrito o ambiente de trabalho, um momento de reflexão, mensagem, estória ou leitura, ajuda o desenvolver do trabalho.

Na vida pessoal continuo pensando muito ou talvez como um sábio, mas ainda tenho ações infantis e imaturas. Mas graças a Deus a Escola Bíblica me mostrou que para seguir os passos de Jesus devo ser cada dia, semana, mês e ano um ser verdadeiramente humano, capaz de errar e reconciliar.

11. C.W. – 31 anos – Goiânia/GO

Sempre gostei do contato com a Bíblia e depois de minha graduação em história passei a gostar ainda mais.

Entretanto, foi com as Escolas Bíblicas que encontrei portas mais bem definidas para poder ler a Bíblia e fazer esta leitura ressoar na vida. Posso dizer hoje que ter participado das EBJ's me ajudou a dimensionar e definir meu cristianismo.

12. V.C. - 23 anos – Luziânia/GO

Hoje tenho plena consciência da opção espiritual que fiz. Sempre fui católica, mas era por herança da família. A Escola Bíblica me fez conhecer infinitas contradições: dentro da instituição Igreja, nas relações tecidas em comunidade

(religiosa ou não); nas interpretações de cristianismo, judaísmo e outros; nos textos bíblicos; nas relações sociais e intrapessoais do cotidiano. Descobri na Bíblia um livro de vida comum. É a história de pessoas, momentos, credos. A gente pode produzir uma “bíblia” hoje, da nossa vivência. Nessa descoberta percebo o meu valor, o valor da minha comunidade e das pessoas que me cercam. E o mais fantástico: Deus está agora como estava para Moisés, para Jesus. Hoje eu o enxergo, como “apareceu” para esses “personagens” todos. Isso é o mais fantástico: assumindo a humanidade /realidade/ “comunalidade” dos relatos bíblicos, descubro a grandiosidade que somos. Deus é/ está em nós. Aquele povo merece memória porque ele nos leva a perceber Deus em nossa vida também. Eles eram “pecadores” (como nós) mas viveram e fizeram momentos lindos, místicos. Assumo hoje minha religião católica – agora por opção! – respeitando outras opções e as falhas humanas dentro delas.

A experiência/vivência espiritual é tão forte e concreta na Escola Bíblica que contagiou-me por completo. Aprendi a tolerância, a justiça social (buscá-la em meus espaços), o respeito pela pessoa humana em todas as dimensões.

Deus está em mim, no outro, na história na natureza e em toda expressão humana. Depois de ter conhecido o Deus que a palavra revela, é impossível não se transformar. Tudo é sagrado, porque Deus se manifesta na vida. Deus é vida e liberdade. Finalmente, acho que a V.C. pós- Escola Bíblica é mais V.C. porque a palavra é fonte de identidade, razão, emoção e fé. Sou mais humana. Sou mais divina.

13. B.A - 31 anos – Goiânia/GO

A Escola Bíblica para Jovens, teve sem sombra de dúvida uma repercussão extremamente positiva em minha vida, contribuindo para meu amadurecimento enquanto pessoa, homem e enquanto cristão.

O processo intensivo e permanente de estudo além de exigente e sofrido ia aos poucos tirando nossa visão simplista, baseada no senso comum da pessoa de Jesus Cristo, das coisas de seu tempo, de sua realidade, éramos obrigados a desconstruir conceitos, a entendermos os fatos e sua história. O que foi mais lindo que nada abalava nossa Fé e nosso acreditar na pessoa de Jesus Cristo, pelo contrário íamos nos apaixonando cada vez mais por sua pessoa.

A Escola Bíblica me aproximou de um novo Deus, um Deus acolhedor, terno, próximo e real, que nos aceitava e nos amava acima de tudo. Tive a oportunidade de ficar frente a frente com Deus. Deus se deixou ser conhecido e permitiu que eu o conhecesse.

A Escola é positiva porque ela não traz respostas únicas e verdadeiras, é positiva porque te dá oportunidade para que você busque respostas através da palavra. VINDE E VEDE COMO DEUS É BOM.

Tive ao longo desses dois anos de estudo da/sobre a palavra momentos de sabores e desabores, pois tive que refazer conceitos que para mim eram extremamente verdadeiros, pois sou fruto de uma catequese que embasava a imagem de Deus, que não o revelava de fato, que determinava o certo e o errado, que não fazia a gente enxergar além do horizonte e da palavra. É preciso saber ler nas entrelinhas, quem nos ensinou isso? A escola? A igreja? A pastoral?!

O tempo passou, eu ia me tornando conhecedor da palavra, ora era discípulo, ora era profeta, porque assim acredito que foi chamado de Deus para minha vida n'aquele momento, n'aquela ocasião.

O ENCONTRO com a palavra foi pra mim o encontro com um Deus que até então estava desconhecido, oculto, ainda não havia me revelado a plenitude de Deus. A transfiguração veio se efetivar com a Escola Bíblica. Tive a oportunidade de me aceitar e de me amar da minha maneira do meu jeito e com meus desejos. Tive a oportunidade de querer construir esse novo céu e essa nova terra, e a sonhar com novas relações na família, no trabalho e na vida, porque o nosso Deus é Vida e vida plena.

Acredito que a humanidade tenha ganhado com esse novo homem que nasceu a partir do encontro com a palavra, pois hoje não sinto mais vergonha de mim e tampouco em anunciar a palavra e a proclamar como é grande a misericórdia de Deus, me tornei um profissional mais humano nas relações com os outros, me tornei um cristão mais corajoso em aceitar os projetos de Deus, me tornei um homem mais feliz assumindo a solidão em ser diferente. Hoje tenho uma relação diferente com o criador, sou mais amigo de Deus e sinto que ele também é mais meu amigo.

Agradeço pela oportunidade de ter feito a Escola, sei que deveria estar me aprofundando mais, buscando mais, crescendo mais, dando testemunho das maravilhas experimentadas na escola, mas não deu por causa das outras opções de

vida, reafirmo que valeu, valeu por quê? Porque sou mais feliz com esse novo Deus que me foi revelado.

Obrigado.

14. M.F. - 21 anos – Goiânia/GO

Eu sou natural de uma cidade do interior de Goiás chamada Santa Helena, pertencente à diocese de Jataí. Uma diocese que dificilmente se ouve falar em Teologia da Libertação, então já dá para perceber como houveram alguns choques entre a teologia da minha comunidade de origem com a teologia apresentada pelo CEBI e pela CAJU. Mas posso dizer que aconteceram grandes mudanças na minha vida graças a leitura libertadora da Palavra que experimentei, vivenciei, e continuo experimentando e vivenciando.

Pude perceber o sentido de comunidade, pessoas que compartilham de um mesmo ideal, no nosso caso (CEBI, CAJU), buscando uma vida digna, cheia de realização para todos e todas, pois todos e todas somos filhos e filhas do Deus da vida.

Descobri um Jesus bastante humano, que sofreu, foi humilhado, mas não deixou de ser Deus. Um Deus pai que é cheio de amor que acolhe a cada um e cada uma em seus braços sempre dispostos a aconchegar quem tem necessidade e que me chama a fazer o mesmo com as pessoas que estão a minha volta. Essas descobertas se deram porque aprendi a não fazer uma leitura fundamentalista da Bíblia, mas perceber o contexto em que o texto foi escrito para iluminar a vida atual, vida presente em que o texto está sendo lido.

Acredito que a partir da Escola Bíblica que participei em 99 e 2000 refiz várias escolhas na minha vida. Uma delas é o curso superior, hoje faço teologia e acredito cada vez mais que vale a pena; não é necessário fazer um curso para “ganhar dinheiro”, mas é necessário fazer um curso que traga realização e nos faça mais humanos. Isso foi algo que apreendi no meu contato com a Palavra Libertadora; às vezes os acontecimentos nos afastam dessa “humanidade” de Deus, agimos ao contrário do que Jesus agiu, mas há sempre amigos de caminhada que nos fazem ver, tocar e sentir o cheiro e o sabor do Primeiro Amor, então retornamos à essência que é o Deus da Vida (não é qualquer “deuzinho” não heim!) É o Deus que quer ver todos e todas; homem, mulher criança, idoso, negros/as, brancos/as, muito felizes, realizados e realizadas em todos os sentidos da vida.

15. F.R. – 26 anos – Goiânia/GO

Sim, a Escola Bíblica repercutiu e ainda hoje repercute na minha vida.

Primeiramente, acredito que como todas e todos os que viveram esta experiência, passei por um processo de desconstrução e muitos questionamentos. Foi colocado em xeque o que eu acreditava ser minha fé, minha crença e em especial tudo aquilo que sabia sobre a Bíblia, desde aquilo que havia escutado por intermédio de meus pais e mestres até aquilo que já havia lido e refletido.

Antes as Escrituras eram pra mim tão sagradas quanto distantes. De uma realidade divina, porém que ao admitia questionamentos, reflexões mais profundas. Acredito que o excesso de respeito que injetam em nós sobre a Bíblia nos impede de ver o que há além das palavras, além daquilo que lemos. Para mim era uma verdade absoluta, divina, correta, válida para qualquer tempo, lugar ou circunstância.

A Escola me ajudou a ver além e perceber o quanto de nós mesmo, da nossa fé de hoje e da fé e tradição dos nossos patriarcas e matriarcas carregamos conosco. Fazia-se necessário perceber o contexto e o pretexto, como dizíamos, de cada texto que saboreávamos. Observando o tempo, a situação do povo, para quem se dirigia, em resposta ou questionamento a que... E em especial a distância, muitas vezes, do acontecimento em si e do momento em que foi escrito e somente a partir daí, que luzes estes fatos nos trazem para esta realidade diferente que vivemos hoje... Geralmente costumava fazer o inverso, já lendo pensando na mensagem e o contexto quase sempre era deixado de lado que diria o pretexto...

Sinto que este saber me deu uma liberdade imensa de me apaixonar a cada dia mais pela Palavra. Deixou de ser leitura para tornar-se diálogo, onde eu também pergunto, questiono, não somente escuto. Cada descoberta, cada reflexão, cada vivência me aproxima mais daquilo que por direito é meu, é nosso, é de todo o povo de Deus.

Destaco também o resgate das festas, das tradições, dos costumes de nossas mães e pais na fé o que os firmava neste elo de pessoas que mesmo em tempos diferentes caminham em direção a uma fé, a um Deus. O quanto foi e ainda é significativo para mim celebrar a Ceia Judaica!

E não parou por aí. Percebo que como diz a música: “sua Palavra é assim, não passa por mim sem deixar um sinal”, o bem que estas descobertas fizeram em mim repercutiram em vários aspectos da minha vida. Na minha relação com Deus,

em especial, da percepção da Graça que é o grande Dom que me une ao mistério: Deus não me ama porque eu sou bonzinho, mas pela ação da sua Graça! Vivenciar isto na Escola me fez sentir participante, integrante, na minha relação com Deus que antes era uma percepção diferente.

O bem desta descoberta me fez sentir integrado comigo mesmo, com meu eu, meu corpo, minhas emoções e sentimentos. Perceber que não há culpa e que Deus me acolhe do jeito que eu sou, com minhas qualidades e defeitos, assim como fez com todo o povo da Bíblia, às vezes brando como uma brisa leve, outras vezes bravo e ríspido como um trovão, com um abraço carinhoso ou com chicotadas na porta do templo. E neste ponto sempre me vem na memória o estudo da pessoa de Jesus, homem integrado encarnado no seu tempo na sua crença, que sofreu com tantas injustiças como nós e que às vezes se sentia até impotente, só, assim como também nós nos sentimos diante da realidade a nossa volta, mas que procurou do seu modo, dar mais sentido a vida de um povo sofrido, explorado e a aproximou do amor de Deus. Sua luta por dias melhores, mesmo que indo contra algumas leis de sua época é sinal pra nós de valorização da vida, principal dom de Deus para nós. E quando percebo seus traços nas pessoas e situações de hoje é para mim sinal visível da sua ressurreição.

Tendo a relação comigo mesmo e com Deus restabelecida estou mais livre para me aproximar das outras pessoas, tentando ser mais compreensivo diante as diferenças. E também estando mais atento aos sinais de exploração e manipulação que muitas vezes se encontram disfarçados e diluídos em belas intenções e palavras. Cada pessoa é única, especial, diferente e para Deus somos todos, todas parte do seu povo... Bons, maus, ricos, pobres, felizes, infelizes. Só que também Deus tem sua preferência e creio ainda mais que sempre estará ao lado dos pobres.

Uma coisa vai puxando a outra e por aí vai, na família, com minha mãe, minha irmã, minhas sobrinhas, no trabalho, no grupo de amigos, amigas, no meu relacionamento afetivo... Tudo vai tomando um novo sabor e ficando mais recheado de vida e isento de preconceitos, culpas. Não que as “crises” de fé deixaram de existir e que inda hoje às vezes eu não me sinta só, vazio e longe de Deus, o que acontece! Mas nestes momentos me recordo do povo zangado se sentindo longe de Deus, abandonado, amaldiçoado... Porém sei que Ele entende nossas crises, respeita o nosso tempo e fica ansioso aguardando nosso retorno para fazer festa assim como fez com o Filho Pródigo.

16. L.V. – 24 anos – Goiânia/GO

Sim, tendo em vista que a experiência com a Escola me ajuda a ressignificar fatos, comunidades e personagens bíblicos, uma vez que somos acostumados a fazer uma leitura mais fundamentalista da Bíblia Palavra, através de nossas experiências – com a catequese, por exemplo – e a Escola objetiva através de um conteúdo sistemático – com um pé na academia e o outro na realidade – a superar esse fundamentalismo, sem abrir mão das vivências/experiências de cada participante.

Isso possibilita que eu possa ‘alargar’ a minha compreensão das pessoas, do diferente, ampliar o meu senso crítico, questionando verdades tidas como absolutas.

A Escola com toda sua mística, espiritualidade, lúdico, festa, me ajuda com que eu reze a vida, as dores, alegrias, (in)sucessos, me animando, assim, na superação das dificuldades que norteiam meu dia-a-dia.